

Elizabete Chaves Coelho

**OLHARES IMIGRANTES:
LITERATURA JUDAICA NO BRASIL**

**Belo Horizonte
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
2008**

Elizabete Chaves Coelho

**OLHARES IMIGRANTES:
LITERATURA JUDAICA NO BRASIL**

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários – da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Letras – Estudos Literários.

Área de concentração: Teoria da Literatura.

Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lyslei de Souza Nascimento.

**Belo Horizonte
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
2008**

Dissertação aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof.^a Dr.^a Lyslei de Souza Nascimento (UFMG)
Orientadora

Prof.^a Dr.^a Nancy Rozenchan - USP

Prof. Dr. Élcio Loureiro Cornelsen - UFMG

Prof.^a Dr.^a Ana Maria Clark Peres
Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Letras
Estudos Literários – FALE/UFMG

Belo Horizonte, 2008

Para todos que amo.
Meus pais, minhas irmãs,
meus irmãos e meus sobrinhos.
Família feita de alegria.

Para Tomas,
que vive sob o signo da liberdade.

AGRADECIMENTOS

À professora Lyslei de Souza Nascimento pela dedicação e pelo respeito. Muito obrigado.

Aos meus amigos da Faculdade de Letras que sempre me incentivaram e apoiaram durante esse momento.

Aos coordenadores e aos colegas do NEJ (Núcleo de Estudos Judaicos – UFMG) pela qualidade das discussões teóricas e pelas significativas sugestões.

Aos amigos do COLTEC que torceram pelo meu sucesso. Um forte abraço.

À Universidade Federal de Minas Gerais por tornar possível a realização dessa pesquisa.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo traçar um panorama da presença judaica na história e, principalmente, na literatura brasileira a partir de fins do século XIX. Nesse período ocorreram profundas modificações na estrutura social européia que motivaram ondas migratórias da Europa para os Estados Unidos e países da América Latina, como o Brasil. Alguns desses imigrantes já eram escritores ou aqui se tornaram. Destes escritores que aqui aportaram foram escolhidos para análise dois contos de Samuel Rawet, Meir Kucinski e Jacó Guinsburg. A ficção produzida por eles representa a condição desses imigrantes no Brasil. Foi possível através dos aspectos histórico e literário construir um perfil dos imigrantes judeus e de sua atuação na sociedade brasileira. Os recém-chegados, na ficção de Kucinski (1904-1976), Guinsburg (1921) e Rawet (1929-1984), depararam com uma realidade totalmente diferente da que conheciam. Algumas características, como a língua, a cultura e a religião, criaram barreiras, para muitos, intransponíveis. Desse modo, esses personagens experimentaram momentos de sofrimento e exclusão. Outros, porém, enfrentaram os desafios, adaptaram-se à nova realidade e, através do humor, conseguiram sobreviver no Brasil.

Palavras-chave: Literatura, Imigração, Brasil, Europa, Judaísmo

ABSTRACT

The aim of this work is to trace a panorama of the Jewish presence in history and, mainly, in the Brazilian literature since the end of the 19th century. During this period, it has occurred profound modifications in the European social framework that motivated migration waves from Europe to United States and Latin America countries, such as Brazil. Some of the immigrants were already writers or they became it here. Among those writers that landed here, it were chosen two short stories from Samuel Rawet, Meir Kucinski and Jacó Guinsburg to be analysed. Their fiction production represented these immigrant condition in Brazil. It was possible, through historical and literary aspects, to make up a profile of the Jewish immigrants and their acting in the Brazilian society. The newcomers, in Kucinski (1904-1976) Guinsburg (1921) and Rawet (1929-1984) fiction, faced themselves with a totally different reality from that they previously knew. Some features, such as the language, the culture and the religion, created restraints that were, for many of them, impossible to overcome. In this way, these characters experienced moments of suffering and exclusion. Other ones, however, faced the challenges, adapted to the new reality and, through humor, they were able to survive in Brazil.

Keywords: Literature, Immigrantion, Brazil, Europe, Judaism

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1	
1 UM BREVE PANORAMA DA IMIGRAÇÃO JUDAICA NO BRASIL	14
1.1 O Brasil e a “Questão Judaica” (1995).....	14
1.2 Imigrantes e escritores judeus no Brasil (1997).....	21
1.3 Entre passos e rastros (2003).....	30
1.4 Experiência cultural judaica no Brasil (2004)	37
CAPÍTULO 2	
2 MEIR KUCINSKI (1904-1976)	45
2.1 Uma nota biográfica.....	45
2.2 Imigrantes e mascates.....	48
2.2.1 “Mona Lisa”: retrato de mulher.....	48
2.2.2 “Kádisch”: a oração de imigrante.....	57
CAPÍTULO 3	
3 JACÓ GUINSBURG (1921)	62
3.1 Uma nota biográfica.....	62
3.2 Língua e memória.....	68
3.2.1 “O que foi que ela disse?”: Experiência lingüística e cultural de um recém-chegado	68
3.2.2 “O retrato”: A compreensão de si e do outro.....	73
CAPÍTULO 4	
4 SAMUEL RAWET (1929-1984)	81
4.1 Uma nota biográfica.....	81
4.2 Crianças e mulheres.....	91
4.2.1 “Gringuinho”: retrato de dor na infância.....	91
4.2.2 “A prece”: retrato de mulher enquanto sofre.....	98
CONCLUSÃO	104
REFERÊNCIAS	112

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho será traçar um panorama da produção literária brasileira de caráter judaico no princípio do século XX. Para realizar esse intento, serão estudados três escritores representativos do período, a saber Meir Kucinski, Jacó Guinsburg e Samuel Rawet. De cada um deles, serão tomados, para leitura, dois contos que tratem da presença dos imigrantes judeus no Brasil e, conseqüentemente, das marcas deixadas por eles na sociedade e, também, na produção literária brasileira, a partir do século XX.

O período tomado para pesquisa nesta dissertação foi marcado por transformações estruturais radicais ocorridas nos setores mais significativos da sociedade européia, como o econômico e o político. Dentro e fora da Europa, atingindo vários países, guerras, perseguições políticas, religiosas e étnicas e um forte desequilíbrio nas relações econômicas impeliram ondas imigratórias a deixar o continente europeu se dirigindo a países, como os Estados Unidos, a Argentina e o Brasil. Não somente judeus compunham essas ondas imigratórias. Aqui, neste trabalho, interessa-nos avaliar, no entanto, este grupo humano, em suas múltiplas condições de viagem, que, retratado na ficção, aparece, em diferentes situações, assimilado ou aculturado no Brasil.

O contingente de judeus que aportou em terras brasileiras, nesse período, compunha-se das mais variadas origens e era proveniente de países diversos, de diferentes níveis sociais e profissionais. Havia alfaiates, agricultores, intelectuais. Entre os intelectuais, destacavam-se autores que já escreviam em sua terra de origem, como Meir Kucinski, e aqueles que começaram a escrever no Brasil, como Jacó Guinsburg e Samuel Rawet. A ficção construída por eles apresenta, em vários textos, a condição desses imigrantes na nova sociedade. Entrelaçando aspectos históricos à ficção, esses escritores compuseram, com a sua literatura,

um possível perfil dos imigrantes judeus e de sua adaptação na sociedade brasileira que, aqui, queremos, no que for possível, analisar.

Os recém-chegados, nos textos aqui analisados, num primeiro momento, apresentam-se deslumbrados com a natureza e a beleza do país e, em outros casos, tornam-se perplexos, ao depararem com as dificuldades do cotidiano. Diferenças lingüísticas, religiosas e culturais emergiram e isso gerou problemas que os imigrantes enfrentaram na convivência diária com os brasileiros e, também, com outros imigrantes, inclusive os de origem judaica. Daí, a estranheza, tanto sentida pelo imigrante quanto esboçada pelos brasileiros que com eles tiveram que conviver. Nessa trajetória, alguns enfrentaram problemas de adaptação pela diferença étnica, religiosa ou cultural, mas conseguiram se adaptar, fazendo do Brasil seu novo lar. Outros, profundamente marcados pela nostalgia da terra natal, sentiram a dor e o sofrimento, a solidão e o isolamento na sociedade brasileira. Esse contexto deverá ser analisado nos contos selecionados.

Essa análise será construída através de uma revisão de representações historiográficas que se mesclam à criação ficcional. Após se fazer um apanhado geral da produção científica sobre a trajetória da comunidade judaica no Brasil, será realizada uma seleção e uma análise dos contos, propriamente ditos. O exame das obras literárias dar-se-á a partir de critérios cronológicos norteados pela data de nascimento de cada um dos escritores. Assim, o primeiro autor focalizado será Meir Kucinski (1904-1976), em seguida, Jacó Guinsburg (1921) e, para finalizar, Samuel Rawet (1929-1984).

A importância da produção literária de natureza judaica marcará a escolha dos escritores e, posteriormente, de seus contos. O desconhecimento desse tipo de produção literária e, em especial, de sua relevância para a história da literatura brasileira aponta para a necessidade de se valorizar e pesquisar o material existente. Há no Brasil uma gama de escritores judeus que produziram literatura de alto nível tanto em termos técnicos quanto nos

conteúdos ali apresentados. Para a professora Regina Igel,¹ eles são pouco divulgados e, por isso, desconhecidos da grande maioria dos leitores.

No primeiro capítulo, intitulado “Um breve panorama da imigração judaica no Brasil”, será elaborado um painel da produção crítica a respeito da presença dos imigrantes judeus no Brasil. Começa-se por Jeffrey Lesser, em *O Brasil e a Questão Judaica: imigração, diplomacia e preconceito* (1995), depois Regina Igel com *Imigrantes judeus, escritores brasileiros* (1997), Berta Waldman em *Entre passos e rastros* (2003) e Mônica Grin e Néelson Vieira em *Experiência cultural judaica no Brasil* (2004). Esses estudos orientarão os exames que serão realizados posteriormente. Nesse recorte, o enfoque ora se dirige às marcas históricas ora à produção literária de um sem-número de autores que, muitas vezes, passam despercebidos para os estudos literários. Dados estatísticos, registros documentais, materiais encontrados em espaços públicos e privados, como bibliotecas, instituições governamentais, arquivos particulares, além de instituições de ajuda criadas pelas comunidades judaicas dão o aval às pesquisas realizadas pelos críticos.

A partir dessa introdução, serão analisados os três autores escolhidos. Cada capítulo será introduzido por uma nota biográfica seguida do exame de dois contos. No segundo capítulo, “Meir Kucinski (1904-1976): uma nota biográfica”, será examinada, num primeiro momento, a trajetória desse escritor no Brasil de sua saída da Europa até sua integração na sociedade brasileira. O escritor nasceu em Wlotzlawek, na Polônia, em 1904 e chegou ao Brasil já adulto, falecendo em São Paulo, em 1976. Seu percurso de vida foi marcado por ocasiões de alegria, como o nascimento de seus três filhos: Wolf, Bernardo e Ana Rosa, e, também, de dor e sofrimento, em especial, durante o período ditatorial, quando sua filha Ana Rosa, professora de química da Universidade de São Paulo, desapareceu. Em termos profissionais, Kucinski foi jornalista, ensaísta, crítico literário, professor de ídiche, além de

¹ IGEL, Regina. *Imigrantes judeus, escritores brasileiros: o componente judaico na literatura brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

escritor. Tanto na cidade polonesa onde residia quanto em São Paulo, continuou ativo nos círculos intelectuais e em permanente contato com jornais e revistas dentro e fora do Brasil. Além de exercer essas atividades, na Polônia, foi membro ativo do Partido Trabalhista Sionista e, igualmente, membro e pesquisador do Círculo Yivo, Instituto Científico Ídiche. Participou ativamente de instituições que promoviam a divulgação e a valorização da cultura ídiche em países, como os Estados Unidos e a Argentina.

Em 2003, as professoras Rifka Berezin e Hadassa Cytrynowicz organizaram a publicação em português de vários contos de Kucinski. Deram à coletânea de contos o nome de *Imigrantes, mascates e doutores*.² Ambas alunas do escritor demonstram seu respeito e sua admiração ao se referirem com carinho e saudade às aulas ministradas pelo mestre. Marcam suas lembranças a originalidade e o profundo conhecimento da língua e da literatura ídiche de Kucinski. Em seu prefácio ao livro, Berezin dá notícia dos escritos de Kucinski. O primeiro texto referido é *Nussekh Brasil (Estilo Brasil)*, publicado em 1963, e o segundo, *Di Palme Benkt Tzu der Sosne (A palmeira tem saudade do pinheiro)*, de 1985. A coletânea composta por Cytrynowicz e Berezin mescla os contos de ambos os livros do escritor. Nos contos selecionados pelas professoras, o escritor apresenta a condição do imigrante judeu no Brasil em contos de uma beleza rara. No novo contexto, como já dito, os personagens se depararam com as mais diversas dificuldades, incluindo-se as lingüísticas, as religiosas e as climáticas. Os contos representam esses imigrantes nos dilemas e desafios que o Brasil lhes impõe.

O terceiro capítulo, denominado “Jacó Guinsburg (1921): uma nota biográfica”, será dedicada ao escritor Jacó Guinsburg e sua produção literária. Guinsburg chegou ao Brasil ainda criança. Desde menino, percebeu, criticamente, as agitações que pairavam no meio social e político brasileiro. Pertencente a uma família pobre, segundo depoimento, trabalhou em vários tipos de atividades. Durante sua adolescência, participou, ativamente, dos

² KUCINSKI, Meir. *Imigrantes, mascates e doutores*. Organização e seleção de Rifka Berezin e Hadassa Cytrynowicz. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

acontecimentos na comunidade judaica. Ao longo de sua trajetória, enfrentou problemas profissionais até encontrar o trabalho que lhe agradava no meio editorial. Crítico, ensaísta, professor e escritor, Guinsburg sempre participou de encontros cujas discussões giravam em torno de assuntos ligados à arte, à cultura e à política. Um dos mais importantes grupos que integrou e que exerceu grande influência em sua vida foi o coordenado pelo filósofo, ensaísta e crítico Anatol Rosenfeld. Nesse ambiente, Guinsburg interessou-se por teoria teatral e, posteriormente, tornou-se professor de Teoria e Estética Teatral na Universidade de São Paulo. Além disso, o escritor fundou a Editora Perspectiva referência no mercado editorial brasileiro. Nos últimos anos, o escritor lançou, sobre a língua e a cultura ídiche, o imprescindível *Aventuras de uma língua errante: ensaios de literatura e teatro ídiche*,³ e, também, uma coletânea de contos denominada *O que aconteceu, aconteceu*,⁴ que trata da presença do imigrante judeu na sociedade brasileira. Dois contos pertencentes a essa coletânea serão analisados nesta dissertação. Os personagens imigrantes dos contos de Guinsburg parecem enfrentar o processo de adaptação na sociedade brasileira, sempre tentando resolver os problemas relativos à língua, à cultura, à religião com humor e ironia.

No quarto e último capítulo, tratarei da vida e de parte selecionada da obra de Samuel Rawet, em “Samuel Rawet (1929-1984): uma nota biográfica”. Rawet nasceu numa cidadezinha chamada Climontów, na Polônia. Chegou ao Brasil aos sete anos de idade e, conforme seu depoimento, sofreu duramente para se adaptar à sociedade brasileira. Sua vida de criança foi marcada pela perplexidade diante das características da nova sociedade. A cultura, a língua, a religião e os costumes eram totalmente diferentes da sociedade que conhecia. Rawet lembra-se do primeiro dia em que chegou ao Brasil, da sociedade organizada na cidadezinha onde morava, de momentos de sua infância e de sua adolescência no Brasil e, ainda, de sua participação nos clubes e nas atividades ligadas à comunidade judaica. Após

³ GUINSBURG, Jacó. *Aventuras de uma língua errante: ensaios de literatura e teatro ídiche*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

⁴ GUINSBURG, Jacó. *O que aconteceu, aconteceu*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

seus 20 anos, começa, ao que parece, uma crise de identidade ligada ao judaísmo. Nessa época, estudante de engenharia e, paralelamente, escritor, publica seu primeiro livro, *Contos do imigrante*,⁵ aos 26 anos. Elogiado por críticos respeitados declara que se sentiu constrangido, mas, de acordo com o seu depoimento, desapontou-o a indiferença da comunidade judaica, como um todo, em relação ao seu trabalho ficcional. Daí em diante desvincula-se dela até seu total desligamento, segundo Saul Kirschbaum, proclamado no ensaio “Kafka e a mineralidade judaica ou a tonga da mironga do Kabuletê”. Nele, rompe, violentamente, com a comunidade e, ao que parece, com tudo que ela representaria para ele. A partir desse momento, gradativamente, desenvolve um sentimento que poderia ser descrito como um auto-ódio. Em 1984, cada vez mais deprimido e isolado, é encontrado, após vários dias, morto, em seu apartamento, pelos vizinhos.

O escritor trabalhou como engenheiro e junto a profissionais renomados, como Oscar Niemeyer e Joaquim Cardozo, participou da construção de Brasília. Ao mesmo tempo, Rawet escrevia seus contos e novelas. Durante sua adolescência, tentou escrever peças teatrais, porém, após algumas tentativas frustradas, percebeu que seu caminho era a literatura. Seus textos ficcionais, assinalados pela originalidade e pela tensão, conduzem o leitor a um universo caracterizado pela densidade emocional, por sentimentos de angústia e solidão, de isolamento e inadaptabilidade. Além disso, conforme afirma Rosana Kohl Bines, a construção das narrativas foge aos padrões tradicionais exigindo dos leitores uma atenção redobrada.⁶

A história e a literatura percorrerão todos os capítulos desta dissertação. De forma contundente, o discurso histórico do registro dos imigrantes no Brasil e a invenção, o registro ficcional, entrecruzam-se nos contos que serão analisados. Espera-se, no decorrer do texto, que parte de lacuna da crítica literária brasileira seja aqui, de algum modo, preenchida.

⁵ RAWET, Samuel. *Contos do imigrante*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

⁶ BINES, Rosana Kohl. A prosa desbocada do ilustre escritor estrangeiro. In: GRIN, Mônica; VIEIRA, Nelson (Org.). *Experiência cultural judaica no Brasil: recepção, inclusão e ambivalência*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.

1 UM BREVE PANORAMA DA IMIGRAÇÃO JUDAICA NO BRASIL

1.1 O Brasil e a “Questão Judaica” (1995)

Lasar Segall retratou, em muitos de seus quadros, a trajetória histórica e cultural do povo judeu e a sua experiência de imigração no século XX. Em suas telas estão representados, de forma contundente, momentos decisivos em que os judeus foram impelidos a deixar seu país natal e buscar asilo em outras terras na esperança de que, nesse novo lar, as experiências traumáticas de perseguição e de intolerância religiosa pudessem ser esquecidas. Mas, em muitos desses destinos, eram considerados apátridas, desterrados e *personae non gratae*. As perseguições impetradas pela Inquisição na Península Ibérica, os massacres no leste europeu, *pogroms* e, posteriormente, o Holocausto (*Shoah*), obrigaram os judeus, em diferentes épocas, a se dispersarem em direção ao Novo Mundo.

O quadro “Navio de emigrantes”, de 1934/1941, paradigmático na representação da longa viagem empreendida pelos judeus, vítimas das perseguições e das péssimas condições de sobrevivência no leste europeu, emblematiza uma atmosfera sombria que funde a dor e a esperança dos personagens ali retratados. Nesse cenário, um navio segue seu curso no mar revolto. Um grande número de passageiros vive ali momentos angustiantes. Esse navio não é como os outros, porque transporta imigrantes e não simples viajantes. Estes carregam consigo não apenas poucos objetos materiais, mas, também, sonhos, desejos, esperanças. Os imigrantes vêm repletos de expectativas. Imaginam um lugar onde encontrarão paz, trabalho e prosperidade.

A arte de Segall e a produção literária de um número considerável de escritores judeus captaram, de forma lírica, a vivência desses imigrantes no Brasil. Também, historiadores,

sociólogos e críticos literários deram sua contribuição para o que poderia ser visto como uma história da imigração judaica no Brasil.

Em *O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito*,⁷ por exemplo, publicado em 1995, por Jeffrey Lesser, traça-se um dos mais significativos perfis a respeito da política imigratória no país, especialmente, na Era Vargas. Arrola-se uma série de fatos documentados e de dados estatísticos sobre a relação entre a imigração judaica no Brasil e o posicionamento do governo getulista frente à fixação desses estrangeiros em território nacional (e, também, sua reação diante da possibilidade de permanência do outro). O pesquisador norte-americano esboça, a partir desses dois eixos, um quadro minucioso que vai do debate sobre a imigração até a análise de uma sucessão de atos discriminatórios, culminando no que se passou a designar “A Questão Judaica no Brasil”. De acordo com Lesser:

A Questão Judaica no Brasil consistia, na realidade, em uma luta por parte dos líderes brasileiros para ajustar as visões intolerantes que se tinham sobre os judeus, infiltradas a partir da Europa, à realidade de que aqui a imensa maioria dos imigrantes judeus não era nem muito rica nem muito pobre, raramente se envolvia em atividades políticas e havia se aculturado rapidamente à sociedade brasileira.⁸

Ao analisar uma vasta documentação historiográfica sobre a época, Lesser revela como Getúlio Vargas e seus sucessores diretos, no período do Estado Novo, elaboraram uma política ambígua e contraditória em relação à imigração judaica. De um lado, diante dos representantes internacionais, a política brasileira, aparentemente, apresentava-se receptiva, aceitando a entrada e a permanência dos imigrantes no Brasil, divulgando uma propaganda humanitária e solidária à situação precária de muitos judeus na Europa. De outro lado, criou restrições à entrada destes no país através de leis, medidas e decretos que minavam a vinda e, assim, a esperança de salvação de muitos que sucumbiam às perseguições. Segundo Lesser, é

⁷ LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

⁸ LESSER, 1995, p. 23.

possível apontar para alguns fatores que provocaram atitudes xenófobas, geralmente, da elite brasileira, diante do “outro”, do estrangeiro em geral e, particularmente, dos judeus.

A imagem negativa do judeu foi criada, para Lesser, a partir de um aparato discursivo que era pautado por uma idéia de “raça” não-européia e, portanto, não-branca, inferior às demais oriundas do mesmo continente. Tal imagem foi, conforme Lesser, elaborada pela classe dirigente tradicional brasileira, em que predominava a retórica nacionalista e o discurso nativista. Dessa forma, a imigração judaica suscitará sentimentos preconceituosos, racistas e anti-semitas baseados, inclusive, em pensamentos pseudocientíficos originados na Europa, como, por exemplo, o Darwinismo social propagado por componentes do governo, em especial, pelo corpo diplomático, por intelectuais e por grupos políticos organizados, como a Ação Integralista Brasileira (AIB) que foi o mais destacado grupo que seguia normas conforme o movimento fascista antijudaico.

O cenário histórico europeu em fins do século XIX modificou-se drasticamente, afetando toda a sua população. A transformação no setor econômico em virtude da industrialização provocou a movimentação de um número elevado de pessoas do campo para as cidades e para fora da Europa. Paralelo a essa mudança, no continente europeu, a sociedade brasileira experimentava alterações radicais nos setores político e econômico com a Abolição da Escravatura (1888) e a Proclamação da República (1889). Além disso, iniciou-se um lento processo de urbanização em grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. É nelas que nascerá a elite urbana, representada pela burguesia industrial, e a classe média. Ambas se fundam fortemente ligadas à modernização, aos avanços técnicos, à industrialização e, ainda, às novas idéias “científicas” européias, como já foi dito, ancoradas, principalmente, no preconceito racial.

Após o fim da escravidão, os proprietários rurais foram obrigados a adaptar-se e a substituírem a mão-de-obra escrava pela imigrante. Nesse sentido, pressionaram o governo a

abrir os portos brasileiros aos imigrantes e a estimular, através de certas facilidades, a vinda de estrangeiros. Se, para a elite rural, os imigrantes eram bem-vindos, o mesmo não ocorria com a elite urbana. Esta via com desconfiança o “outro”, o “invasor”, particularmente, aquele pertencente à cultura judaica, porque, enquanto a elite nas cidades desejava a modernidade e o progresso do país, os judeus representavam, segundo esse ponto de vista, uma religião arcaica, organizada numa tradição cujos usos e costumes pareciam vir de encontro à modernidade desejada por parte dos brasileiros.

Pairava, nesse contexto, o entusiasmo pelo Darwinismo, pelo Positivismo e pelo Determinismo. Essas formas de pensar oriundas da Europa influenciaram o modo como a elite brasileira julgava o imigrante. Apesar de estar sob suspeita, acreditava-se que somente com a presença do branco europeu seria possível viabilizar o “branqueamento”, isto é, promover a miscigenação entre o europeu, visto como superior, e o povo brasileiro, julgado inferior.

A orientação racista baseava-se na idéia de que a mistura de “raças”, composta por negros, mestiços e índios, promovia a degradação e a falta de dignidade do brasileiro. O branqueamento seria, então, a tentativa de apagar, ou diminuir ao máximo, as marcas do negro e do índio apontadas para a elite brasileira como vergonhosas e humilhantes, que enfraqueciam os brasileiros.

De acordo com Lesser, a classe média era facilmente manipulada por essas idéias. É num ambiente de cisão, de disputas entre a velha e a nova elite pelo poder econômico e político, que a nação brasileira, em crise, receberá uma imensa leva de estrangeiros que provocará ainda mais transformações, inserindo um novo olhar no universo político, econômico, cultural e social brasileiro.

É possível destacar, segundo Lesser, três causas para o surgimento do preconceito contra o imigrante no Brasil. A primeira baseava-se na visibilidade econômica de alguns judeus que se destacavam, rapidamente, em suas profissões, enfurecendo grupos de

brasileiros, que, simultaneamente ao sucesso dos imigrantes, entravam em crise financeira. Um segundo motivo arrolado foi o de que o judeu tornou-se foco de atenção devido a certas atividades profissionais que exercia, como a de mascate e a de comerciante. Por último, a presença de “polacas” e de “rufiões”, prostitutas judias provenientes, em sua grande maioria, do leste europeu e aliciadores de mulheres estrangeiras. Uma representação ficcional desse período pode ser exemplificado pelo romance *Sonhos tropicais*,⁹ de Moacyr Scliar, e, também, pela pesquisa de Beatriz Kushnir intitulada *Baile de máscaras: mulheres judias e prostituição*.¹⁰ A imagem do grupo judaico tornou-se mais desgastada, ou seja,

A visibilidade judaica e a fascinação e aversão que a acompanhavam resultavam da [...] preocupação acerca de sua assimilação e integração. [...] Imaginações inflamavam-se e os anti-semitas encontraram um alvo [...] um pequeno grupo de judeus imigrantes operando no Brasil como rufiões e prostitutas. [...] o que realmente separava os judeus dos demais imigrantes europeus no Brasil e os tornava objeto de exame minucioso por parte dos não-judeus era sua concentração em uma série de ocupações bastante visíveis. [...] a atividade de mascate e o comércio de tecidos, nas quais haviam obtido rápido sucesso. Seu enriquecimento crescente fez aflorar o racismo e anti-semitismo latentes na sociedade que os rodeava.¹¹

A notoriedade judaica acabou por legitimar a ação agressiva de alguns seguimentos de acadêmicos, políticos e da imprensa que atacavam os judeus denunciando-os como “um problema social”.¹² Em discurso, diziam-se preocupados com a assimilação e a integração desse grupo considerado tão singular. Também, discutiam questões ligadas à “higiene moral”¹³ da sociedade a partir de “uma visão cristã tradicional”.¹⁴ Assim, o estereótipo do judeu associa-se à ganância e à não-assimilação. É interessante notar a duplicidade da imagem do judeu no Brasil. De um lado, a elite influente atacava a figura do judeu com violência, pois ele parecia representar uma ameaça ao nacionalismo. Por outro lado, no meio do povo brasileiro, na convivência diária, os judeus gozavam de certa tranquilidade e desenvolviam

⁹ SCLIAR, Moacyr. *Sonhos tropicais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

¹⁰ KUSHNIR, Beatriz. *Baile de máscaras: mulheres judias e prostituição*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

¹¹ LESSER, 1995, p. 66.

¹² LESSER, 1995, p. 78.

¹³ LESSER, 1995, p. 72.

¹⁴ LESSER, 1995, p. 72.

suas atividades com relativa paz, criando “instituições de caráter comunitário, econômico e político,”¹⁵ exercendo seus trabalhos em diversos setores e florescendo culturalmente. No Brasil, junto aos sentimentos gerais nacionalistas e nativistas, a forte crise econômica, em razão da queda da bolsa de Nova Iorque e da safra recorde de café brasileiro, gerou o surgimento de grupos radicais, como os Integralistas, contrários aos comunistas, aos capitalistas e à presença estrangeira. Foi em decorrência desse forte clima de instabilidade e insatisfação que, com o golpe de Vargas, implantou-se o Estado de Sítio e a Revolução de 1930.

Percebe-se, portanto, que Lesser critica, com veemência, a ação política do governo brasileiro ao demonstrar o teor discriminatório que marcou os atos de Getúlio Vargas e de seus representantes. Em “Nacionalismo, nativismo e restrição,”¹⁶ esboça um quadro pouco animador desse contexto, principalmente, no que se refere à ajuda aos refugiados judeus europeus em perigo devido à 2ª Guerra Mundial e ao nazismo.

No poder, Vargas muda os rumos da história brasileira e as formas que até então moviam o sistema governamental. Cria decretos e medidas elaboradas, em especial, para o setor imigratório, com o fim de impedir a entrada de estrangeiros no país. As discussões e ações dos representantes do governo imbuídos de ideais ultranacionalistas gira, assim, em torno das questões já referidas sobre o “branqueamento” dos brasileiros e o “abrasileiramento”¹⁷ dos estrangeiros residentes no Brasil. Quase sempre, o alvo dos debates entre os nativistas eram as classificações de grupos “europeus,”¹⁸ considerados os ideais, e os representantes de vários países tentavam, desesperadamente, convencer o governo brasileiro a aceitar um número cada vez maior de refugiados judeus europeus:

A nomeação de Vargas consistiu um divisor de águas na história política brasileira. Ao mudar o eixo do governo central e dos grupos que ele

¹⁵ LESSER, 1995, p. 79.

¹⁶ LESSER, 1995, p. 96-158.

¹⁷ LESSER, 1995, p. 98.

¹⁸ LESSER, 1995, p. 98.

representava, o novo regime mudou também algumas das formas sob as quais funcionava a política brasileira. Um setor onde isso foi particularmente perceptível foi a atitude em relação aos imigrantes, inclusive os judeus. Após 1930, o governo e seus partidários passaram a utilizar cada vez mais o debate sobre a imigração para expressar a utilizar cada vez mais o debate sobre a imigração para expressar posições nacionalistas e nativistas.¹⁹

O texto de Lesser indica, assim, que a retórica difundida e debatida nos círculos dominantes da nação foi influenciada pelas doutrinas do Nacional-Socialismo alemão e pelo Fascismo italiano, português e espanhol. É em meio a essas discussões que se desenvolveu a preocupação com a entrada e a permanência dos judeus no Brasil. Essa preocupação e suas ações constituem a “Questão Judaica no Brasil” para o estudioso.

É importante mencionar aqueles que atuaram e se destacaram pela participação ativa contra os estrangeiros, como a Sociedade dos amigos de Alberto Torres, nome que homenageia Alberto Torres, 1865-1917, personalidade defensora de idéias ligadas a sentimentos de nacionalismo em termos culturais e econômicos, no Brasil. Para ele, os imigrantes e as minorias estrangeiras eram influências negativas para a nação, eram os motivos da degradação brasileira. Baseados nessa concepção, um grupo de intelectuais, diplomatas, políticos e tenentes relacionados ao regime Vargas criou, em 1932, no Rio de Janeiro, a sociedade que promoveu *lobby* contra a presença de imigrantes vistos como inassimiláveis, entre eles, judeus e japoneses.²⁰ Outro forte oponente à entrada de imigrantes no país foi a Ação Integralista Brasileira, de acordo com o pesquisador:

A Ação Integralista Brasileira (AIB) era o maior grupo organizado com uma agenda claramente anti-semita. A AIB possuía orientação fascista, com raízes populares entre as classes médias, as forças armadas, vários descendentes de italianos e alemães que viviam no sul do Brasil e alguns industriais muito ricos. [...] O primeiro encontro público dos integralistas aconteceu em três de janeiro de 1933, apenas três dias após a eleição de Hitler; entre seus líderes incluíam-se membros da oligarquia tradicional, monarquistas e gaúchos nacionalistas. Parcialmente financiada pela embaixada alemã no Rio de Janeiro e, clandestinamente, pelo governo italiano, a AIB tinha uma ideologia política e econômica corporativista que era antiliberal, anticapitalista e anticomunista.²¹

¹⁹ LESSER, 1995, p. 97.

²⁰ LESSER, 1995, p. 110.

²¹ LESSER, 1995, p. 111.

A comunidade judaica, à época, reagiu a essa situação distribuindo panfletos esclarecedores ao público judeu, incitando-os à defesa de seus interesses. Apesar de tudo, houve, também, reações contra o discurso anti-semita por parte de não-judeus influentes. Em 1933, Carlos Lacerda e outros intelectuais, por exemplo, retiraram-se de uma reunião da Pró-Arte, associação de intercâmbio artístico patrocinada pela embaixada alemã, quando os nazistas da organização anunciaram um plano para expulsar os membros judeus.²²

Em meio a todos os problemas enfrentados, havia, ainda, dentro da própria comunidade judaica, disputas e querelas. Nela existiam subgrupos que se diferenciavam não só em razão do país de origem, mas em termos religiosos, culturais e sociais. Junta-se a todos esses acontecimentos a elaboração de uma Nova Constituição, a presença e a atuação em favor dos judeus do Alto Comissário McDonald, de origem norte-americana, figura central na negociação de vistos de refugiados judeus para o Brasil, que, conforme Lesser, foi de grande importância para a criação de uma imagem positiva do judeu:

[...] em 1933, a Liga das Nações nomeou James G. McDonald diplomata norte-americano cujo salário e orçamento eram custeados basicamente por um grupo de organizações judaicas como Alto Comissário para Refugiados (Judeus e Outros) vindos da Alemanha, ele concentrou grande parte de seus esforços no Brasil. [...] foi o Alto Comissário McDonald quem ajudou a criar um discurso filo-semítico, fundamentado em torno do fator de atração econômica dos judeus [...].²³

A posição ambígua do presidente Vargas e de seus assessores diretos gerou tumulto em setores estruturais do seu governo, assim, em virtude de sua inconstância, ela “reforçou também um problema burocrático: a definição de políticas de imigração”²⁴ e, devido a esses problemas, muitos judeus pereceram.

1.2 Imigrantes e escritores judeus no Brasil (1997)

²² LESSER, 1995, p. 115.

²³ LESSER, 1995, p. 124.

²⁴ LESSER, 1995, p. 140.

A presença de imigrantes judeus no Brasil está impressa na ficção, através de um número significativo de escritores que tematizam sua experiência. Questões fundamentais marcam os textos ficcionais desses escritores a partir de personagens e de situações que muitos vivenciaram, pessoalmente, como o choque cultural, lingüístico e social em sua nova condição de imigrante.

Regina Igel, em *Imigrantes judeus, escritores brasileiros: o componente judaico na literatura brasileira*,²⁵ apresenta um vasto panorama da produção literária dos últimos 100 anos. Nessa pesquisa, abarcam-se alguns escritores conhecidos e outros desconhecidos do grande público. Esses autores de origem judaica, asquenazitas ou serfaditas, tratam, na escrita, da experiência desses imigrantes que fizeram do Brasil seu novo lar. Vivências relacionadas à cidade onde nasceram, ao passado na Europa; a travessia de navio pelo oceano; ao impacto causado quando pisaram em terras brasileiras; ao choque diante da natureza e do clima; a sociedade brasileira; a cultura e ao choque com os costumes dos habitantes da nova pátria são recorrentes. Esse rol de temas faz parte de um momento específico do universo literário judaico no período da imigração, de fins do século XIX até meados dos anos 50 do século XX.

Os textos analisados por Igel podem ser classificados como obras ficcionais, semificcionais e pessoais. Neles mesclam-se, de forma paradigmática, realidade e imaginação. Em muitos casos, a memória é o guia para a produção textual. Vestígios da vida social e cultural atravessam esses textos, cujas vozes se cruzam e revelam vitórias e derrotas, a luta pela sobrevivência e os desafios da vida, as alegrias e as tristezas, as saudades e, também, as esperanças desses recém-chegados. Em outras narrativas, destacam-se questões sobre a adaptação ou a assimilação dos personagens imigrantes à sociedade hegemônica, sobre os

²⁵ IGEL, 1997.

sentimentos de marginalidade e as reminiscências de fatos históricos, como a *Shoah* e o Sionismo.

A pesquisadora organizou o seu trabalho levando em conta dois critérios. O primeiro refere-se à escolha de obras literárias cujo tema central é de caráter judaico e o outro é a categorização dos textos por assunto. Sua escolha tem como motivação “a crescente infusão de uma nova temática na literatura brasileira” e o “surgimento, no Brasil e em outras partes do mundo, de uma literatura escrita por judeus”.²⁶ Além dessa estrutura organizacional, foi necessária a escolha de um conceito de Judaísmo e, conseqüentemente, do que é ser judeu, diante de uma multiplicidade de conceitos; foi relevante, pois, delinear a base para a sua trajetória analítica:

Para os propósitos deste ensaio, é judeu qualquer pessoa que se considere a si mesmo judeu, seja por nascimento ou conversão, formal ou informal. Embora, como se verá, esta definição, provavelmente, apresente tantos problemas quanto outra qualquer, em conexão com literatura, ela nos dá uma base sobre a qual trabalhar.²⁷

Depois desse apontamento, Igel expõe diferenças entre textos cujo tema principal pode ser considerado judaico e outros que não têm a mesma característica, como, por exemplo, uma obra cujo espaço pode remeter a um ambiente judaico, mas o enredo tratar de uma temática sem nenhuma referência a esse contexto. Conforme Igel o espaço, o tempo e a língua são fatores que podem ser marcas da uma literatura de viés judaico.

Por fim, ela busca abordar o processo de conscientização dos escritores brasileiros de origem judaica sobre a experiência de imigração de seus antepassados. Para que tal processo se efetivasse, foi necessário retomar a história do Brasil, desde seus primórdios, e revelar, através das marcas do passado, o legado deixado pelos escritores judeus que para o Brasil imigraram.

²⁶ IGEL, 1997, p. 2.

²⁷ IGEL, 1997, p. 134.

Nas primeiras décadas, após a descoberta, durante o período da colonização, destacaram-se o poeta Bento Teixeira, que nasceu em Circa, Portugal (1561-1600), chegou ao Brasil acompanhado da família com a idade de cinco anos, autor de *Prosopopéia*;²⁸ o pesquisador Ambrósio F. Brandão, cuja origem é desconhecida, sabe-se que foi contemporâneo de Bento Teixeira devido a documentos que registraram a sua passagem pelo nordeste açucareiro do Brasil, autor de *Diálogos das grandezas do Brasil*;²⁹ por fim, o dramaturgo Antônio José da Silva, mais conhecido como “O Judeu”, que nasceu no Rio de Janeiro em 1705 e faleceu, aos 34 anos, vítima do Santo Ofício.³⁰ Antônio José da Silva escreveu peças teatrais influenciadas pela obra de Gil Vicente e pelo teatro bufo italiano.

Da invasão holandesa ao momento em que se deu a Proclamação da República, Igel não registrou destaques literários. Porém, foi um momento de extrema movimentação, em que o Brasil recebeu inúmeros imigrantes, especialmente, asquenazitas, expulsos de seus *schtetl*.³¹ Devido à profunda crise econômica, a perseguições políticas, étnicas e religiosas, houve um abalo no judaísmo europeu. Esses imigrantes que aportaram no território brasileiro vieram para colonizar áreas despovoadas do Rio Grande do Sul. Muitos abandonaram suas atividades religiosas para se dedicarem à agricultura. Outros grupos chegaram dos *Mellás*, guetos urbanos árabe-judaicos, principalmente, do Marrocos e se estabeleceram na região Norte do território brasileiro.

Ao imigrarem, os judeus buscavam uma vida mais tranqüila, desejavam, acima de tudo, vencer através de seu trabalho e ser vitoriosos. Portanto, eles não tinham, segundo Igel, tempo disponível para se aventurarem na literatura. Eles precisavam se adaptar à sociedade brasileira o mais rápido possível, pois enfrentavam problemas de inserção, como o lingüístico e o cultural. Já a segunda geração, os filhos dos imigrantes, estava, relativamente, segura de

²⁸ IGEL, 1997, p. 11.

²⁹ IGEL, 1997, p. 14.

³⁰ IGEL, 1997, p. 16.

³¹ A cidadezinha judaica, em ídiche; cf. IGEL, 1997, p. 22.

sua situação na sociedade brasileira, sentia-se livre para expressar sua cultura, sua religião, enfim, sua história através da literatura.

Pode-se traçar, dessa forma, uma linha divisória no trabalho de Igel. Num momento inicial, tem-se uma perspectiva histórica sobre a presença judaica na cultura brasileira. A pesquisadora trata, então, da produção literária cujo objeto é a trajetória histórica dos imigrantes judeus no Brasil. Daí em diante, trata de temas constantes no conjunto de textos escritos, em grande parte, por judeus. A maioria dos textos selecionados tem caráter memorialístico e estão distribuídos em crônicas, ficções e relatos orais. Predominam neles as marcas do passado, das vivências individuais e coletivas. Nelas mesclam-se fatos imaginários a fatos reais. De um lado, fotos, arquivos pessoais, documentos, objetos variados formam uma possível realidade vivida. Por outro lado, tem-se a criação de enredo, de personagens, de um tempo e um espaço que vão além da realidade e tangem o universo ficcional.³²

Há, ainda, textos que mesclam tanto o real quanto o imaginário, são as obras consideradas semificcionais. A matéria utilizada para a criação das histórias é, segundo Igel, o percurso feito pelos imigrantes ao longo das últimas décadas da história brasileira. Em muitos relatos, as lembranças associam-se às atividades econômicas praticadas no espaço rural, onde, apesar de todos os problemas e limitações existentes, criou-se um ambiente favorável ao desenvolvimento cultural:

O complexo sistema de seleção de lembranças, expressas nas esferas do real e do imaginário, apresenta, nas obras de conteúdo rural, componentes similares e diferentes entre si. Os principais traços análogos que se encontram em quase todos os textos que tratam da colonização incentivada pelo Barão Von Hirsch são descrições dos esforços desenvolvidos e os sacrifícios sofridos pelas famílias pioneiras nas terras adquiridas pela agência judaica. Outros componentes de similaridade são: descrições dos deslocamentos dos improvisados e desiludidos camponeses aos incipientes centros urbanos da região sulina; [...].³³

³² IGEL, 1997, p. 33.

³³ IGEL, 1997, p. 38.

Além de discorrerem a respeito de questões ligadas às atividades exercidas, esses escritores judeus descreveram as fazendas em que viveram como colonos. Alguns deles construíram crônicas semificcionais, por exemplo, Frida Alexandr – *Filipson* (1967) – e Eva Nicolaiewsky – *Israelistas no Rio Grande do Sul* (1975) –; há o depoimento de Martha P. Faermann, *A promessa cumprida: histórias vividas e ouvidas de colonos judeus no Rio Grande do Sul* (Quatro Irmãos, Baronesa Clara, Barão Hirsch e Erebangó) (1990); igualmente, os romances de Moacyr Scliar e Adão Voloch, *A balada do falso messias* (1976) e *O colono Judeu-Açu* (1984).

Em “Memórias do espaço urbano”,³⁴ a representação do percurso judaico brasileiro constrói-se a partir da movimentação interna de muitos imigrantes para algumas cidades brasileiras, como Rio de Janeiro e São Paulo.³⁵ Nessa etapa, os narradores destacam, para Igel, a chegada dos imigrantes à cidade e os objetivos dos recém-chegados: a busca de uma nova atividade econômica, a maioria como mascates, além do desejo de encontrar moradia. Os escritores mostram, em seus enredos, a importância das organizações judaicas criadas para auxiliarem os recém-chegados e inseri-los na nova sociedade e, ainda, a formação dos bairros judaicos, como o Bom Retiro, em São Paulo, e o Bom Fim, em Porto Alegre. Os registros ficcionais desses escritores judeus marcam, como matéria em suas exposições, crônicas, depoimentos, ficções, determinadas temáticas vinculadas à formação e à organização religiosa, cultural, além das relações dentro e fora da comunidade. A esse grupo pertenciam Moysés Paciornik, *Brincando de contar histórias*, de 1973; Haim Grünspun, *Anatomia de um bairro: o Bexiga*, de 1979; Eliezer Levin, *Crônicas de meu bairro*, de 1987; Samuel Malamud, *Escalas no tempo*, de 1986, e Marcos Iolovitch, *Numa manhã clara de abril*, de 1940.

³⁴ IGEL, 1997, p. 73-128.

³⁵ IGEL, 1997, p. 75.

A aculturação, a assimilação, a marginalização, o Sionismo e a *Shoah* são temáticas que predominarão na última parte do ensaio de Igel. Nesta se destaca a diferença entre aculturação e assimilação dos judeus no Brasil. A aculturação seria, para a pesquisadora, um processo em que há, no caso, trocas entre a cultura judaica e a brasileira. Na assimilação, a cultura hegemônica força a cultura minoritária a absorver seus elementos através de imposições e, ainda, a esquecer o seu passado cultural. Assim, a minoria acaba por absorver e assumir as características da maioria dominante e apagar a sua identidade anterior:

Considerando-se *cultura* como “o modo de vida de um povo, representado pela soma de um comportamento adquirido, atitudes e objetos materiais”, percebe-se *aculturação* como a “modificação de uma cultura através do contato com uma ou mais culturas e a aquisição ou troca de traços culturais”. [...] Pelo processo de aculturação, um modo de vida tende a ser modificado através de adaptações, geralmente da minoria à maioria; pela assimilação, o legado cultural minoritário tende a ser anulado pela submersão ao meio ambiente.³⁶

O trabalho de Igel divide-se, a partir desse momento, entre escritores cujo foco é a cultura judaica ou a não-judaica e que discorrem sobre temas da aculturação e da assimilação. Na primeira parte selecionada pela pesquisadora estão os escritores, por exemplo, Alberto Dines, Sara Riwka Erlich e Isaac Schachnik. Num segundo caso, estão os autores destacados de origem não-judaica, como, por exemplo, Câmara Cascudo em “Motivos israelitas”,³⁷ que reflete sobre as marcas deixadas pela cultura judaica na cultura brasileira.

A marginalidade e o Sionismo estão presentes, segundo a ensaísta, em obras literárias que focalizam as experiências de exclusão do estrangeiro, do imigrante judeu, em meio a uma sociedade não-judaica. Segundo ela,

[...] é marginal aquele que não está conforme com o sistema social do local onde vive ou que age contra suas leis, o marginal é o que está à beira de alguma coisa que lhe parece maior ou mais forte do que ele, desafiando-o na intenção de aderir ou integrar-se ao que essa coisa representa, por impedimentos de ordem pessoal ou coletiva; [...]³⁸

³⁶ IGEL, 1997, p. 129.

³⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. *Mouros, franceses e judeus: três presenças no Brasil*. São Paulo: Global, 2001.

³⁸ IGEL, 1997, p. 163.

Igel registra, ainda, o impacto causado aos judeus residentes no Brasil no momento em que se propagaram informações sobre o movimento intitulado Sionismo. O Sionismo foi, segundo a definição da estudiosa, um ideal de retorno às terras do Monte Sião, a antiga morada dos judeus. Para que ele se concretizasse, um grupo de judeus se organizou politicamente e ideologicamente. Esse processo culminou na criação do Estado de Israel. De acordo com as palavras da pesquisadora:

Por volta de fins do século XIX, o anseio de voltar à terra do Monte Sião passou a ter uma configuração política organizada, com o surgimento, nas palavras de Rosenberg, de um “novo tipo de movimento, que visava ao reestabelecimento de uma nação judaica na terra de Israel”. Esse movimento, que passou a ser conhecido como Sionismo, transformou-se numa alavanca ideológica que culminou com a fundação do Estado de Israel, reconhecido pela Organização das Nações Unidas, em 1948.³⁹

Paralelo a essas informações, apresenta alguns escritores não-judeus em cujas narrativas emergiram marcas anti-semitas; isso ocorre no conto “O judeu que tentou salvar Hitler” do livro *Recuerdos do futuro*, 1984, de José Antônio Pinheiro Machado, e no romance *Stella Manhattan*, 1985, de Silviano Santiago.⁴⁰ Ao caracterizarem personagens judeus de forma estereotipada, esses autores acabariam por difundir, em suas obras, sentimentos antijudaicos.

Distinguem-se três modalidades de escrita literária judaica nesse período: exterior, comunitária e interior. São elas, respectivamente, aquelas em que os relatos ligam-se a fatos exteriores a comunidade; as que narram fatores relacionados diretamente à vida comunitária e, finalmente, aquelas que se associam a fatos internos, marcados pelo auto-isolamento. Enquadrar-se-iam, no primeiro caso, o contista Alberto Dines, o dramaturgo Ari Chen e a romancista Elisa Lispector. Em seguida, estão Samuel Rawet, Eliezer Levin e Esther Largmann. Por fim, destacam-se, na última modalidade, Samuel Rawet e Décio Bar.⁴¹

³⁹ IGEL, 1997, p. 167.

⁴⁰ IGEL, 1997, p. 163-209.

⁴¹ IGEL, 1997, p. 200.

Nas obras literárias brasileiras de caráter judaico, destacam-se, ainda, os textos *As seis pontas da estrela*, de Zevi Ghivelder (1969), e “A visita do embaixador”, conto presente em *Os dispersos* (1966), de Janette Fishenfeld. Ambas as obras têm como foco o movimento Sionista e o sentimento idealista pela formação de um Estado judaico autônomo.

Em “Memórias do Holocausto”,⁴² Igel destaca textos produzidos sobre a *Shoah*. Nessas narrativas, os personagens judeus sofrem os infortúnios promovidos pelo nazismo. *Guerra em surdina* (1964), de Boris Schnaiderman, e o conto “O retrato” (1946), de Jacó Guinsburg, são por ela citados. As marcas da violência, representadas na ficção, estão impressas na memória dos sobreviventes, mas, também, daqueles judeus que não participaram das atrocidades:

Os textos brasileiros condizentes com as memórias do Genocídio compartilham a característica de serem fusões de manifestações imaginativas, testemunhais, emocionais e intelectuais. Na maior parte dos trabalhos literários, estas integram-se numa única voz narrativa, a do memorialista, que expressa uma multiplicidade de experiências individuais e coletivas.⁴³

O trabalho elaborado por Igel, de modo retrospectivo, apresenta dois traços marcantes e recorrentes nas obras literárias arroladas: a imigração e as memórias. Ao alcançar o período seguinte à primeira leva de imigrantes, detectam-se, na produção dos escritores contemporâneos, certas características que se vinculam à ambientação moderna e se alicerçam em questionamentos próprios da atualidade. Fazem parte desse perfil as obras e os seus escritores: “Chanuká”, de Luis S. Krausz, *A vida secreta dos relógios e outras histórias* (1994), de Roney Cytrynowicz, e *Goldstein & Camargo* (1994), de Bernardo Ajzenberg.

A apresentação desses escritores, em grande parte, desconhecidos pelos leitores e, também, por pesquisadores, preenche, mesmo que parcialmente, uma lacuna na pesquisa sobre a literatura judaica brasileira. Regina Igel, ao arrolar os termos conceituais e a seleção

⁴² IGEL, 1997, p. 211-247.

⁴³ IGEL, 1997, p. 219.

dos escritores, promove uma abertura de foco nos estudos literários sobre essa produção literária brasileira. Assim, revela-se ao olhar dos leitores e, principalmente, dos estudiosos um quadro intrincado que estimula novos estudos tanto de autores quanto de temas ligados à relação entre a cultura judaica e a brasileira.

1.3 Entre passos e rastros (2003)

Berta Waldman, em *Entre passos e rastros*,⁴⁴ escolhe, para análise, alguns escritores do universo literário judaico brasileiro contemporâneo. Nesse trabalho, ela retoma a trajetória dos imigrantes ocorrida em fins do século XIX na Europa e as atividades que exerceram no novo lar. Em alguns casos, tornaram-se colonos ocupando as fazendas nas fronteiras despovoadas e, em outros casos, foram substitutos, em algumas regiões, da mão-de-obra escrava. Após essa geração, surge, segundo Waldman, um número significativo de escritores judeus que narram, a partir da literatura, essa história no Brasil. Entre os autores selecionados por ela para exame, estão Moacyr Scliar, Clarice Lispector, Samuel Rawet, Lúcia Aizim e Hilário Tácito.⁴⁵

Diferentemente de Lesser e Igel, o recorte de Waldman aprofunda o olhar sobre os textos. Na introdução, Waldman esboça, assim, sua despreensão em abordar toda a literatura brasileira de cunho judaico, evidenciando plena consciência das dimensões dessa produção e de sua complexidade. Ela apresenta, também, o seu objetivo, que é:

[...] captar certas articulações que tornam visíveis aspectos da construção de obras selecionadas da literatura brasileira contemporânea que se apresentam vulneráveis à inscrição nelas do heterogêneo, do desconhecido, do “estrangeiro”, somando, assim, a um módulo “nacional” uma voz dissonante.⁴⁶

⁴⁴ WALDMAN, Berta. *Entre passos e rastros: presença judaica na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

⁴⁵ WALDMAN, 2003, p. XXI.

⁴⁶ WALDMAN, 2003, p. XVI.

Waldman pretende, desse modo, analisar o caminho percorrido pelos imigrantes judeus, durante sua imersão na sociedade brasileira, através das marcas profundas deixadas na literatura, em algumas obras selecionadas. A variedade de materiais para a criação das narrativas encontra-se, também, para ela, em documentos, retratos, móveis, jornais, cartas, objetos familiares e públicos, enfim, em uma gama de marcas que indicam a influência dos judeus na sociedade brasileira. Tanto os elementos referentes a experiências individuais como a vivências coletivas percorrem as narrativas por ela analisadas. Essa produção artística será, muitas vezes, permeada por uma linguagem que, segundo Waldman, seria deslocada e diaspórica, de entre-lugar, em que se tangenciam, por exemplo, a cultura brasileira e a judaica e, da mesma forma, o caráter sincrético da religião no Brasil.

A ensaísta apresenta uma questão problemática: as culturas brasileira e judaica, apesar de estarem num mesmo espaço, o Brasil, são singulares. Cada uma preservaria suas diferenças históricas e culturais. Então, a única possibilidade de encontro entre ambas se faz na literatura, que possibilita o entre-lugar, a terceira margem. De acordo com a pesquisadora:

Quando se pensa a conjugação do ser judeu e do ser brasileiro, vê-se que são termos que não caminham juntos. Cada um deles carrega um conjunto de referentes ligados a realidades históricas, políticas, sociais e afetivas diferentes. Mas é possível, e a literatura o faz, escavar os entrelugares, o ponto de intersecção de identidades, línguas, culturas, tradições, que evita a polaridade de binários, forjando uma terceira posição que reconhece as duas outras, mas flui em trilho próprio.⁴⁷

Após essa afirmativa, são expostas outras sobre os problemas referentes à inserção de marcas judaicas na literatura brasileira, então, Waldman sugere diferenciar dois movimentos, que são “o processo de criar referência e o de apontar para o referente”,⁴⁸ numa tentativa de esclarecer a questão. No primeiro movimento, tem-se como ponto central o legado, a tradição cultural, a memória do passado. No segundo, parece predominar o aspecto histórico. Para

⁴⁷ WALDMAN, 2003, p. XX.

⁴⁸ WALDMAN, 2003, p. XXI.

exemplificar o duplo movimento, a pesquisadora apresenta uma breve análise das obras de Clarice Lispector, de Samuel Rawet e de Jacó Guinsburg.

No exame de alguns textos de Clarice Lispector, Waldman destaca alguns temas recorrentes, entre eles, a reflexão sobre a incompletude da linguagem.⁴⁹ Essa temática fazia parte tanto do universo cultural judaico como da tradição cultural brasileira. Elas poderiam estabelecer, dessa forma, um texto multicultural e multiétnico, que, na produção de Lispector, dá-se em profunda consonância com a sua experiência brasileira. Para a ensaísta, “é esse movimento de preterição que vincula a escritura de Clarice Lispector a um modo de ser judaico, assinalados ambos negativamente, no território do incompreensível, do inominável, do impalpável, do exílio do sentido”.⁵⁰ Por outro lado, a escritora, criada desde criança no Brasil, sente-se assimilada e brasileira.

Na seleção feita, destacam-se os romances *Um sopro de vida*, *A maçã no escuro*, *A paixão segundo GH*, *Água viva* e *A hora da estrela*. Em *A hora da estrela*, a protagonista Macabéa, nordestina que migrou para o Rio de Janeiro em busca de melhores condições de vida, enfrenta duros obstáculos para realizar seu intento. A origem humilde e a total falta de conhecimento a respeito das normas sociais cariocas provocam na personagem sentimentos de exclusão, de deslocamento, de errância. Essa situação aproximaria, assim, a escritura de Lispector ao universo judaico por excelência.

A pesquisadora enfoca, na segunda parte de seus estudos, os textos de Samuel Rawet. Imigrante de origem polonesa, Rawet veio para o Brasil em 1936, ainda criança. Sua experiência de vida, para Waldman e outros estudiosos, assemelha-se à experiência representada por muitos personagens de seus contos e novelas. No conjunto de seus escritos, como na coletânea *Contos do imigrante* e na novela *Abama*, alguns temas que, aparentemente, têm marcas individuais ou locais, sob um olhar mais atento, projetam-se como temáticas

⁴⁹ WALDMAN, 2003, p. 13.

⁵⁰ WALDMAN, 2003, p. 30.

universais como a solidão, o medo, a impossibilidade do encontro, o ajuste social e a assimilação, a angústia, o vazio, a incerteza do ser e de sua identidade.

Da complexa novela *Abama*, de Rawet, Waldman destaca a figura de Ahasverus, personagem recorrente em suas narrativas. Nesse texto, publicado em 1964, o leitor é surpreendido por um enredo intricado, hermético, de difícil decifração.⁵¹ Com seu estilo breve, diz Waldman, econômico no trato da linguagem, prepondera a elipse e a frase curta. A construção do enredo dificulta a compreensão do texto, exigindo do leitor uma atenção redobrada. O vestígio da tradição nas narrativas de Rawet faz-se de modo negativo, a partir de críticas, de questionamentos sobre o ser judeu, sempre pontuado pelo medo e por sentimentos de angústia. Tal qual na novela *Viagens de Ahasverus à terra alheia em busca de um passado que não existe porque é futuro e de um futuro que já passou porque sonhado*, de 1970, o personagem central é o judeu Ahasverus, condenado a vagar, eternamente, por ter negado ajuda a Jesus Cristo, segundo a tradição cristã.⁵² Na análise de *Abama*, Waldman afirma que a figura do protagonista se desdobra em muitas outras como a do judeu errante, do vagabundo, do solitário, do inassimilável, sem destino e angustiado. Essa narrativa será, assim, de acordo com a pesquisadora, marcada por personagens cujos sentimentos de solidão, frustração e de exclusão vinculam-se a desejos de integração e de ajustamento social. Pode-se dizer, então, que o judeu errante é, pois, uma representação do imigrante judeu de um modo geral e do marginal, do homem que busca incessantemente por sua identidade, para Rawet.

Em “Motes e glosas,”⁵³ Waldman aborda a questão da inclusão do estrangeiro na sociedade brasileira. Esse motivo é analisado em algumas obras de Moacyr Scliar, como *Cenas da vida minúscula*, *A majestade do Xingu* e *A balada do falso messias*. Outros escritores citados por Waldman, além de Scliar, tratam do tema da adaptação dos imigrantes:

⁵¹ WALDMAN, 2003, p. 79.

⁵² Vários autores se debruçaram sobre o tema, tais como Castro Alves, em “Ahasverus e o gênio”, e Machado de Assis, em “Viver”.

⁵³ WALDMAN, 2003, p. 103-130.

Antônio de Alcântara Machado, Lya Luft e Raduan Nassar. Esses autores não-judeus escreveram sobre a temática da imigração, entretanto, destacando outras nacionalidades, a italiana, a alemã e a árabe. É possível observar que entraram nessa lista escritores judeus e não-judeus. Esse tipo de literatura, a do imigrante, seja ela de quem for, de acordo com Waldman, contrapõe-se à literatura de viagem. O olhar do estrangeiro na escrita dos imigrantes é daquele que deseja permanência, que quer criar raízes e tentar se adaptar às novas condições, porém não esquece o passado. Diferentemente, o viajante, em seus relatos, mostra que está em determinado lugar apenas de passagem, para ver, pesquisar e, em seguida, retornar a seu ambiente original. Para exemplificar, Waldman refere-se à obra de Moacyr Scliar. Nessas narrativas, destaca a problemática ligada à “expressão de uma identidade étnica e a manipulação de um modo de sentir e pensar nacional”.⁵⁴ Essa citação parece dirigir-se, assim, aos filhos dos imigrantes, isto é, a segunda geração:

Entre a tradição, a inserção no país, e os olhos voltados para Israel, o lugar do judeu é intersticial. É desse lugar que emana a ficção de Scliar. Mas esse lugar apresenta dificuldades que seus heróis se esforçam por superar, à medida que o processo de mestiçagem étnica e cultural segue seu curso.⁵⁵

O romance *Variações Goldman*, de Bernardo Ajzenberg, caracteriza-se, para a ensaísta, pela multiplicidade de perspectivas no desenrolar da história. O próprio título sinaliza para a “múltipla visão”⁵⁶ da narrativa que se engendrará a partir de um enredo que se faz em círculo. A construção do romance seria, pois, marcada pela imagem do infinito, por uma “construção em abismo”. Nas palavras de Waldman, as técnicas empregadas por Ajzenberg na elaboração do romance podem comprovar que,

A construção em abismo, onde uma forma se replica vertiginosamente ao infinito, estabelece, de imediato, um paradoxo, pois o que é infinito será contido no fio linear da linguagem que, no romance, tem um início e um fim. Para contorná-lo, o autor usa um processo de construção circular e deslizante que refaz a figura do infinito [...].⁵⁷

⁵⁴ WALDMAN, 2003, p. 130.

⁵⁵ WALDMAN, 2003, p. 73.

⁵⁶ WALDMAN, 2003, p. 133.

⁵⁷ WALDMAN, 2003, p. 139.

Em relação ao judaísmo, o romance permitiria conceber essa herança, tanto para a família do personagem quanto para si mesmo, como uma tradição vazia, sem, aparentemente, nenhuma consequência íntima. Porém, ao longo da narrativa, percebe-se que, após o falecimento de algumas pessoas próximas, o personagem se sente fragilizado, em crise. Ao comentar um episódio relativo à tradição religiosa judaica a um sobrinho, o narrador sinaliza para o fato de que a concepção de Deus só ocorreria através da linguagem, isto é, “Ler, estudar, comentar significam, no Judaísmo, criar variações infinitas, sobre o mesmo tema é uma forma de aproximação com o divino”.⁵⁸

Destaca-se, igualmente, nas observações de Waldman, a primeira obra ficcional de Jacó Guinsburg, *O que aconteceu, aconteceu*, de 2000. Os contos dessa coletânea são permeados por uma linguagem fluída, acessível, e assinalada pelo humor e por constantes indicações temporais. Nos primeiros contos, a imagem do relógio apresentaria seus ponteiros em desarmonia, contudo, na sucessão dos acontecimentos, paralelo ao processo de inserção e adaptação dos imigrantes judeus na sociedade brasileira, os ponteiros vão, gradativamente, alinhando-se, como se eles acompanhassem a imersão do grupo judaico na cultura brasileira. As narrativas de Guinsburg tratam, também, da experiência imigratória judaica proveniente do leste europeu, de sua própria história e das vivências do presente. É matéria nos seus contos os encontros e desencontros entre as culturas judaica e brasileira. Seriam, assim, para Waldman, características de suas narrativas o humor e o intertexto com textos bíblicos.

No romance *Madame Pommery* (1920), de Hilário Tácito, Waldman percebe que a ênfase dada é para a figura de uma prostituta “francesa” e aos “descaminhos que conduzem à construção de uma identidade autoral opaca.”⁵⁹ Essa identidade turva poderia relacionar-se ao falso nome de José Maria de Toledo Malta (1885-1951), empregado pelo autor. A história se passa nos primeiros anos do século XX, em São Paulo. A narrativa trata das mudanças

⁵⁸ WALDMAN, 2003, p. 134.

⁵⁹ WALDMAN, 2003, p. 173.

sofridas pela cidade paulista, segundo a pesquisadora, a partir da abertura de um prostíbulo de alto nível. O texto caracteriza-se por um tom “precioso e ambíguo”,⁶⁰ contraditório, também, no momento em que se entrecruzam ficção e história. As conseqüências desse estilo seriam, pois, as marcas satíricas e irônicas que percorrem a narrativa. Além disso, o texto de Tácito estaria pautado pela intertextualidade como, por exemplo, de seu próprio nome, Hilário Tácito, a do historiador latino Publius Cornelius Tacitus e, também, ao romance de Gustave Flaubert, *Madame Bovary*, entre outras referências:

Também o nome Pommery evoca duas conhecidas referências: Madame Bovary, protagonista do romance de Gustave Flaubert de mesmo nome, publicado em 1857, e Madame Pompadour, dama da corte de Luís XV, tornada célebre como a favorita do rei. Pommery é, ainda, a marca de um champagne francês, que a protagonista orgulha-se de ter introduzido na noite paulistana. Note-se que na combinação Bovary-Pompadour justapõem-se duas fontes: uma literária, outra histórica, o que reforça a intenção do autor, aliás cumprida, de construir uma narrativa entre a ficção romanesca e a crônica de costumes.⁶¹

A construção da história de Tácito mesclaria, assim, de certa maneira, o caráter de crítica social de costumes típico do romance realista do século XIX, que focalizaria a falsa moral da burguesia e a sátira de costumes, característica da literatura francesa.

Conclui-se, dessa pesquisa de Waldman, que, ao longo do caminho percorrido pelos judeus em terras brasileiras, gradualmente, a sua cultura foi se mesclando à cultura brasileira através, por exemplo, do contato lingüístico e religioso. O grupo judaico foi, assim, adaptando-se ao modo de ser brasileiro e, também, os brasileiros foram se adaptando aos estrangeiros. Dessa experiência, rica e complexa, tanto uns como outros judeus ganharam em termos sociais, econômicos e, principalmente, culturais.

Para Waldman, a emancipação, a assimilação e a diáspora são temáticas recorrentes nas pesquisas literária e histórica contemporânea. No Brasil, essas são fundamentais para se entender o rumo que o país seguiu em relação à economia, à política e ao âmbito social na

⁶⁰ WALDMAN, 2003, p. 173.

⁶¹ WALDMAN, 2003, p. 173.

virada do século XIX para o século XX em diante. Mais uma vez, Waldman toma como pano de fundo os acontecimentos que afetaram tanto a Europa como o Brasil nesse período. É a partir desse momento que é possível a abertura ao discurso do imigrante, pois o cenário, para a pesquisadora, propiciaria as trocas entre as identidades e as mais variadas culturas.

A expansão da modernidade brasileira teria transformado o rumo de sua história e a entrada em massa de imigrantes teria criado um novo cenário caracterizado por uma forte movimentação interna. Nesse quadro, evidenciam-se trocas culturais não só de idéias e de vivências, mas, também, de uma miscelânea de encontros entre imigrantes de países distintos, povos dos mais variados costumes. A heterogeneidade criada a partir do contato entre grupos, como os judeus, os italianos, os alemães e os japoneses, agora é uma marca presente na sociedade brasileira, pois ela se tornou uma malha de singulares diásporas, isto é, em cidades como São Paulo, por exemplo, o encontro de imigrantes, particularmente, oriundos da Europa que fugiam do caos social ou das perseguições, fomentou a singularidade em todos os âmbitos da sociedade paulistana, como o econômico, o político e o cultural, transformando-a em espaço único onde se articulam esses grupos.

1.4 Experiência cultural judaica no Brasil (2004)

Experiência cultural judaica no Brasil: recepção, inclusão e ambivalência,⁶² organizado por Mônica Grin e Nelson H. Vieira, trata, de forma semelhante, de temas ligados à emancipação, à assimilação, à diáspora e às mudanças nas concepções de idéias associadas aos Estudos Sociais e aos Estudos Judaicos.

⁶² GRIN, Mônica; VIEIRA, Nelson H. (Org.). *Experiência cultural judaica no Brasil: recepção, inclusão e ambivalência*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.

O primeiro ensaio dessa coletânea, “A jornada ascendente, a jornada para o mundo externo: a assimilação no século da emancipação”,⁶³ de Leo Spitzer, focaliza a relação entre emancipação e assimilação para tentar compreender a experiência judaica no Brasil. A atenção do pesquisador centraliza-se no Novo Mundo que despontou no início de século XX, conseqüência do desenvolvimento tecnológico, da industrialização capitalista e da ascensão da burguesia no setor industrial. Nesse ambiente, a visão de mundo do homem teria sido, pois, redimensionada. Então, ele, de acordo com Spitzer, inconscientemente, parte para mudar os setores essenciais da sociedade em que vivia, inclusive no que diz respeito ao aspecto da liberdade humana. Aspecto este negado a alguns grupos considerados subalternos, em todas as dimensões da vida social, por grupos dominantes.

O processo de liberdade, ou seja, a emancipação, iniciou-se, segundo o ensaísta, na era moderna, com a Revolução Francesa e aos poucos atingiu outras coletividades reprimidas, como a dos negros escravos e a dos judeus. Para Spitzer, a emancipação sempre existiu desde os tempos antigos, mas era um ato que implicava indivíduos e não coletividades e se aplicava somente aos primeiros.⁶⁴ Após o movimento revolucionário francês de 1789, a emancipação atinge a todos. Esse processo impulsionado por idealistas do Iluminismo possibilitou mudanças em setores significativos das sociedades e estas foram afetadas em graus diferentes, de acordo com as suas características e com o nível de interesse dos emancipadores. Na maior parte das emancipações, houve apenas modificações no *status* jurídico dos emancipados, não ocorrendo, porém, aberturas em outros setores da sociedade, como o econômico.

O ensaísta apresenta duas possíveis abordagens sobre o processo emancipatório: a *laissez-faire* e a “conversão”. A primeira baseia-se em alguns documentos e ações, como a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Esta não tinha nenhuma orientação social

⁶³ SPITZER, Leo. A jornada ascendente, a jornada para o mundo externo: a assimilação no século da emancipação. In: GRIN, Mônica; Vieira, Nelson H. (Org.). *Experiência cultural judaica no Brasil: recepção, inclusão e ambivalência*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004. p. 19-52.

⁶⁴ SPITZER, 2004, p. 2.

para reeducar, isto é, inserir o indivíduo emancipado na sociedade hegemônica, a não ser de forma jurídica:

[...] a responsabilidade do Estado e de suas instituições dominantes perante os recém-emancipados restringiu-se, em grande parte, *apenas* ao âmbito jurídico. Essa abordagem era coerente com as idéias políticas relativas às funções restritas dos governos e à capacidade intrínseca e autogerada de “aprimoramento” dos indivíduos. Era também compatível com as idéias fisiocráticas, que associavam a liberdade a direitos “naturais” e não a atributos “culturais” – que consideravam a cultura e a situação econômica de qualquer indivíduo como sendo irrelevante para seu direito à liberdade.⁶⁵

Já a abordagem nos moldes de uma “conversão”, oposta à anterior, era “mais paternalista e estatal”, pois seus mentores acreditavam que não apenas a eliminação de algumas restrições mudaria a condição dos emancipados (subalternos), mas somente a educação transformaria tal quadro:

Essa abordagem, mais paternalista e “estatal”, refletiu-se na crença de que a redenção e a elevação social dos grupos subalternos não ocorreriam unicamente por meio da eliminação das restrições legais: na crença de que o Estado e as instituições religiosas, filantrópicas e educacionais já estabelecidas seriam ativamente solicitados a promover a integração e a adaptação social dos emancipados.⁶⁶

Um exemplo efetivo dessa questão foi a implantação do “Edito de Tolerância”, que promoveu a “reeducação” da maioria das crianças judias que viviam na Alemanha, obrigando-as, segundo Spitzer, a freqüentar as escolas implantadas pela sociedade alemã e a negarem sua cultura e tradição judaicas.⁶⁷

Independente do processo emancipatório e de suas correntes, *laissez-faire* e conversão, as sociedades, conforme Spitzer, promoveram, gradativamente, trocas entre as diferentes culturas. Os contatos e as interações entre os grupos no âmbito econômico, político, cultural e social ocorriam em menor ou maior grau, dependendo de cada sociedade e de suas leis.

Ao longo da história, a palavra “assimilação” tornou-se popular na Inglaterra de princípios do século XIX. Esse vocábulo referia-se a “um processo de adaptação e

⁶⁵ SPITZER, 2004, p. 23.

⁶⁶ SPITZER, 2004, p. 28.

⁶⁷ SPITZER, 2004, p. 32.

ajustamento num *continuum*".⁶⁸ Posteriormente, o termo ganhou outras conotações e significados.

O ensaísta apresenta o processo de assimilação como um processo emancipatório que alcançou a Europa, a África e as Américas do século XIX. Ele demonstra que esse fator estabeleceria dependência entre o clima social (momento histórico) e o grau de eficiência nos movimentos de aculturação ou assimilação nestes continentes. Os setores mais influentes, como o econômico, o político e o social e a distância entre o “velho” e o “novo”, em termos gerais eram, para ele, pertinentes para se tratar da imersão completa ou não do “outro” no meio social. Além desses motivos, outros, como a idade, o sexo e a “raça” foram preponderantes para a assimilação e a emancipação de grupos que desejavam fazer parte de determinada sociedade.⁶⁹

O texto de Bernardo Sorj, “Diáspora, Judaísmo e Teoria Social”,⁷⁰ apresenta o contexto final do século XX, em que o conceito de diáspora começa a ocupar lugar privilegiado no debate sobre a imigração, especificadamente, para as Ciências Sociais. Segundo Sorj, as sociedades modernas exibem características semelhantes, como, por exemplo, os avanços no sistema de comunicação e de transporte e a crise do estado-nação.⁷¹

Haveria, para o ensaísta, atualmente, uma distinção entre dois tipos de diáspora: a moderna e a antiga. Esses dois tipos poderiam ser compreendidos a partir do movimento e do dinamismo das diásporas contemporâneas que se tornaram essenciais para se entender o homem moderno, por isso, a constante discussão ao redor desse conceito. Não só as diásporas modernas são relevantes, mas, igualmente, as diásporas antigas, como a empreendida pelos judeus durante a sua história. Percebe-se que o foco está, nesse contexto, nos meios de organização que propiciaram as relações de ajuda e apoio aos judeus em momentos cruciais,

⁶⁸ SPITZER, 2004, p. 35.

⁶⁹ SPITZER, 2004, p. 39.

⁷⁰ SORJ, Bernardo. Diáspora, judaísmo e teoria social. In: GRIN, Mônica; Vieira, Nelson H. (Org.). *Experiência cultura judaica no Brasil: recepção, inclusão e ambivalência*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004. p. 53-79.

⁷¹ SORJ, 2004, p. 53.

tornando possível à integração do grupo judaico na sociedade que escolheram como lar. Para o pesquisador, os estudos atuais que debatem temáticas como a globalização e a cultura caracterizam as formas identitárias contemporâneas como sendo viajantes, fluidas e híbridas.⁷² Devido a essa caracterização, os estudiosos buscam no conceito de diáspora a base para compreensão das identidades dos grupos minoritários nos países desenvolvidos. Apesar do esforço, o próprio conceito não está, completamente, definido. Existem aqueles que interpretam o tema a partir de uma perspectiva normativa e aqueles que o tratam sob um viés sociohistórico:

A definição do que seja diáspora [...] está longe de ser clara, e os textos que discutem este tema podem ser divididos, simplificada, em perspectivas normativas, que procuram no conceito de diáspora um instrumento filosófico e politicamente correto de crítica e de intervenção social, e, em uma outra vertente, que procura definir e construir modelos de diáspora a partir da experiência sócio-histórica.⁷³

Os autores de textos atuais sobre o tema diáspora pretendem, segundo Sorj, compreender como se organizavam e como se dispunham as identidades no sistema social de determinada sociedade, particularmente, a pós-moderna. As dinâmicas identitárias ofereceriam, assim, como sistema de organização a possibilidade de harmonia, de estabilidade e de constância; além disso, a regularização e a interação social do grupo de imigrantes na sociedade dominante. Ainda, possibilitaria a absorção da cultura geral, promovendo uma gradual adaptação ao meio circundante.

Alguns estudiosos construíram seus conceitos de diásporas como, por exemplo, os irmãos Boyarin, Cohen e Rageau, cada qual sob critérios diferentes.⁷⁴ Todos os preceitos apresentados mostram-se, para Sorj, deficientes em suas definições ou faltam alguns fatores essenciais para o entendimento das dinâmicas das diásporas. Entre os problemas detectados está o fato de os pesquisadores não tratarem dos aspectos “estruturais materiais ou políticos

⁷² SORJ, 2004, p. 57.

⁷³ SORJ, 2004, p. 57.

⁷⁴ SORJ, 2004, p. 63.

que sustentavam a reprodução de diásporas na história”.⁷⁵ Relaciona-se a esse fato, de acordo com Sorj, o problema de os autores resvalarem seus estudos em um mesmo “ideal normativo”.⁷⁶ Para o pesquisador, o estudo das diásporas deve contemplar um “campo de análise comparado de diásporas”,⁷⁷ sendo que nenhuma delas ocuparia lugar central:

Diásporas são, portanto, todos aqueles grupos sociais que se autodefinem como tais; o papel da teoria social é a análise comparada da gênese de cada uma delas e de suas estruturas sociais e institucionais. As diásporas são tantas e tão diversas como as que existem, existiram e venham a existir. Isso não significa, contudo, definir a diáspora como um conceito identitário fluido, aberto, em constante mutação, sem referencial fixo.⁷⁸

A proposta de Sorj para o conceito de diáspora não pretende estabelecer modelos ou paradigmas, mas servirá como baliza para o seu estudo da diáspora judaica. Essa experiência se traduziu na história, segundo Sorj, a partir de uma variedade de modelos e instituições. Dentro desse panorama, alguns elementos seriam, especialmente, significativos para a compreensão do processo histórico judaico pelos estudos sociológicos. Assim,

A diáspora reproduz identidades individuais através de instituições que estabelecem as fronteiras, os mecanismos de socialização, solidariedade e canalização de conflito, assim como as relações com o mundo “externo” e com as outras diásporas irmãs.⁷⁹

Por fim, na última parte do ensaio “Globalização, diáspora e judaísmo”, Sorj demonstra que o Estado de Israel e a diáspora são redimensionados, isto é, são postos sob um viés inovador, a partir de certos fatos, como, por exemplo, a globalização. Igualmente, ele aponta para algumas questões que provocaram transformações nas “instituições da diáspora judaica”,⁸⁰ como a diversidade. Todas essas mudanças mostrariam uma nova categorização relativa a Israel e a sua “condição multidiaspórica”.⁸¹

⁷⁵ SORJ, 2004, p. 65.

⁷⁶ SORJ, 2004, p. 68.

⁷⁷ SORJ, 2004, p. 69.

⁷⁸ SORJ, 2004, p. 69.

⁷⁹ SORJ, 2004, p. 70.

⁸⁰ SORJ, 2004, p. 76.

⁸¹ SORJ, 2004, p. 78.

O último ensaio que será, aqui, comentado é “Estudos Culturais Judaico-brasileiros e latino-americanos: uma abordagem para mapear o híbrido-diaspórico”,⁸² de Néelson Vieira, que pretende reformular os elementos pertencentes à tradição dos Estudos Judaicos, tanto no Brasil como na América Espanhola. O ensaísta traça novas linhas para denominar o judeu, não como o outro cultural na América Latina, mas a partir de seu lugar de enunciação. Propõe-se, além disso, uma reformulação do conceito de subalterno para se pensar a realidade híbrida e diaspórica. Procura-se, através dessa nova perspectiva, reconhecer a cultura do ponto de vista particular, através da diferença, do “local dentro do contexto global”.⁸³ Assim,

Em vez de o étnico ser posicionado ou subjetivado pelos regimes dominantes de representação que o obrigaram a se ver como Outro e a se conformar ao normativo imposto pelo conhecimento hegemônico, esta reformulação começa a partir da experiência do étnico transplantado como enunciação de um conhecimento diferente e produtivo. Assim, vê-se como este conhecimento diferente manifesta a estética da hibrididade e da diáspora – um modo de vida cultural muito relevante para a realidade judaica latino-americana e para a do cruzamento de culturas nesta era de globalização.⁸⁴

Stuart Hall, conforme Vieira, sinalizaria para a constante movimentação, de acordo com as transformações históricas, do particular ou do local, que se comunica “através de linguagens antigas e novas, de situações híbridas e diaspóricas”.⁸⁵ Em termos literários, tanto na América Espanhola como no Brasil, há escritores que a partir de suas ficções representam um novo lugar de enunciação. Alguns escritores, para Vieira, seriam representantes de peso na literatura brasileira judaica, como, Samuel Rawet e Moacyr Scliar.⁸⁶

No navio representado por Lasar Segall, muitos imigrantes buscavam um novo lar e desejavam realizar seus sonhos, porém, para concretizarem tais intentos, atravessaram não apenas o mar revolto, mas enfrentaram uma série de obstáculos até alcançarem a “terra prometida”. Nem todos conseguiram, alguns desistiram e retornaram para a terra natal, outros,

⁸² VIEIRA, Nelson H. Estudos culturais judaico-brasileiros e latino-americanos: uma abordagem para mapear o híbrido-diaspórico. In: GRIN, Mônica; Vieira; Nelson H. (Org.). *Experiência cultural judaica no Brasil: recepção, inclusão e ambivalência*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004. p. 81-100.

⁸³ SORJ, 2004, p. 83.

⁸⁴ SORJ, 2004, p. 83.

⁸⁵ SORJ, 2004, p. 84.

⁸⁶ SORJ, 2004, p. 87.

sem recursos financeiros e sem terra natal, padeceram e continuaram lutando pela sobrevivência. Essa trajetória longa e desgastante fez-se, passo a passo, através dos processos de adaptação ou assimilação, de perdas e ganhos, de alegrias e tristezas.

A presença do imigrante judeu no Brasil, de fato, imprimiu um novo olhar aos estudos sobre a história e sobre a literatura brasileira, afetando, não, exclusivamente, essas duas áreas tão significativas, mas, também, todas as demais, como a sociologia. Os estudos realizados por pesquisadores no Brasil e em outros países mostram a importância do tema para a compreensão de duas culturas tão distantes e que nos últimos 100 anos tornaram-se bastante próximas. A partir desse levantamento, esta dissertação tratará de analisar três autores – Meir Kucinski, Jacó Guinsburg e Samuel Rawet – que a partir da representação ficcional mostraram a importância da presença dos imigrantes judeus no Brasil e de suas marcas na literatura brasileira.

2 MEIR KUCINSKI (1904-1976)

2.1 Uma nota biográfica

Quando, no século XIX, ocorreram os grandes movimentos migratórios dos judeus asquenazitas dos pequenos povoados, do *shtetl* e das grandes cidades da Europa Oriental rumo ao Ocidente da Europa, ao Novo Mundo e a Israel, o ídiche cumpriu o papel fundamental de propiciar a ligação entre os imigrantes judeus. Era nessa língua que os judeus – provenientes de diferentes países – podiam conversar livremente.

Rifka Berezin

O escritor Meir Kucinski e sua família empreenderam, em 1935, a longa viagem de sua cidade natal, Climontóv, na Polônia, para o Brasil. Como a maioria dos imigrantes, enfrentou todas as dificuldades para fugir de sérios problemas, como a crise econômica, política e religiosa que assolava a Europa. Além disso, havia, ataques de grupos paramilitares, os *pogroms*, que, ainda, aterrorizavam as cidadezinhas judaicas.

A coletânea de contos *Imigrantes, mascates e doutores*,⁸⁷ de Kucinski, organizada por Rifka Berezin e Hadassa Cytrynowicz, representa, ficcionalmente, a experiência dos imigrantes judeus provenientes de certas partes da Europa e sua luta para sobreviver em uma nova sociedade, bem diferente da que conheciam anteriormente, do ponto de vista do escritor.

Em sua cidade natal, freqüentava os círculos de intelectuais, atuando como crítico, pesquisador, jornalista e escritor. Posteriormente, em São Paulo, continuou com as mesmas atividades nos meios intelectuais contribuindo em jornais e revistas através de resenhas e ensaios sobre a língua e a cultura ídiche; assim ele “mostra, através de seus escritos, o seu engajamento e envolvimento na vida da comunidade”⁸⁸ e se apresenta “como um fino observador da vida e das relações sociais”.⁸⁹ Além desse engajamento, lecionou literatura ídiche no Colégio Renascença.

⁸⁷ KUCINSKI, 2002.

⁸⁸ BEREZIN, Rifka. Prefácio. In: *Imigrantes, mascates e doutores*. Organização e seleção de Rifka Berezin e Hadassa Cytrynowicz. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. p. 25.

⁸⁹ BEREZIN, 2002, p. 25.

Segundo as organizadoras da coletânea, nessa época, o escritor publicou, em Tel-Aviv, ensaios, contos e críticas, sobre o encontro entre a cultura brasileira e a cultura judaica, como em *Estilo Brasil* e *A palmeira tem saudade do pinheiro*. Nestes, os temas recorrentes seriam: o desejo de vitória, a luta pela sobrevivência, o trabalho, a religião, as dificuldades lingüísticas, culturais e naturais, a profissão de mascate dos recém-chegados, o humor, as adversidades sociais enfrentadas pelos imigrantes. Assim, as ficções de Kucinski:

[...] são mais um olhar sobre aquela época, as raízes de grande parte das novas gerações. E o olhar agudo e o senso crítico de Kucinski perpassam os diferentes tipos humanos, os problemas econômicos e sociais, a ascensão socioeconômica e suas conseqüências no relacionamento social, os problemas familiares, relação de pais e filhos, enfim, a vida da sociedade judaica de São Paulo.⁹⁰

Um aspecto importante que não pode deixar de ser comentando é a relevância do ídiche como elemento agregador na comunidade judaica brasileira formada em São Paulo.⁹¹ Os imigrantes judeus eram oriundos de vários países da Europa, por isso os grupos diferenciavam-se na organização religiosa e familiar, eram singulares culturalmente e tinham normas e leis próprias. Por isso, a língua foi um dos fatores principais que marcou a história da presença judaica no Brasil e, também, a influência da poderosa literatura em língua ídiche nesse período:

Entender a história judaica da Europa do século XIX e fins do XVIII, conhecer o caráter e o mundo espiritual, os ideais e as ideologias dos imigrantes judeus asquenazitas, fundadores das novas comunidades nos novos países de imigração, implica conhecer o ídiche e a sua cultura. A literatura ídiche desse período tumultuado da vida judaica produziu obras inovadoras que expressam a vida dos judeus asquenazitas nos diferentes ambientes, as perseguições que sofreram e suas lutas sociais.⁹²

Berezin destaca, na leitura dos textos críticos, ensaios, artigos e resenhas e, ainda, nos textos ficcionais produzidos pela cultura ídiche, sua reverberação no grupo judaico no Brasil em prol do desenvolvimento e do progresso da comunidade. A criação de associações de

⁹⁰ BEREZIN, 2002, p. 28.

⁹¹ Sobre esse assunto, ver: GUINSBURG, 1996.

⁹² BEREZIN, 2002, p. 13.

ajuda, clubes recreativos e outras instituições culturais reforçam essa característica da comunidade em sua nova pátria.

A coletânea de contos de Kucinski preparada por Berezin e Cytrynowicz revelou os imigrantes judeus e as experiências que eles tiveram na sociedade brasileira a partir desse legado. Através da ficção, Kucinski flagrou o olhar deslumbrado, sequioso por um futuro de vitórias, do imigrante. Num segundo momento, percebeu o desejo ora frustrado e perplexo, conduzindo-os à marginalização; ora desejoso de compreender e adaptar-se ao modo de vida do outro, da nova sociedade.

Os contos de Kucinski, como os de tantos outros escritores desse período, buscam retratar a história dos imigrantes judeus que chegaram ao Brasil e o modo como eles enfrentaram os desafios a eles postos. Para Lyslei Nascimento, em “Arquivos migratórios: ambulantes e mascates judeus no Brasil em contos de Meir Kucinski”,⁹³ descortinou-se, em Kucinski, de forma poética e humana, a aventura de imigrantes dando ênfase aos aspectos do cotidiano, às atividades dos mascates, aos fatos corriqueiros. De acordo com Berezin,

Estes contos recuperam uma parte da história dos imigrantes judeus e trazem à luz o esforço, a luta e os ideais daqueles que, temerosos e deslumbrados, aportaram no Brasil, na esperança de aqui reconstruir suas vidas.⁹⁴

Neste trabalho, foram selecionados da coletânea dois contos de Meir Kucinski para análise: “Mona Lisa” e “Kádish: a oração pelos mortos”. Neles, os personagens percorrem suas trajetórias, de modo peculiar, na tentativa de se inserirem no novo meio social. Eles se depararam com barreiras, mas será a maneira de olhar o novo que determinará a ação de cada um frente aos problemas que vão se apresentando na vida cotidiana. O primeiro encarará os

⁹³ NASCIMENTO, Lyslei. Arquivos migratórios: ambulantes e mascates judeus no Brasil em contos de Meir Kucinski. In: ENCONTRO NACIONAL DO ARQUIVO HISTÓRICO JUDAICO BRASILEIRO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE, 3, 2003, Ouro Preto. *Anais...* Ouro Preto: Inst. Hist. Is. Min./Arq. Hist. Ind. Bras., 2004. p. 273-280.

⁹⁴ BEREZIN, 2002, p. 29.

desafios de forma a tentar compreender e adaptar-se às situações apresentadas. O segundo, também, tentará adaptar-se, mas o peso da culpa conduzirá sua vida à angústia e ao desespero.

2.2 Imigrantes e mascates

2.2.1 “Mona Lisa”: retrato de mulher

O conto “Mona Lisa” é uma das mais instigantes narrativas que compõe a coletânea. Nele, estão presentes questões fundamentais relacionadas à experiência dos imigrantes judeus no Brasil. Estes, após chegarem ao país, lançaram seus olhares para o novo lar, onde encontraram uma sociedade distinta em todos os seus aspectos daquela em que residiam.

Em “Mona Lisa” narra-se a história do personagem Avrum, imigrante judeu oriundo da Polônia. Para sobreviver, como quase todo imigrante recém-chegado, falante de ídiche, torna-se mascate, vendedor de porta em porta. A história começa, justamente, no momento em que o protagonista apregoa seus artigos: imagens de santas, reproduções de retratos e molduras:

- Nossa Senhora! Senhora das Dores... do Bom Parto... do Bom Pensamento!
[...] Nossa Senhora do Amparo! Nossa Senhora, bem baratinho!... [...] –
Santas! Santas! Santas das Dores! Santa dos Partos... Santa da Boa Vontade!
Santa do Amparo!⁹⁵

O narrador apresenta as condições em que se encontra o personagem, fatigado, caminhando sem cessar e com uma mala repleta de mercadorias. Conforme a narrativa, Avrum era vendedor de santinhos, pois não possuía recursos para trabalhar com certos produtos comercializados por ambulantes mais ricos, como, por exemplo, cortes de seda. Além do mais, esse negócio não necessitava de muito dinheiro e, ainda, de acordo com o narrador, ele não precisava se humilhar diante de seus conterrâneos, comerciantes já estabelecidos no bairro do Bom Retiro, em São Paulo, pedindo crédito. Através de amigos que

⁹⁵ KUCINSKI, 2002, p. 55.

lhe tinham feito um empréstimo, conheceu e adquiriu produtos com o português, também imigrante, negociante de artigos religiosos. Este, além de lhe oferecer uma infinidade de mercadorias, todas de pouco valor, tratava-o, aparentemente, de forma paternal, acolhendo-o.

O narrador, no entanto, revela seu modo interesseiro de ser:

Avrum, assim como muitos dos outros que estavam à procura da “sorte grande”, seguia a linha dos negociantes de ouro velho e vendedores de santinhos. Para este negócio não necessitavam de muito dinheiro, nem de se humilhar pedindo algum crédito aos comerciantes patrícios, aqueles que já estavam estabelecidos no Bom Retiro. Seus companheiros, que moravam com ele na mesma pensão, tinham-lhe arrumado crédito com o “bom amigo” português, e este o abarrotara de mercadorias.⁹⁶

Entre os vários artigos exibidos a Avrum escolhera somente imagens das sagradas Nossas Senhoras. Para esclarecer essa escolha, o narrador destaca uma característica cultural e religiosa desses imigrantes. Segundo o conto, não era permitido ao judeu comercializar aqueles tipos de objetos, pois, entre eles, era considerado vergonhoso vender imagens. Como Avrum não estava em sua cidade natal e sua família estava distante, vendia cada vez mais os tais artigos, além disso, ele precisava ganhar seu pão:

Avrum era da cidade de Tchenstokhov. Em sua terra natal os judeus não negociavam com aqueles artigos. Talvez com cruces de ouro, ainda que na cidade houvesse uma grande quantidade de imagens religiosas, as sagradas “Mães de Deus”. Aqui, porém, não era Tchenstokhov, e ele bem conhecia os apelidos com que o português chamava aquelas imagens e figuras... De qualquer maneira a família, que ficara na terra natal, não tinha conhecimento deste seu inadequado ganha-pão. Avrum, porém, não se sentia completamente em paz; um vago sentimento de vergonha o acompanhava e o corroía. Inúmeras vezes havia decidido que, logo que vendesse o lote de mercadorias, não se envolveria novamente com aquele tipo de artigo, mas era cada vez mais puxado e atraído de volta ao português!⁹⁷

Apesar de tudo, o personagem sentia-se incomodado e, simultaneamente, fascinado por esses artigos. É pertinente lembrar que o narrador enfatiza, mais de uma vez, que as mercadorias comercializadas são iguais a tantas outras produzidas em série para serem vendidas. Indiretamente, retira o valor sagrado dos objetos ao mostrar que são feitos milhares e milhares deles, sendo assim, banalizados. No caso do ambulante, ele parece não se sentir

⁹⁶ KUCINSKI, 2002, p. 56.

⁹⁷ KUCINSKI, 2002, p. 57.

seduzido pelas várias “imagens e bugigangas”, pois, diz o narrador, ele e o português sabiam o real valor dos objetos: banais, baratos, produzidos em série. Contudo, o que o atraía era a oportunidade de partilhar dos dramas íntimos de suas clientes, captando os seus desejos e os seus segredos mais profundos e, percebendo as suas necessidades, oferecia uma das Nossas Senhoras para curar seus males. O comércio era, assim, uma forma de desestranhar-se, partilhar um “território imaginário” com as clientes, os brasileiros, enfim.

A possibilidade de envolvimento emocional era, aparentemente, o fator que seduzia Avrum, pois ele se sentia cada vez mais envolvido na trama de vida de suas freguesas. Do mesmo modo, o narrador registra que as freguesas adquiriam os produtos do jovem mascate com prazer, ele era visto entre elas como um mensageiro das santas, o “enviado das santas”.⁹⁸ Para o narrador, seus olhares para o ambulante denunciavam algo mais do que um simples desejo de comprar mercadorias. Na verdade, Avrum teria se tornado um objeto de desejo de muitas dessas clientes, que se sentiam abandonadas, solitárias, esquecidas, nas vilas distantes:

As mulheres sempre compravam com gosto os quadros e imagens, principalmente do jovem russo. Parecia-lhe que elas olhavam para ele de maneira diferente dos outros mascates. Compravam as imagens sagradas com suas últimas moedas e sorriam para ele, quando as procurava naquelas remotas e esquecidas vilas, tão longe da cidade.⁹⁹

Nos momentos de tristeza, principalmente à noite, continua a narrativa, apegavam-se às santas e oravam, desesperadamente, para que as curassem do mal que as afligia e, conseqüentemente, lembravam-se do ambulante, o “jovem e bem apessoado russo”.¹⁰⁰

Segundo o narrador, em certo dia, apesar de não ter vendido nenhuma mercadoria até o fim da tarde, Avrum persistia em busca de clientes, anunciando seus produtos. Ele ainda procurava a casa de sua nova freguesa, dona Cecília. Esta morava como as demais, em um lugar perdido entre colinas. De repente, para a surpresa do vendedor, sai de uma residência um grupo de moças que o rodeou. Elas faziam perguntas sobre os artigos e certo alvoroço

⁹⁸ KUCINSKI, 2002, p. 58.

⁹⁹ KUCINSKI, 2002, p. 57.

¹⁰⁰ KUCINSKI, 2002, p. 58.

diante do ambulante. Nesse instante, o mascate retirou suas mercadorias e, mais uma vez, o narrador enfatiza que elas são imagens grosseiras e rebuscadas, em que predomina “a figura estática, de olhar opaco e fixo”, próxima à representação da morte.

O personagem apresenta os artigos repetindo a mesma “ladainha”,¹⁰¹ fornecendo todas as informações sobre cada santa e o milagre que operam na alma do crente. Minutos depois de certa agitação inicial, Avrum percebe gestos de constrangimento, já conhecidos por ele, entre as freguesas. O narrador afirma que elas não gostavam de revelar seus dramas publicamente, somente quando estavam sozinhas com o vendedor. Entre as atitudes das mulheres brasileiras, o mascate conhecia algumas, como, por exemplo, nunca ter a indelicadeza de dispensar o ambulante dizendo um simples não. Para essas situações, o ambulante preparou uma “santa” solução.

Ele elaborou uma encenação diante das clientes, um momento especial, em que causaria profunda impressão diante de seus olhos, revelaria o seu mais valioso produto: o retrato de Mona Lisa. Apresentada como a Nossa Senhora da Beleza, apreciada por ter “uma beleza santificada”, portanto perfeita, ela poderia, segundo o mascate, realizar verdadeiros milagres através de seus poderes mágicos. O quadro era nada mais nada menos que um talismã da sorte. Esse poderoso objeto, segundo o vendedor, manteria a juventude das moças intacta, eternizando a beleza e transformando as pouco privilegiadas pela natureza:

Avrum já conhecia essa situação e para tanto tinha preparado a “Sagrada Nossa Senhora da Beleza”, a Mona Lisa: ela estava colocada bem no fundo da mala. Afastou-se alguns passos e levantou bem alto o imponente quadro de uma linda mulher, “uma beleza santificada”, - “Nossa Senhora da Beleza”. As mulheres ficaram alvoroçadas. Ele explicou-lhes que o quadro era um talismã para conservar a beleza das jovens, e que também alterava o rosto daquelas “coitadas” a quem a natureza havia discriminado.¹⁰²

Com esse trunfo, aos olhos do narrador, Avrum vendia suas “monas lisas”. Percebe-se na venda dos objetos e no vocabulário, ambos fazem parte do universo do sagrado, a profana

¹⁰¹ KUCINSKI, 2002, p. 59.

¹⁰² KUCINSKI, 2002, p. 59.

instituição do comércio e seus apelos de sedução. Esses elementos vão ser também importantes no momento seguinte em que Avrum dirigiu-se para a casa de sua nova cliente, Cecília. Ele havia estabelecido com ela certa relação de proximidade que desejava reatar nessa nova visita. Como das outras vezes, ele foi bem recebido e acolhido, a hospitalidade de Cecília continuava a mesma. Avrum foi até lá entregar o retrato que ela havia encomendado, entretanto algo imprevisto aconteceu. Entrega, assim, a sua cliente, o retrato de uma figura com olhos baços, pele rufenta, lábios crispados que afugentava uma espécie de rancor, a sua própria imagem. Parecia, nas palavras do narrador, uma representação assustadora da morte. Imediatamente, o clima ameno torna-se sombrio, triste, dolorido.

A mulher, rapidamente, vasculha a mala do rapaz em busca da imagem que desejava e, após encontrá-la, destrói a que havia recebido o seu próprio retrato. Então, de sua expressão envergonhada e humilhada, surge um olhar alegre e brilhante, diante de si estava o retrato de uma mulher, bela, misteriosa, satisfeita: a cópia de Mona Lisa, de Leonardo da Vinci. Avrum, perplexo diante da situação, sentiu piedade de sua cliente e, por extensão, de si mesmo, pois sofreu, da mesma maneira, com o episódio:

E, vendo-se refletida na imagem daquela mulher desconhecida, pouco a pouco seu olhar cheio de tristeza se diluiu e agora, como calor, voltou-se brilhante para Avrum.¹⁰³

Nesse conto, a construção do olhar de Avrum, diante da sociedade brasileira e dos brasileiros, representados pelas clientes, e ante os imigrantes, molda-se a partir de situações cotidianas, de venda e de compra de artigos religiosos. Além da atenção especial ao aspecto religioso na narrativa, a questão cultural e lingüística, da mesma forma, é relevante para se compreender a interação possível entre o mascate e as suas clientes.

O primeiro aspecto que o personagem nota, em sua condição de imigrante e, também, na recente profissão que está exercendo, é o da natureza. A natureza e o clima brasileiros são para ele uma novidade, afinal, provavelmente, em sua terra natal o clima era frio, talvez

¹⁰³ KUCINSKI, 2002, p. 62.

gélido e a vegetação cinzenta e austera. Diante de um clima tropical, cujo sol resplandece de maneira contínua e a temperatura está quase sempre quente, o personagem se deslumbra e, igualmente, sofre devido às altas temperaturas. As marcas do processo de adaptação ao ambiente são visíveis em sua pele avermelhada e em seu rosto afogueado. Seu olhar para o ambiente natural assemelha-se à visão que se tem do deserto, pois as sensações de desgaste e penúria são sentidas, intensamente, pelo mascate:

O ar, como fragmentos de fogo, treme com o calor escaldante. O inverno brasileiro estava atrasado. Fazia meses e meses que não caía nenhuma gota de chuva. Somente de manhãzinha, na madrugada, espalhava-se o sereno, e uma densa neblina umedecia um pouco o mato; mas logo em seguida o sol passava a queimar e o mato, a ficar tostado. Os arbustos ficavam chamuscados, como carapinhas em cabeça de negro. Aqui e ali apareciam algumas poucas árvores perdidas cujas folhas, com a aparência de couro, grossas e vermelhas, se recobriam de uma espessa camada de terra. O ar, saturado de poeira fina, provocava cócegas, como se fosse tabaco moído.¹⁰⁴

A sensação de sufocamento perpassa os sentidos do personagem quando ele está caminhando para vender suas mercadorias. Essa sensação, igualmente, pode se relacionar ao desgaste causado pelo seu processo de adaptação que se estabelece, metaforicamente, não somente em relação ao meio ambiente, mas em relação à religião e à cultura.

Outro aspecto relevante na narrativa é a diferença lingüística. O ambulante observa a língua portuguesa e esforça-se por aprendê-la. O narrador não se refere, diretamente, às dificuldades do mascate com a nova língua, bem diferente da sua língua materna, o ídiche. Entretanto, a relação que Avrum estabelece com sua clientela demonstra sua habilidade em vender e em se comunicar. Nesse caso, ele já sabia algumas estratégias para seduzir o cliente e, assim, vender seus produtos. Através de propagandas pré-concebidas, Avrum criava, desse modo, um clima propício para valorizar suas mercadorias. Noutros momentos, ele é carismático e interessado no que a sua freguesia tem a dizer, como todo bom vendedor, ele é atencioso. A interação entre o mascate imigrante e a sua clientela alcança a intimidade,

¹⁰⁴ KUCINSKI, 2002, p. 55-56.

quando algumas delas lhe revelam detalhes de suas vidas particulares. Então, Avrum percebe, além da beleza e da bondade das mulheres brasileiras, a capacidade que ele tem de seduzir através das palavras.

É a língua que estabelece o elo de comunicação entre o ambulante e suas clientes, além de outros motivos, como a religiosidade; certos sentimentos os aproximam, como a solidão, a marginalidade e a tristeza. É pertinente frisar que em momento algum a língua foi um motivo de desentendimento ou problema para Avrum.

O produto comercializado pelo ambulante, artigos religiosos, leva-o a sentimentos de conflito entre os seus princípios relacionados à religião, adquiridos no passado, na cidadezinha onde morava, e a percepção que tem da prática religiosa entre os brasileiros, mas, no comércio, é o elemento que lhe proporciona a interação com o Brasil, representado pelas clientes. Ele nota as diferenças e, ao se lembrar de sua história, sente-se envergonhado por estar comercializando aquele tipo de produto que é considerado proibido entre os seus conterrâneos. Vê que para os brasileiros as questões religiosas são observadas de modo singular, mais flexível, por ser um país até certo ponto mais maleável nesse aspecto. As clientes, ao obterem, através da compra, uma mercadoria dessa natureza, acreditam estar, muitas vezes, alcançando uma graça divina. Tal situação é bem diversa da cultura do mascate, cujo ato é mal visto e, portanto, repudiado. Na Europa, talvez, ele seria encarado como imoral, indigno de ser judeu e pertencer ao judaísmo. No Brasil, Avrum se apresenta, aos olhos das clientes, como um “enviado divino”, como uma “boa alma”. Ao perceber a reação das freguesas, o mascate, frente às comparações que estabeleceu entre ambas as religiões, acaba por considerar as suas freguesas como pessoas delicadas e inocentes:

Para as mulheres brasileiras, sempre tão delicadas, não ficava bem dizer simplesmente “não” ao vendedor. [...] – Essas ingênuas moças da periferia convencem-se de qualquer coisa.¹⁰⁵

¹⁰⁵ KUCINSKI, 2002, p. 59-60.

A atenção do vendedor ora direciona-se para o caráter religioso, ora para o cultural que se apresenta diante de seus olhos. Ao contemplar a reação de suas freguesas que se deslumbram diante dos objetos vendidos e, igualmente, ante a sua aparência, o ambulante envolve-se, intimamente, em suas vidas. A partir daí, cada vez mais, o vendedor compreende os hábitos e os costumes daquelas pessoas, ao penetrar em suas histórias cotidianas de solidão, marginalização e abandono. Então, sente certo entrosamento entre sua vida solitária e difícil e a realidade cruel daquelas mulheres que moram isoladas dos centros sociais.

Entre todas as clientes, talvez, Cecília seja a que mais espelhe o imigrante. Ela, que mora em algum lugar entre morros, é, no presente, uma pessoa reclusa e de aspecto pouco atraente. Assim, o narrador a vê e, talvez, essa seja a perspectiva que a personagem tenha de si mesma como uma mulher velha, feia e triste. Além disso, sofre, por ser viúva e sem filhos. Entretanto, parece que no passado fora feliz, bela e sedutora. Esse passado se revela misterioso, na medida em que, ao ser observada e apontada pelas suas vizinhas, deixa implícito algo no passado que parece depor contra o personagem. Além disso, o narrador sugere que o seu comportamento e as suas atitudes, especificamente, na presença de Avrum, fogem aos padrões estabelecidos socialmente. Por esses motivos, ela é alvo de comentários maldosos por parte de suas vizinhas.

Um fator interessante presente no conto é o nome Cecília. Proveniente do latim (Coecu), Cecília significaria cego, num sentido restrito, aquele que não vê, que está privado da vista. Em seu sentido figurado, tem-se um campo mais amplo de significações como, por exemplo, aquele que está alucinado, desvairado ou inconsciente. É possível estabelecer, a partir desse jogo entre nome e significação, conexões entre o personagem e Avrum. O personagem, segundo o narrador, vive sua realidade solitária, silenciosa e isolada. Tal situação reflete-se em seu rosto, marcado por sentimentos de tristeza e melancolia. Igualmente, a vila onde morava era como se fosse, observa o narrador, um retrato do

personagem, pois ela tinha, também, sinais que denotavam abandono e esquecimento. Além do mais, as vizinhas de Cecília viam-na com reticências e tratavam-na com desdém e desconsideração. Acreditavam que ela, no passado, fora uma mulher de má índole, que praticava imoralidades. Por essa razão, nenhuma vizinha se aproximava dela. Era como se Cecília carregasse em si alguma moléstia grave, algum mal irremediável que poderia infectar as outras mulheres, por isso, a exclusão, a solidão e, conseqüentemente, a tristeza.

Avrum, durante uma de suas conversas com um grupo de clientes que comentam a respeito de Cecília, não consegue distinguir, com clareza, quais são os verdadeiros sentimentos que essas mulheres expressam, pois sente certo tom ambíguo em suas palavras, não sabendo discernir se elas sentem comiseração ou desprezo pela vizinha:

No mês anterior, quando ele estivera naquelas redondezas pela primeira vez, as mulheres que o rodeavam disseram-lhe para não deixar de ver dona Cecília, coitada, primeiro porque ela necessitava da compaixão da Nossa Senhora e também de todas as pessoas, por estar sofrendo muito, expiando pelos seus atos e pelos caminhos tortos que trilhara; era até melhor nem tocar nesse assunto...¹⁰⁶

O comportamento de Cecília, diferente do esperado pelas pessoas da vila, como, por exemplo, receber sozinha uma pessoa desconhecida em sua casa, especialmente, um homem, causa estranheza e gera suspeitas que se tornam, ao longo dos anos, um mistério. A relação entre o rosto e a índole de Cecília, entre a aparência externa da vila e a interna de sua casa, entre o seu retrato e o quadro de Mona Lisa, entretece realidade e imaginação, em sua existência.

Em relação ao quadro, Mona Lisa, aludida no conto, o seu olhar é uma de suas características mais salientadas. O olhar misterioso e enigmático exige daquele que observa uma atenção redobrada, na tentativa de uma possível interpretação daquilo que expressa. Alçada ao mesmo nível da grande obra de arte, o olhar de Cecília fomenta leituras diferenciadas para Avrum. A primeira, uma visão decadente da cliente, o mascate se

¹⁰⁶ KUCINSKI, 2002, p. 60.

compadece de sua situação, então o olhar é de tristeza, angústia e dor. Já na segunda leitura, o mascate nota certo brilho e calor nos olhos da freguesa, nesse caso, o olhar é vivo, alegre e sedutor. O vendedor confunde-se e se deixa levar pelas atitudes da cliente, como se houvesse algo nela que o atraísse.

A experiência do ambulante mostra que apesar de Cecília ter uma aparência fanada, ela, ainda, guarda dentro de si bondade, vida e carinho. Essas características se revelam através de seu olhar. As mulheres da vila vêem Cecília como uma mulher promíscua e imoral, por isso, ela deveria sofrer devido aos erros que cometeu em seu passado. Mas Avrum, após conhecê-la melhor, observa apenas um olhar radiante e misterioso de Mona Lisa. Ainda, o imigrante vê Cecília receptiva, hospitaleira, bondosa.

2.2.2 Kádisch: a oração de imigrante

No conto “Kádisch: a oração pelos mortos”, o narrador apresenta a trajetória de um judeu de origem alemã e sua experiência na nova pátria, o Brasil. A história é narrada por um comerciante judeu que conhece o mascate em sua loja. Ele observa o comportamento e os conflitos que marcam o percurso do vendedor e, gradualmente, percebe que os mistérios que instigavam sua mente vão se revelando. A narrativa constrói-se a partir de reflexões do comerciante sobre o imigrante. O narrador descreve a aparência do mascate e o contraste entre o que carregava, uma diminuta maleta, e o seu tipo alto e forte. Além disso, determinadas características do imigrante causam-lhe estranheza. Afinal, ele era um representante de uma “fabriqueta de pijamas,”¹⁰⁷ enquanto a maioria dos *iekes*, judeus alemães, representavam lojas ricas e famosas.

¹⁰⁷ KUCINSKI, 2002, p. 203.

Após algum tempo de conversa com o ambulante, o lojista percebe um traço marcante que determina o seu comportamento, ele é “um judeu religioso radical, comum entre os judeus alemães; um judeu de Frankfurt ou de Munique.”¹⁰⁸ À medida que os encontros na loja aconteciam, certos atos, como o interesse por livros de cunho religioso, que estavam nas prateleiras da loja, descortinavam ao narrador a personalidade de Herr Freidenbach. O comerciante impressiona-se com o imigrante, desde seu porte físico ao seu comportamento tristonho, melancólico e de alguém que está perdido. Outro traço marcante do imigrante é, de acordo com o narrador, seu profundo conhecimento do judaísmo:

[...] bastavam alguns minutos, [...] para que tivesse diante de mim um homem imbuído de judaísmo, religiosidade, *mitzves*, preceitos religiosos, e honestidade. Era ele quem me lembrava de quando se devia abençoar *Rosch Khoidesch*, primeiro dia do mês judaico, quando se iniciavam os nove dias nos quais é proibida a carne, antes do nono dia do mês de Av, quando se jejua, e assim por diante. Pareciam um pouco estranhas todas essas coisas naquela figura altiva, moderna, bem vestida e asseada, um inflexível senhor que falava tão bem o alemão.¹⁰⁹

Em quase todos os momentos, praticamente, o comerciante pontua o incômodo provocado pela desarmonia entre o que ele vê e o que parece ser o ambulante. A sensação de que algo está fora do equilíbrio, assinala o discurso do narrador que se sente, às vezes, perplexo diante de sua vontade de compreender o amigo. Imediatamente, o comerciante compara o representante a um “alfaiatezinho devoto”. De acordo com o narrador, um dia o mascate, receoso de ser julgado, acaba por revelar parte de seu mistério, ele era casado com uma cristã e não tinha filhos:

Certo dia ele me surpreendeu, como se fosse sem intenção, com uma voz calma e sussurrante: [...] – Minha senhora é cristã... – E, após uma pausa para um suspiro, continuou: [...] – Nós não temos filhos.¹¹⁰

Essa confiança demonstra, naquele primeiro momento, a causa da fragilidade, da tristeza e da tragédia vivida pelo representante. O comerciante percebe o quanto isso é difícil para o imigrante que construiu sua vida alicerçada na tradição religiosa judaica. A

¹⁰⁸ KUCINSKI, 2002, p. 203.

¹⁰⁹ KUCINSKI, 2002, p. 204.

¹¹⁰ KUCINSKI, 2002, p. 205.

importância do fato revelado causa certo impacto em Herr Mayer. Diante disso, o comerciante aceita o convite do vendedor para participar de uma cerimônia religiosa tradicional, isto é, participar das “grandes festas”, em uma sinagoga.

No dia marcado, o lojista aparece no templo. Este está lotado, mesmo assim, vê seu amigo, devido ao seu porte fora do comum, sentado bem à frente. Apesar da distância, ele nota no rosto do ambulante um ar desamparado de tristeza e sua expressão chorosa. Após as cerimônias, as pessoas se movimentam e algumas vão para perto da Arca Sagrada, para rezarem pelos mortos, ou seja, rezar o *Kádisch* dos enlutados. O representante alemão, também, foi rezar o *Kádisch*, mas, de modo singular, agitava-se e expressava sentimentos de alguém abandonado, miserável e desesperado.

No dia seguinte, Herr Mayer recebeu a visita de seu amigo mascate que lhe veio desejar feliz Ano Bom. Em meio à conversa animada marcada pelo sentimento de alegria devido à festa no dia anterior, o narrador pergunta ao vendedor por quem ele rezava o *Kádisch*. Imediatamente, a expressão facial radiante do ambulante se modifica em dor e silêncio. Então, de maneira sofrida e pesarosa, revela que rezava a oração dos enlutados para si mesmo, pois não tinha filhos. Assim, ninguém rezaria por ele após sua morte. Dessa maneira, rezava, antecipadamente, para si mesmo, já que não teria pessoa alguma que fizesse isso por ele.

Entre os aspectos que devem ser postos em relevo nesse conto estão a religião e a cultura que é mantida, de uma ou outra forma, pelo imigrante e a diferença entre o narrador e o vendedor em relação às práticas religiosas. O narrador, apesar de fazer parte da comunidade judaica e ser, tradicionalmente, pertencente ao judaísmo, não a pratica e não se envergonha disso. Ele, ao se adaptar à sociedade brasileira, perdeu o vínculo com esta prática, assim se esqueceu dos preceitos, datas comemorativas e todos os momentos importantes festejados pelos judeus. Inversamente, o vendedor sofre de maneira angustiante o processo de adaptação

e, muitas vezes, revolta-se com a maneira como os seus conterrâneos tratam as atividades vinculadas à religião. Ele tanto condena os seus patrícios por modificarem os ritos quanto julga a si mesmo por ter quebrado votos. Ele observa os judeus nas sinagogas e se indigna, segundo o personagem, com a falta de educação e de respeito tanto no templo religioso quanto na fidelidade à cerimônia. Por ser um judeu alemão de prática religiosa radical, qualquer desvio dos preceitos é motivo para que o indivíduo seja julgado e condenado. Ironicamente, ele se torna a principal vítima de sua visão severa e intransigente. Durante sua experiência no Brasil, acaba por se casar com uma mulher cristã e, ainda, como se fosse um castigo divino, não consegue ter filhos. Automaticamente, ele se excluiu da comunidade judaica por constrangimento. A sua visão conservadora não possibilita outras leituras relacionadas às causas que conduziram as suas escolhas na nova sociedade. Diante disso, paralisou seu entendimento e foi, lentamente, marginalizando-se:

Seu porte e sua altivez logo desapareciam quando trocava comigo as primeiras palavras e, a bem da verdade, ele não tinha coragem de oferecer-me os seus pijamas.¹¹¹

Sendo assim, o personagem do mascate, fragilizado em sua condição de vendedor ambulante, casado com uma cristã e em meio a um contexto pouco religioso, contrasta com o outro personagem do conto “Mona Lisa” que, apesar de sua consciência do abandono do rigor da lei, adapta-se ao Brasil, aproximando-se e deixando-se absorver pela cultura brasileira.

Kucinski, desse modo, nesses dois contos, traz à luz dois mascates. Um deles, marcado pela melancolia, reza a oração pelos enlutados e sofre. O outro, vendedor de santinhos, torna-se objeto de desejo e de encontro nas margens da cidade. Ao revelar “uma face ídiche do Brasil”, como salienta Nascimento, Kucinski consegue aliar a ela um espírito crítico ímpar e independente, além do registro de um humor judaico muito refinado:

Sob esse ponto de vista, é possível ler suas narrativas como um arquivo que entrecruza uma certa tradição judaica ídiche, tipicamente européia,

¹¹¹ KUCINSKI, 2002, p. 203.

entremeada às cenas da vida cotidiana brasileira, literalmente atravessada pelos ambulantes e mascates judeus.¹¹²

Assim, ao deixar e fazer confluír a nostalgia do imigrante com a necessidade de adaptação, o escritor aponta para uma possível negociação de espaço imperativo para o imigrante em novas terras.

O capítulo a seguir tratará de Jacó Guinsburg que, também, nos seus contos, revela, ao mesmo tempo, a fragilidade do humano e a sua paradoxal força nos momentos de imigração.

¹¹² NASCIMENTO, 2004, p. 273-280.

3 JACÓ GUINSBURG (1921)

3.1 Uma nota biográfica

Jacó Guinsburg, em entrevista a Berta Waldman, relata as experiências de sua condição de imigrante:

Sou filho de imigrantes. Mas não apenas isso: eu mesmo sou imigrante. Vim da Bessarábia para o Brasil com três anos de idade. Como tantos outros, meus pais fugiam de um mundo de discriminações sociais e dificuldades econômicas, e como tantos outros - cristãos, judeus e mulçumanos – aqui aportaram. Foi pouco depois da Revolução de 1924.¹¹³

A literatura de Jacó Guinsburg assemelha-se à de Meir Kucinski e à de Samuel Rawet, em vários aspectos. Ela será estudada no próximo capítulo.

Relata Guinsburg que a saída da Rússia não foi algo espontâneo ou tranquilo, porém uma maneira de escapar de uma série de ações efetivadas por grupos armados que incluíam desde o maltrato até o assassinato. Nessa época, é importante lembrar, a sociedade brasileira, igualmente, sofria com as mudanças que se sucediam, em especial, na área econômica. Provenientes de diversas partes da Europa, os imigrantes chegavam aos portos brasileiros e se dirigiam aos centros urbanos, modificando-os com sua cultura, língua e religião. Em meio a esses acontecimentos, estoura a Revolução de 1930,¹¹⁴ o que afeta, ainda mais, o cenário político. Configura-se, dessa maneira, um clima social, econômico e político marcado,

¹¹³ WALDMAN, Berta. Jacó Guinsburg: depoimento de uma vida em curso (Roteiro & Ficção). *Cadernos de língua e literatura hebraica*, São Paulo, n. 4, p. 10, 2001. Devo a esta bibliografia todas as informações sobre a vida de Jacó Guinsburg.

¹¹⁴ A Revolução de 30 foi um movimento iniciado por oligarquias insatisfeitas com o resultado das eleições presidenciais de 1930 em associação com grupos radicais de oficiais do exército brasileiro. Através de um movimento militar, essa coalizão heterogênea derrubara o governo legalmente constituído, com uma plataforma de moralização das práticas políticas e de transformações sociais e econômicas. [...] O movimento político-militar que determinou o fim da Primeira República (1889-1930) originou-se da união entre os políticos e tenentes que foram derrotados nas eleições de 1930 e decidiram pôr fim ao sistema oligárquico através das armas. Após dois meses de articulações políticas nas principais capitais do país e de preparativos militares, o movimento eclodiu simultaneamente no Rio Grande do Sul e Minas Gerais, na tarde do dia 3 de outubro. Em menos de um mês a revolução já era vitoriosa em quase todo o país, restando apenas São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Pará ainda sob controle do governo federal. Finalmente, um grupo de militares exigiu a renúncia do presidente Washington Luís e pouco depois entregou o poder a Getúlio Vargas. Disponível em: <http://www.passeiweb.com/saiba_mais/fatos_historicos/brasil_america/revolucao_1930>. Acesso em março 2008.

sobretudo, pela instabilidade. Inicia-se um número expressivo de reformas que desembocaram num período marcado pela violência ditatorial de Getúlio Vargas. Assim, o “espaço” de liberdade almejado pelos judeus já não passava de ilusão. Conforme Jeffrey Lesser:

Os últimos anos da década de 1920 estão entre os mais tumultuados da história brasileira. A economia cafeeira paulista entrou em declínio, enquanto estados que estavam fora do círculo do poder político começaram a se tornar economicamente mais fortes.¹¹⁵

Ainda de acordo com Lesser:

A nomeação de Vargas constituiu um divisor de águas na história política brasileira. Ao mudar o eixo do governo central e dos grupos que ele representava, o novo regime mudou também algumas das formas sob as quais funcionava a política brasileira.¹¹⁶

É nessa época que ocorrem as disputas pelo poder político entre os proprietários rurais e os novos donos de indústrias nos centros urbanos brasileiros. A economia cafeeira entra em declínio devido à baixa no preço do produto, acompanhando o momento de profunda estagnação da bolsa de Nova Iorque, que caminhou para o famoso *crack* da principal bolsa de valores dos Estados Unidos. Este afetou todos os países vinculados à economia norte-americana. Quando Getúlio Vargas assumiu o governo brasileiro através do golpe militar de 1930, destituindo Washington Luis, as transformações promovidas tocaram todos os setores sociais, em especial, o relacionado à entrada de imigrantes no Brasil. Os aspectos legais desse ato se agravavam se esses imigrantes fossem judeus.

Guinsburg, ainda menino nesse período, juntava-se aos garotos que percorriam a cidade de São Paulo, observando e participando da sua agitação urbana. Via toda a violência que tomava conta do centro urbano onde residia e percebia as mudanças advindas da ação do governo Vargas e, também, pela chegada em massa de outros imigrantes.

Os pais do futuro escritor, como tantos outros imigrantes, trouxeram poucos pertences e dinheiro, assim, tiveram que trabalhar, arduamente, para sobreviverem. Guinsburg levou

¹¹⁵ LESSER, Jeffrey. Nacionalismo, nativismo e restrição. In: _____. *O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. p. 97.

¹¹⁶ LESSER, 1995, p. 97.

uma vida de criança e adolescente pobre, morando no Bom Retiro. Este surgiu no século XIX, marcado, num primeiro momento, por um contingente de imigrantes italianos que foram recrutados para trabalharem nas indústrias criadas na região. Eles se instalaram a partir de 1880. No início do século XX, a presença italiana já era escassa. Nessa época, começaram a chegar os imigrantes judeus oriundos da Polônia e da Romênia. Esses imigrantes vieram a ocupar o Bom Retiro a partir da Primeira Guerra Mundial e, em seguida, um fluxo maior no período que compreendeu o domínio nazista na Alemanha.¹¹⁷

Apesar da situação financeira delicada, os pais de Guinsburg se esforçaram para educá-lo da melhor forma possível e, desejando vê-lo formado, prepararam-no para as provas de admissão no ginásio da capital. De acordo com Guinsburg:

Nos anos que se seguiram, levei vida de garoto pobre, no bairro de imigração (o Bom Retiro) – troças e campinhos de várzea, andanças pela cidade, vendo o que acontecia à minha volta e assistindo aos tumultos e agitações que precederam a Revolução de 1932: tiros, correrias, manifestações e depois soldados e civis marchando – o MMDC.¹¹⁸

O ambiente freqüentado pelo jovem imigrante sugere pobreza e falta de infra-estrutura e foi nele e em outros espaços da cidade que o escritor viveu e cresceu. Mesmo estando no Brasil, um país em tudo diferente da Rússia, numa sociedade com hábitos e costumes distantes do que a comunidade judaica européia praticava, Guinsburg cumpriu os atos e as obrigações religiosas mantidas, de modo perseverante, pelos seus pais. Nesse sentido, aos 13 anos, realizou o rito de entrada na comunidade, o *bar mitzvá*. Paralelo a esse ritual, iniciou seu aprendizado da língua hebraica. Entremeada à tradição judaica, a hábitos, costumes, o jovem Guinsburg sofria, igualmente, a influência da cultura brasileira, do clima tropical, da vegetação colorida e de brasileiros, como, por exemplo, do professor Cesarino Júnior.

Guinsburg, além de estudar, exerceu diversas atividades como jornaleiro, balconista, operário têxtil. Freqüentou, com assiduidade e paixão, a Biblioteca Municipal, onde iniciou a

¹¹⁷ BOM Retiro, a multietnia na região central da cidade. Disponível em: <<http://portal.prefeitura.sp.gov.br/subprefeituras/spse/dados/histórico>>. Acesso em: 15 mar. 2008.

¹¹⁸ WALDMAN, 2001, p. 10.

leitura de todos os livros a que pudesse ter acesso. Afora isso, outro fato significativo desse momento de sua vida foi seu deslumbramento pela literatura e pela história, que, de acordo com suas próprias palavras, “no ginásio, excetuando-se a literatura e as aulas de história [...] nada mais me atraía”,¹¹⁹ como, por exemplo, as aulas de geografia e ciências.

Ao se mudar para o Rio de Janeiro, em 1924, interessou-se por política e freqüentou a livraria Elo dos irmãos Del Picchia, onde se discutia com entusiasmo política e artes. Ali conheceu e foi influenciado pelas idéias de Jean Monteil, engenheiro têxtil que retornara da França havia pouco tempo. Tornou-se, também, presidente do Departamento Juvenil do “Centro Cultural e Progresso”, igualmente nesse espaço, no qual com freqüência os debates eram intensos. Ao mesmo tempo, voltou sua atenção para as suas raízes, dedicando-se a estudar a literatura e a história judaica.

Em 1947, associou-se a Edgard P. Ortiz e Carlos Ortiz, que juntos criaram a Editora Rampa. Nela se pode ressaltar a importância de publicações, como *Antologia Judaica*, *Jóias do Conto Ídiche*, *A Mãe*, *Contos de J. L. Peretz*. Essas publicações receberam algumas resenhas e críticas importantes, como as de Otto Maria Carpeaux, Osório César, Carlos Drummond de Andrade e Tristão de Atayde. Infelizmente, a editora não resistiu financeiramente e foi liquidada por Guinsburg. A atuação como editor, no entanto, já traçava o seu destino. Depois da Editora Rampa, foi convidado por Jean Monteil para trabalhar na recém-criada editora DIFEL (Difusão Européia do Livro). Dela, o escritor afirma:

Aí pude cooperar, no transcurso dos anos, com alguns projetos que reputo de grande importância cultural e editorial: a publicação da série Saber Atual, a Coleção Clássicos Garnier, uma “Brasileira” moderna sob o título *Corpo e Alma do Brasil*, Presença da Literatura Brasileira, Presença da Literatura Portuguesa, entre outros.¹²⁰

Na DIFEL, Guinsburg pôde, além de colaborar na organização e edição desses títulos, viajar para a França. Na época, também, conheceu Anatol Rosenfeld, grande influência em

¹¹⁹ WALDMAN, 2001, p. 13.

¹²⁰ WALDMAN, 2001, p. 13.

sua vida. Por sua inteligência, Rosenfeld tinha ao redor de si um círculo de amigos que compreendia Regina e Boris Schnaiderman, Roberto Schwatz, Zulmira Tavares entre outros escritores e intelectuais. Esse grupo se encontrava semanalmente e discutia questões relacionadas à filosofia, à literatura, ao teatro, entre outras matérias:

Ainda neste período, a convite de Décio de Almeida Prado, tornei-me colaborador do “Suplemento Literário” de *O Estado de São Paulo*, estando a mim afeta a seção de Letras Judaicas. Tal incumbência permitiu-me abordar e difundir valores e nomes da literatura judaica em iídiche e em hebraico.¹²¹

Jacó Guinsburg, ao longo de sua importante carreira como editor, crítico e tradutor, angariou o respeito de intelectuais atuantes no Brasil, sendo convidado para colaborar em jornais de prestígio e em editoras brasileiras. É pertinente enfatizar que ele atuou nesse meio intelectual, de maneira dinâmica e constante, tanto no âmbito em que a temática relacionava-se à cultura judaica quanto às associadas à cultura brasileira.

Através das influências de Anatol Rosenfeld, de Sábado Magaldi e de Ruggero Jacobbi, penetrou no universo teatral a partir de apresentações, como da moderna arte de encenação trazida por Jacob Rotbaum. Por meio de leituras específicas escolhidas por ele e outras sugeridas por Rosenfeld e Magaldi, familiarizou-se com os aspectos “da história e da teoria dramáticas”,¹²² tornando-se professor de crítica e estética teatral na Escola de Arte Dramática da USP (Universidade de São Paulo).

Em 1965, fundou a Editora Perspectiva, que se firmou no mercado editorial brasileiro por contar com uma lista de obras de alto nível intelectual, em especial, a coleção Debates, que trata de uma gama de temas ligados à filosofia, à literatura, à antropologia, à sociologia e à arte. Já no primeiro lançamento, Guinsburg empreendeu a edição de uma *Judaica*: doze volumes, sobre a criação cultural do povo judeu, em seus quatro mil anos. Após a publicação dessa coleção, o escritor mostrou-se desapontado e um tanto perplexo diante do silêncio da

¹²¹ WALDMAN, 2001, p. 13.

¹²² WALDMAN, 2001, p. 14.

crítica especializada. Apesar dessa recepção fria e apática da crítica, ele continuou a publicar obras sobre a temática judaica:

Curiosamente, não houve, até hoje, uma manifestação sobre o conjunto desta coleção [...] Pois até uma crítica negativa seria um bom augúrio. Não houve apreciação deste trabalho. [...] Quando comecei a publicar a *judaica* o interesse quase desaparecera. Na realidade, houve umas poucas manifestações. De quem? De Anatol Rosenfeld e de Boris Schnaiderman, que eram meus amigos. Hoje, a resposta é ainda mais imperceptível.¹²³

Guinsburg, na seqüência, foi convidado pela USP para atuar na formação do recém-criado Centro de Estudos Judaicos e no Conselho editorial como diretor de publicações; igualmente, coordenou a edição de textos universitários e, ainda o curso de literatura da cadeira de hebraico, além de organizar os programas e ministrar as aulas. Por fim, publicou, em 1996, um dos mais completos estudos sobre a literatura e o teatro ídiche: *Aventuras de uma língua errante: ensaios de literatura e teatro ídiche*.¹²⁴

Em 2000, lançou seu primeiro livro de ficção: *O que aconteceu, aconteceu*.¹²⁵ Essas narrativas tratam da experiência judaica em São Paulo com textos aparentemente leves. Marcados por traços característicos recorrentes, como a exploração do aturdimento e o recurso às ambigüidades, apresentam a trajetória judaica em terras brasileiras, os desafios e as vitórias, os encontros possíveis entre a cultura judaica e a brasileira, através do olhar imigrante diante de um país multicolorido e de um povo multiétnico.

Nesta dissertação, escolhem-se desse livro dois contos para análise. Neles, a imigração se mostra a partir de um processo de adaptação e, assim, compreensão da nova realidade experimentada pelos imigrantes. O primeiro conto a ser analisado intitula-se “O que foi que ela disse?”¹²⁶ e o segundo, “O retrato”.¹²⁷ Ambos têm como tema central, como em Meir Kucinski, a presença e a vivência do imigrante judeu no Brasil e o processo de adaptação frente às barreiras que se apresentam nas relações cotidianas. No exame desses contos, será

¹²³ WALDMAN, 2001, p. 14.

¹²⁴ GUINSBURG, 1996.

¹²⁵ GUINSBURG, 2000.

¹²⁶ GUINSBURG, 2000, p. 11-24.

¹²⁷ GUINSBURG, 2000, p. 59-65.

privilegiado o olhar do imigrante sobre a sociedade brasileira e, vice-versa, o olhar do brasileiro para o imigrante em seus múltiplos aspectos.

3.2 Língua e memória

3.2.1 “O que foi que ela disse?”: experiência lingüística e cultural de um recém-chegado

O conto “O que foi que ela disse?” retrata, de maneira bem-humorada, os primeiros passos de um imigrante de origem judaica, recém-chegado ao Brasil, que se torna mascate para sobreviver. A história começa no momento exato em que uma cliente muito exasperada agride, verbalmente, Srulik, o mascate:

Russo! Sem-vergonha! Aquele casaco! Você me enganou! Vou chamar a polícia! Tá ruço! Não deu nem pra sair! Seu russo ordinário! [...] A mulher gritava. De seus olhos esbugalhados saíam chispas! Da língua em febril movimento, labaredas de palavras e no seu rosto contorcido pela fúria, mil demônios pareciam haver tomado a sua forma.¹²⁸

Nessa situação, o personagem, sem entender bem o que a freguesa diz, interpreta de forma errônea suas palavras. Na verdade, como ele, ainda, não entende bem a língua portuguesa, compreende as palavras: ruço e casaco como russo e cossaco. Imediatamente, ele estabelece relação com seu terrível passado. Tamanho impacto faz emergir a lembrança das perseguições, *pogroms*, que aterrorizavam os judeus e todo o sofrimento que experimentaram naquela época. Sentindo-se ameaçado pela cliente e pela cena que ela criara, reage de maneira desesperada e recua como se ela e todos que assistiam à refrega fossem agredi-lo. A única solução naquele instante foi fugir para não ser capturado. O personagem, em sua mente, escapara da perseguição de que se tornara alvo. Perplexo, não consegue compreender bem o que lhe acontecera, sente que havia algo de errado, mas não conseguia solucionar o problema.

Atordoado, busca a ajuda de alguém que conhecia num bar freqüentado por mascates. Brodski, o amigo vendedor, já experiente na área, falante da língua portuguesa,

¹²⁸ GUINSBURG, 2000, p. 11-24.

depois de ouvir o relato desesperado do amigo, abre-lhe um sorriso e explica o que, talvez, tenha ocorrido. Após escutar a possível verdade sobre o mistério por detrás do enigma, Srulik, aliviado, também sorri. Ele começa a compreender o quanto é importante a aprendizagem da língua portuguesa para a sua adaptação ao meio e para a sua profissão. Porém, o problema ainda não estava totalmente solucionado. Então, Brodski assume a responsabilidade de ajudar o amigo a resolver a querela:

Srulik decidira discutir o assunto com Brodski. [...] Foi direto ao botequim. Como ainda era cedo, ficou à espera do amigo. O susto passara. Mas sabia que se não acertasse a questão, não teria moral para enfrentar a freguesia do bairro, além dos prejuízos que sofreria. [...] Bebeu um copo, depois outro e, já estava no terceiro, quando Brodski entrou, ruidoso e agitado, como sempre. [...] Srulik, cujo humor não era dos melhores, limitou-se a dizer: “Sente-se aí. Preciso de você”. E começou a desfiar a história. Brodski apontou as orelhas e ouviu com atenção crescente. Assim mesmo não entendeu nada. Mas prático e decidido como era e sentindo que devia ajudar o amigo, combinou: “Vamos lá, amanhã cedo...”¹²⁹

Ele determina ações para que Srulik não se prejudique naquela empreitada. Prontos, ambos foram à casa da cliente para negociar a venda do produto feito pelo ambulante. Ao chegarem à residência, mais uma vez, a freguesa não atende as solicitações de Srulik, aparentemente, ainda estava alterada pela discussão. Mesmo assim, Brodski insistiu em dialogar com a freguesa, no entanto, continua irresoluta e ignora os pedidos do vendedor.

Os ambulantes, diante do fato, decidiram aguardar algum tempo para tentar conversar, novamente, com a cliente, contudo, o seu marido chegou e os encontrou sentados nos degraus. Então, ele questionou a presença dos vendedores em sua porta, que, de imediato, explicaram o problema e apresentaram uma possível resolução, o pagamento de metade da dívida. O marido duvidou da honestidade dos mascates, inquireu sobre a proposta, enfim, aceitou. Ao entregar o dinheiro a Brodski, este conferiu e notou que havia menos do que o combinado, mas, como estava em desvantagem, acabou por aceitar o que lhe foi dado. Apesar de lesado pelo cliente, o ambulante preferiu aquilo a nada:

¹²⁹ GUINSBURG, 2000, p. 11-24.

Brodski não relutou e pôs a mão no dinheiro. Contou o montante e verificou que faltava ainda um pouco para completar o combinado. Mas, como era melhor um pássaro na mão do que dois voando, disse: - Tá fechado! E olhe, o senhor fez um negócio da China, foi uma pechincha! Pode dizer à sua mulher que ela não tem por que ser aborrecer, pois com este sol não há preto que não fique ruço! Até logo! – E agarrando Srulik pelo braço, que no pingue-pongue da negociação continuava na mesma, se não de todo, pelo menos em parte, arrastou-o para fora da casa de cômodos, enquanto lhe fornecia a devida interpretação na linguagem dos sábios experientes.¹³⁰

Percebe-se que o personagem conhece, de certa maneira, aquele tipo de situação e que age conforme sua experiência. A posição delicada dos imigrantes em país estrangeiro ensinou a ele as possibilidades de ação em certos casos, cuja desvantagem diante dos brasileiros era explícita. A única atitude que poderia ter era a de aceitar e, ainda, ser simpático com o cliente para que sua imagem e a dos demais companheiros não fossem destruídas por aquelas pessoas, a cliente e seu marido.

O olhar, nesse conto, constrói-se, gradativamente, a partir do processo de adaptação e de compreensão da cultura brasileira por Srulik. Um fato importante a se destacar é a semelhança entre esse personagem e o mascate do conto “Mona Lisa” de Kucinski, analisado anteriormente. A profissão de mascate exercida por ambos possibilita um maior contato com a sociedade brasileira, incitando e impondo sua adaptação ao meio mais rapidamente. Por um lado, o imigrante, recém-chegado, deslumbra-se com o que vê, isto é, a paisagem natural e a humana, respectivamente, a vegetação e as belas mulheres. Por outro lado, ao olhar mais atentamente o meio social, começa a perceber os problemas e desafios que enfrentará.

O narrador registra que, quando aportou no Brasil, Srulik fugia, como tantos outros judeus, de uma sociedade em crise econômica, política e social. A Europa, como já foi dito, atravessava momentos terríveis. A população sofria com a crise, mas os judeus eram atingidos duplamente. Além de todos os problemas sociais e econômicos, havia as perseguições. Nessa situação, para Srulik, qualquer lugar que lhe fosse oferecido para escapar à deplorável condição em que se encontrava era-lhe, diz o narrador, vantajoso.

¹³⁰ GUINSBURG, 2000, p. 24.

Como era costume e exigido pelo governo, quando recebeu a carta de chamada de seu cunhado, imediatamente, embarcou para o Brasil. Ao chegar, abriu os olhos e, deslumbrado, viu um novo mundo. Em primeiro lugar, demorou-se a olhar a natureza multicolorida e diversificada. Seus olhos percorriam tudo o que sua visão podia alcançar. Natureza e clima tropicais provocaram grande impacto em Srulik. Logo após encontrar o cunhado e ser bem recepcionado, mirou uma mulher brasileira, típica mulata, que, imediatamente, comparou à rainha de Sabá. Daí em diante, não podia mais crer no que sua visão contemplava, não somente uma, mas várias mulheres, rainhas de Sabá, circulavam, livremente, na área próxima ao porto. Era, realmente, uma “visão do paraíso”.

Por fim, nesse início de trajetória no Brasil, notou a abundância de frutas e legumes nas barracas de uma feira livre. Chocou-lhe a quantidade de bananas disponíveis e acessíveis a qualquer pessoa, situação impossível em sua cidadezinha. As bananas eram, na região russa, de acordo com o narrador, frutas que apenas as pessoas ricas tinham condições de adquirir.

Depois que Srulik comeu bananas à vontade, o cunhado começou a abrir-lhe os olhos para a realidade difícil, na maioria das vezes, para os imigrantes. O cunhado explicou-lhe que ele deveria trabalhar, arduamente, para sobreviver. Srulik, em sua cidade natal, tivera uma “longa e severa educação tradicional, além de profundos conhecimentos dos livros e dos preceitos sagrados com o recheio de histórias e máximas”,¹³¹ mas aqui, como ambulante, deveria sair de porta em porta com uma grande mala nas mãos e oferecer as mercadorias que conseguiria, num primeiro momento, por empréstimo. Enfrentaria o sol tropical e os clientes que falavam outra língua e que possuíam costumes e hábitos diferentes dos seus.

É nesse contexto que o novo mascate enfrenta sua exaltada cliente. O primeiro problema que ele enfrenta é a discussão com a freguesa. Percebe, nesse momento, a sua condição inferior por não saber a língua portuguesa. Uma outra questão que emerge após a

¹³¹ GUINSBURG, 2000, p. 13.

querela é que ele não conhece a cultura do novo meio para compreender certas atitudes do povo brasileiro. Ele está, ainda, iniciando seu processo de adaptação à nova sociedade, por isso, sofre influências tanto de seu passado na sua cidadezinha como do presente impactante que vivencia no Brasil. Algumas apropriações já aconteciam, como, por exemplo, trocar a água gasosa por cerveja, mas, até então, isso era o mínimo diante do que era necessário para seu encontro com a nova realidade.

A atitude espalhafatosa da freguesa e, anteriormente, sua impostura ao não atender em sua casa o vendedor quando este lhe vem cobrar, parece sugerir que ela mentia. A personagem pede, então, ao marido ou aos filhos para dizer ao vendedor que não está. Outra razão para desconfiança de Srulik era o fato de ela não mostrar o casaco, objeto da discórdia, comprado do ambulante. Parece, assim, que tudo indica uma ação de má-fé. Aparentemente, a cliente se aproveita da ingenuidade do imigrante para lhe dar um golpe. O recém-chegado ignora a língua, por isso não compreende a malícia, em certos casos, de seu uso e, igualmente, desconhece os embustes e as trapaças que poderiam acontecer na sociedade brasileira.

A encenação marca o princípio da narrativa. Em cena estão a cliente, Srulik e a platéia. Ela, uma “consumada atriz”,¹³² com seu desempenho magistral e desafiante. Ele, um ator iniciante, que se atrapalha no momento de atuar e sai do palco. Para completar, a platéia assiste à apresentação de maneira atenta e curiosa:

De todas as portas e janelas daquela casa de cômodos, de longo corredor, emergiram cabeças desorientadas, rostos espantados e olhos curiosos. Mulheres, muitas crianças e alguns velhos compuseram rapidamente a platéia. [...] Srulik olhava para toda aquela cena assombrado. Nunca presenciara coisa assim. Não entendia o que a mulher gritava nem por que ela gritava. [...] A mulher não baixava a voz. Pelo contrário, contando agora com um público numeroso que começava a expressar-se com algumas interjeições de aparente apoio e estímulo, ainda que um ou outro sorriso bailasse em alguns semblantes, a dona levava os seus agudos ao extremo em que beiravam a guinchos de macaco enfurecido.¹³³

¹³² GUINSBURG, 2000, p. 19.

¹³³ GUINSBURG, 2000, p. 11.

De acordo com os seus princípios, certas atitudes eram consideradas desonestas para Srulik, tais como mentir, enganar e lesar alguém de alguma forma. Porém, ao deparar com a exaltação da freguesa, ao observar o seu modo de falar e de gesticular, ele questiona se ela estava sendo verdadeiramente honesta.

3.2.2 “O retrato”: a compreensão de si e do outro

Um fato recorrente entre os imigrantes judeus no Brasil foi o contato através de cartas com parentes ou amigos que permaneceram na Europa no período de grande fluxo. As correspondências tornaram-se um dos únicos elos possíveis em que se poderiam ter notícias dos familiares e amigos e, também, da situação social que agitava os países europeus. A representação desse fato é tratada, ficcionalmente, por Jacó Guinsburg no conto “O retrato”, cujos personagens vivem, de certa maneira, a espera ansiosa e até angustiante pela chegada de uma carta com notícias sobre aqueles que permaneceram na Europa durante a Segunda Guerra Mundial.

A esperança simbolizada pela carta e, ainda, pelo retrato de um jovem sorridente marca a trajetória dessa família de imigrantes. Segundo Berta Waldman, a carta significava muito mais que notícias, ela era um indício de sobrevivência ou não dos familiares,

[...] a carta, esperada pela família desde o início do conto, sendo o presumido emissor um tio que vivia com a família na Bessarábia. No caso, a carta é o aval de sua sobrevivência.¹³⁴

O início da narrativa apresenta o narrador-personagem em seu apartamento sozinho e meditativo, refletindo sobre sua trajetória de vida e, particularmente, a respeito do período em que vivia com seus pais durante a Segunda Guerra Mundial. Estático, o personagem relembra aquela época. Sua visão, nesse contexto, direciona-se para o interior do apartamento e encontra o retrato do jovem primo. Apesar de ouvir o *speaker*, a sua atenção concentra-se na

¹³⁴ WALDMAN, 2004, p. 76.

pequena fotografia sobre a cristaleira. Aparentemente, nada mais lhe resta de sua família, a não ser o retrato.

Em seguida, lembra-se da ansiedade dos pais imigrantes, que aguardavam uma carta e as informações sobre os familiares que deixaram na Europa e, também, a sua reação diante da fotografia do primo apresentado por seus pais. Recorda sua vida de jovem, suas inquietações cotidianas e todo o torvelinho de emoções que o absorviam naquele instante.

Vinculado ao presente, o personagem se vê, no passado, absorvido por questões imediatas, momentâneas. Ele desejava vencer os obstáculos da vida e realizar suas ambições. Meditava sobre seus sonhos e sobre a construção imaginária de sua trajetória, então se lembra do pai e da ocasião em que ele lhe contou sobre sua vida na Europa. A oscilação de uma recordação a outra acontece, espontaneamente, sem que o personagem possa controlá-las. Lembra-se de certas notícias de grande significado para sua vida: a invasão da Polônia por Hitler; a reação dos seus pais diante de certos fatos relacionados à guerra; a sua reação frente ao retrato do primo, enfim, do término do conflito e da reação tanto dos seus pais quanto da cidade, em geral, diante desse momento histórico. No final da narrativa, ocorre um momento de revelação para o personagem:

Os festejos prolongavam-se até a madrugada. Recolhi-me quando o dia já clareava e a luz cinzenta do amanhecer envolvia as avenidas centrais num halo de beatitude. Numa delas, ao longe, alguns vultos esbatiam-se em sombras ondulantes desvanecendo-se no horizonte... [...] Deitado em minha cama tentei passar em revista os acontecimentos daquele dia tão tumultuado. As imagens sucediam-se em rápido desfile. Um torvelinho de braços agitava-se em meu cérebro. Aos poucos, porém, o sono começou a me dominar. Já meio adormecido, pareceu-me distinguir o esboço esfumado de um rosto de adolescente sobrepairando a sarabanda de imagens confusas.¹³⁵

É possível, assim, perceber que o conto se divide em três partes. A primeira delas abarca as lembranças e as posteriores reflexões do personagem sobre o período antes do início da guerra. A segunda parte trata da ocasião em que a guerra está ocorrendo e a última abrange

¹³⁵ GUINSBURG, 2000, p. 64-65.

a fase depois da guerra ou pós-guerra. O personagem lança três olhares diferentes, em espaços de tempo distintos, para um mesmo fato: seu relacionamento familiar.

Na fase pré-guerra, o personagem está, totalmente, imerso em seus problemas pessoais. Seu olhar é para si mesmo, para as suas dúvidas cotidianas, imediatas. Ele se vê, no momento presente, como imaturo e insensível frente àquelas circunstâncias. Diante disso, o protagonista parece justificar seus atos de apatia, dizendo que era muito jovem e inseqüente. Preocupado consigo mesmo, não enxergava os demais, inclusive seus pais e parentes. Suas reações diante dos acontecimentos aumentavam, ainda mais, a diferença entre a sua geração e a de seus pais. O fato de ser brasileiro e os pais estrangeiros, imigrantes, criava um fosso quase intransponível entre as gerações. Um dos fatos que possibilitou esse afastamento foi o retrato que lhe fora apresentado pelo pai. Ele apenas vê a fotografia, nada lhe chama a atenção.

Sua reação de descaso em relação à fotografia do primo entristece seu pai, que o olha desconsolado. Sem maiores interesses, o narrador sabe, de forma superficial, a história dos familiares que estavam na Europa. Mesmo assim, somente vê os acontecimentos a respeito do destino dos parentes. Imediatamente, esquece-se desses fatos e parte para resolver suas pequenas questões. Todos os gestos, palavras e olhares dos pais a respeito da família lhe passam despercebidos, somente o tocam levemente e, num instante, desaparecem sem lhe chegar à alma:

Jamais eu me preocupara com aquela fotografia. Há uns seis anos, mais ou menos, viera uma carta da Europa. Meus pais leram a carta, entreolharam-se em suspiros e depois mostraram-me um retrato. [...] – É o teu primo mais jovem – disseram-me. [...] Eu sabia que em algum vilarejo da Bessarábia vivia um homem cujos filhos eram meus primos. Mais do que isso eu não sabia nem queria saber.¹³⁶

É interessante notar que esse olhar constrói-se a partir de um jovem brasileiro, filho de imigrantes, inserido na sociedade brasileira e participante ativo dos acontecimentos sociais.

¹³⁶ GUINSBURG, 2000, p. 59.

Diante disso, para ele, pelo menos naquele momento, é quase impossível compreender o que se passa com seus parentes distantes. Sem referências consistentes, ele não estabelece conexões firmes que lhe propiciem compreender o mundo de seus pais e, por extensão, dos parentes que vivem num outro continente, numa outra sociedade, num espaço longínquo, fora dos limites de sua visão. O mundo do narrador é outro, a sociedade brasileira em que vive é multicolorida e multiétnica, sincrética. Ele vive em outra realidade social, política, econômica. No mais, existe o conflito de gerações. Seus pais pertencem a uma geração cuja principal preocupação era com a adaptação e a sobrevivência. Eles não tinham a possibilidade de viver, plenamente, na sociedade brasileira sem se sentirem, de certa maneira, deslocados. Eles experimentaram o processo de transição da cultura judaica para a cultura brasileira e são marcados por isso.¹³⁷ Sentem que perderam um mundo e, ao ganharem outro, lembram-se nostalgicamente disso. Mas não é só essa questão que os flagela. A Europa e o nazismo estão dizimando sua gente e suas pequenas cidades.

Esses imigrantes viviam em cidadezinhas organizadas de forma singular, baseadas na tradição milenar judaica, cuja direção fazia-se, na maioria das vezes, através de normas religiosas. Além desses fatores, a língua, a cultura, a natureza, o clima e até os aspectos físicos, tudo era muito diferenciado da sociedade brasileira. Diante da vivência, muitas vezes traumática, os pais do personagem agiam conforme a trajetória de vida que tiveram, sem muitas liberdades ou direitos, unidos ao passado e a tudo que deixaram para trás. Já o personagem não experimentara traumas, não necessitou lutar por sua sobrevivência, nem sofreu ocasiões de exclusão e estranhamento como os pais, muito menos, a dor da saudade, da falta e do vazio. Então, é pertinente lembrar a distinção entre as duas gerações caracterizada por Moacyr Scliar:

A primeira geração, no Novo Mundo, é a geração do iídiche. A geração dos recém-chegados, às voltas com o drama da sobrevivência. [...] Sobrevivência é o tema desta geração, não literatura. Não há tempo para escrever, não há

¹³⁷ Cf. IGEL, 1996, p. 129-130.

tempo para aventuras intelectuais. [...] A segunda geração, formada pelos filhos dos imigrantes, encontra uma situação melhor. Já não comparte com os pais a ansiedade pela comida; [...] já não fala o iídiche, um idioma de circuito fechado, incorpora a língua do país, que desenvolve, até como um mecanismo de compensação, ao ponto do virtuosismo. Mas é também uma geração sofrida, cheia de conflitos com os pais; envergonham-se dessas criaturas incultas, que falam uma língua arrevezada, mas de quem receberam a vida, e a quem amam. É a geração do coração; coração partido, mas coração.¹³⁸

Em geral, os jovens da segunda geração se revoltavam com seus pais, muitos sentem vergonha e medo. Os pais, muitas vezes, com sua insistência em estar no passado, com sua língua e costumes, poderiam causar embaraços frente aos brasileiros. Por isso, queriam esconder o máximo suas origens e se integrarem à sociedade brasileira. No caso do personagem, o conflito refletia-se na sua indiferença e no desprezo pelos membros da família na Europa. Manifestava-se, também, no modo como conduzia seu cotidiano, sempre tentando fugir da realidade:

Às vezes a monotonia do cotidiano assaltava-me. Eu olhava pela janela e tentava divisar um pedaço de céu. Mas no alto as estrelas cintilavam frias e indiferentes à minha angústia. E além do mais eram tão poucas... Alguns metros adiante, um retângulo de concreto erguia-se ocultando-me a amplidão, repelindo o meu olhar sequioso de horizontes. E eu me reclinava lentamente sobre o peitoral da janela, como que cedendo sob o peso do mundo. De repente eu me via com os olhos enterrados no chão.¹³⁹

Além disso, naquele momento, de acordo com suas palavras, experimentava conflitos próprios de sua idade, queria sonhar e ser bem-sucedido. Percebia que o cotidiano, muitas vezes, era enfadonho, desanimador. Lutava para não encarar a idade adulta e para que a vida não se tornasse monótona, na verdade, desejava livrar-se de seus problemas, parece que não queria se tornar adulto e assumir as responsabilidades dessa fase da vida. A sua visão da fase adulta causava-lhe incômodos. A sua imaturidade refletia-se em seus atos e gestos, tanto fora do âmbito familiar quanto no espaço público.

¹³⁸ SCLIAR, Moacyr. A prosa judaica entre dois pólos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14 abr. 1996. Caderno Mais!, p. 13.

¹³⁹ GUINSBURG, 2000, p. 60.

Quando começa a guerra, o envolvimento do narrador é total, seu espírito é absorvido pela reconfiguração da cidade diante do conflito mundial. Ele também se transforma, gradativamente, no ritmo dos acontecimentos. A sua mudança reflete-se tanto no espaço público quanto no interior do apartamento de seus pais. Nesse momento, ele passa a olhar para as situações que estão ao seu redor com uma atenção mais concentrada. Nesta ocasião, os seus sonhos e desejos manifestam-se com maior intensidade, deixando-o, na maioria das vezes, frustrado em razão de sua impotência para realizá-los. O personagem, no turbilhão dos fatos, sente-se confuso com as mudanças bruscas na cidade. Por mais que tente se desvencilhar da realidade imediata, esta lhe força a olhá-la. A cidade espelha os sentimentos do personagem, como se eles tivessem, naquela época, uma ligação profunda.

O seu olhar perplexo transparece em alguns instantes da narrativa como na referência que faz às pessoas que recebem o jornal nas mãos e ficam chocadas com as notícias sobre o início da guerra. Assim, o personagem vê as pessoas como espantalhos, isto é, a expressão facial modifica-se. Naquele instante, elas ficam assustadas e surpreendidas com o desenrolar dos fatos históricos.

Logo após esse momento, lembra-se de uma noite em que seu pai lhe contara sobre o passado vivido na Europa, do ambiente, da natureza, da cidadezinha onde nascera. Nessa situação, pela primeira vez, lança um olhar atento para o retrato do primo. Então, o narrador começa a aproximar-se emocionalmente à família na Europa, talvez, reconhecê-la como algo relevante na sua existência.

O incômodo continua durante a guerra, os acontecimentos se precipitam e seus pais, sempre esperançosos de notícias da família, igualmente, começam a dar sinais de angústia e de sofrimento, pois escutam as informações transmitidas pelo rádio e não recebem a tão almejada carta que aguardam há tempos. Além disso, por mais que tente imprimir um estado de normalidade a sua vida, como freqüentar certos lugares com os amigos, divertir-se, ele

sente que algo está acontecendo com ele e isso, de certa forma, inquieta-o. O personagem, por mais que tente viver atado a devaneios, ao seu universo anterior, voltando seu olhar para si mesmo, sente-se atraído pelas alterações que se desenrolam na sociedade e em seu espírito, que está agitado.

Apesar de tudo, ele ainda está em processo de transição, portanto, oscila entre reconhecer o primo como um familiar e ignorá-lo como se ele nada significasse. Assim, depois que sabe da notícia de que Hitler havia invadido a Polônia, chega em casa e, durante o jantar, após escutar informações sobre a posição da Romênia, inconscientemente, refere-se, junto a seus pais, a essa situação de maneira distante:

À noite, enquanto jantávamos e comentávamos os acontecimentos do dia, o rádio anunciou subitamente: “A Romênia declarou-se neutra”. [...] – Que sorte para os teus! – exclamei. [...] Mas o meu pai se manteve calado. Parecia hesitar entre a tristeza e a alegria... Apenas contemplou-me por alguns instantes, pousando em seguida o olhar sobre a cristaleira. [...] E pela primeira vez fitei o retrato com certa curiosidade.¹⁴⁰

Gradativamente, o personagem vai, através de sua atenção para o retrato, amadurecer e passa do ver para o olhar e, finalmente, deste para o fitar o retrato e reconhecer em seu primo alguém que lhe é importante.

Para alcançar esse nível, ele sofre um processo de amadurecimento e de compreensão da importância daqueles que estavam ao seu redor. Muda sua percepção em relação à sociedade brasileira que reagia aos acontecimentos históricos relativos à guerra e a sua família, que esperava por notícias de seus familiares europeus.

No momento em que o personagem participa dos festejos que comemoram o fim da guerra, imerso entre os milhares de pessoas que se abraçam, beijam e saúdam os novos tempos, ele olha para fora de si mesmo e se sente despersonalizado, unido ao todo, sem vestígios de si. Então, após as comemorações, ele, que faz parte do mundo, através de imagens que passa em revista em sua mente e envolvido pelo sonho, parece entender o que

¹⁴⁰ GUINSBURG, 2000, p. 63.

realmente aconteceu com seus familiares europeus. Nesse momento, compartilha com os pais a sensação de perda.

Verifica-se, pois, nos contos “O que foi que ela disse?” e o “O retrato”, que os personagens enfrentam, diferentemente, suas experiências na sociedade brasileira. O personagem da primeira narrativa consegue, apesar das dificuldades lingüísticas e culturais, driblar as primeiras barreiras impostas pela sociedade brasileira, de maneira, ao mesmo tempo, reflexiva e bem-humorada. Já o personagem do conto seguinte busca compreender seus atos num momento crucial de sua trajetória de vida. Na sua passagem para a fase adulta, olha a sociedade brasileira e, em especial, a sua família a partir de outra perspectiva, mais solidária e humana.

Guinsburg elabora, assim, duas faces da imigração judaica. A primeira, em adaptação, sofre e aprende na rua, na vida. A segunda, dos filhos dos imigrantes, parece estar longe da geração dos pais, no entanto, a *Shoah* – a catástrofe – faz com que voltem os olhos para o que, realmente, importa além de si.

4 SAMUEL RAWET (1929-1984)

4.1 Uma nota biográfica

Samuel Rawet nasceu em 1929 em Klimontów, Polônia. Em 1936, aos sete anos, imigrou para o Brasil com sua mãe e seus irmãos. Seu pai já havia aportado em terras brasileiras há três anos e conseguira dinheiro suficiente para pagar a passagem de navio de sua família que, ainda, estava na Europa. No ensaio de Natalia Klidzio, “Um olhar sobre a cidade do escritor Samuel Rawet: Klimontów”, confirma-se a origem do escritor:

[...] é justamente ali que se pode encontrar a origem de Samuel Rawet: no Livro de Registros de Nascimentos, Casamentos e Mortes do ano de 1929, no ato de número 37, encontramos a declaração feita e assinada por Szapsa Rawet, comerciante, 38 anos, morador permanente de Klimontów, de que sua esposa Sury-Lai Bokser, 31 anos, deu à luz uma criança de sexo masculino, às dez horas da manhã, do dia vinte e três de julho de mil novecentos e vinte e nove. A criança recebeu o nome de Szmul-Urys.¹⁴¹

Os dados registrados no documento do cartório da cidade, além de ratificarem a naturalidade de Rawet, apresentam outras informações consideráveis, como os nomes de seus pais, a profissão do pai e demais detalhes sobre mês, dia e hora de nascimento da criança.

No Brasil, o pai de Rawet, como muitos outros judeus, desejava “fazer a América”, isto é, prosperar financeiramente, ser vitorioso no trabalho, além de ter lar e paz, segundo Moacyr Scliar, todos os judeus “juntavam-se assim aos milhões que deixavam uma Europa empobrecida e dilacerada pelos conflitos, em busca de uma nova vida.”¹⁴² Então, ao chegar, tornou-se mascate, *clienteltchik*, em ídiche, passando a residir no subúrbio carioca de Leopoldina. Após árduo trabalho e de conseguir moradia fixa, pôde, através da “carta de chamada”, trazer o restante da família para se juntar a ele. Enquanto esperavam pelo dinheiro para a viagem e pela “carta de chamada”, a família sofria com a crise social que assolava a Polônia. Infelizmente, conforme Klidzio, não havia na cidadezinha polonesa indústria local e,

¹⁴¹ KLIDZIO, Natalia. Um olhar sobre a cidade do escritor Samuel Rawet: Klimontów. In: KIRSCHBAUM, Saul (Org.). *Dez ensaios sobre Samuel Rawet*. Brasília: LGE Editora, 2007. p. 24.

¹⁴² SCLIAR, Moacyr. *Judaísmo: dispersão e unidade*. São Paulo: Ática, 2001. p. 104.

apesar de a terra ser fértil, ela fornecia, apenas, o necessário para a subsistência dos habitantes. Dessa maneira, a maioria dos moradores acreditava que a única solução para o fim da miséria era a imigração. Em entrevista a Flávio Moreira da Costa, Rawet recorda-se da aldeia onde nasceu e viveu até os sete anos de idade:

Tenho lembranças da vida na aldeia, lembranças do inverno, da vida religiosa, da convivência com parentes, lembranças inclusive de um mundo que não existe mais, e que mais tarde passou a me interessar por ser um mundo – não sei bem localizar – talvez da Idade Média, ou do século XVIII ou mesmo XVII. Um grupo judaico que se organiza em determinada região, mesmo quando a religião não tem um caráter muito forte, possui mais um sentido de tradição.¹⁴³

A lembrança de Rawet sobre o *shtetl* afigura-se como um mundo à parte, arcaico e organizado por judeus. De modo singular, esse ambiente único marcado pela tradição dentro de um universo invulgar fixou-se, profundamente, na sua memória. É significativo apontar nessa entrevista para a referência indireta ao desaparecimento dessas comunidades no período da 2ª Guerra Mundial:

[...] na atrasada Europa oriental, grande parte da qual pertencia ao Império Russo, os judeus levavam uma vida bem diferente. Para começar, só podiam viver em regiões geográficas delimitadas - um equivalente rural, mais extenso, do gueto urbano. A aldeia, o *shtetl*, tornou-se o centro da existência judaica. Aí viviam, em lírica miséria, os agricultores, os sapateiros, os alfaiates, os leiteiros, os açougueiros, as mulheres cuidando da casa e criando os numerosos filhos;¹⁴⁴

Além do caos social, também as perseguições aos judeus, em alguns pontos da Rússia e em regiões próximas, forçaram o grupo judaico a deixar seus lares em busca de paz e tranquilidade. Assim, afora os problemas sociais que a família enfrentava, havia a ameaça dos *pogroms*.

No Brasil, a vida da família Rawet transformou-se, completamente. O pai tornou-se prestamista, para sobreviver, atividade que nunca exercera no passado. A família precisou reestruturar-se para enfrentar a nova sociedade. O meio social brasileiro caracterizado pela

¹⁴³ RAWET *apud* KIRSCHBAUM, Saul. *Samuel Rawet: profeta da alteridade*, 2000. p 1-106. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2000. Entrevista de Rawet concebida a Flávio Moreira da Costa.

¹⁴⁴ SCLIAR, 2001, p. 82.

mistura de povos, pelo clima e pela vegetação tropical e por ser religiosamente sincrético deve ter abalado os imigrantes. A cultura, a língua, a religião brasileira diferenciavam-se, profundamente, daquelas conhecidas pelo menino Samuel e por seus familiares, mesmo assim, eles não tinham outra saída a não ser adaptarem-se a essa realidade.

O processo de adaptação de Rawet, de acordo com o seu depoimento, foi doloroso. O desconhecimento da língua portuguesa e da cultura brasileira dificultou a inserção da criança no meio escolar e nos lugares que freqüentava fora da comunidade. Acostumado com a cidadezinha polonesa e sua forma tradicional de organização, no Brasil, mesmo estando próximo de seus familiares, sentiu de forma violenta a diferença entre o presente e o passado. Talvez o momento mais dramático do depoimento do escritor seja o fragmento em que ele diz ter aprendido tudo na rua, em especial, a língua portuguesa, através de surras e, provavelmente, de sucessivas zombarias e deboches:

As recordações dos primeiros dias no Brasil são importantes até hoje. Saltei ali na Praça Mauá, com a família. Meu pai já havia alugado uma casa no subúrbio, em Leopoldina, onde moravam meus tios e onde fui morar. Até os vinte e poucos anos morei nos subúrbios de Leopoldina. Sou fundamentalmente suburbano; o subúrbio está muito ligado a mim. Aprendi o português na rua, apanhando e falando errado - acho até que este é o melhor método pedagógico em todos os sentidos. Aprendi tudo na rua.¹⁴⁵

Nesse trecho, Rawet não se esqueceu de seus primeiros momentos no Brasil e, da mesma forma, marcou-lhe seu “curioso” processo de aprendizagem da língua portuguesa e de parte da cultura brasileira. Essa violenta pedagogia parece assinalar a vida do escritor de tal maneira que alguns pesquisadores de sua obra, em particular, do conto “Gringuinho”,¹⁴⁶ que será estudado mais adiante, acreditam ser essa narrativa uma possível autobiografia de sua dura infância.

¹⁴⁵ RAWET *apud* KIRSCHBAUM, Saul. *Samuel Rawet: profeta da alteridade*, 2000. p 1-106. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2000. Entrevista de Rawet concebida a Flávio Moreira da Costa.

¹⁴⁶ RAWET, Samuel. *Contos e novelas reunidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

Rawet conseguiu estudar como a maioria dos filhos de imigrantes judeus que aportaram no país. Apesar da situação repleta de dificuldades, cursou o primário, o secundário e estudou engenharia. Aos quinze anos, mais ou menos, o escritor freqüentava a sinagoga e participava das atividades realizadas na colônia. Nessa época, apaixonou-se pelo teatro e começou a assistir às encenações locais. Então, freqüentou os teatros onde atuavam Bibi Ferreira, Nicette Bruno e Paulo Goulart. Empolgado, começou a escrever para o teatro, contudo o que criava, conforme o seu estilo, não se adequava ao palco. Numa dessas tentativas de produção teatral, Ruggero Jacobbi, que havia solicitado ao escritor uma peça e, no momento em que a leu, “ficou apavorado”, pois “era altamente subjetiva, cheia de minhocas,”¹⁴⁷ desanimou Rawet. Essa tentativa e algumas outras mostraram ao escritor que a dramaturgia não era o seu caminho. Ele, aos poucos, desistiu do gênero e passou a escrever contos e novelas curtas, tipos de texto em que se sentiu mais à vontade:

Minha experiência de teatro foi péssima. Vim a escrever para teatro aos 16 ou 15 anos, quando comecei a assistir teatro. Tampouco ninguém me orientou; [...] Assim, vim para a cidade e entrei em contato com o teatro local. Maravilhado, ia lá pra torrinha do Teatro Phoenix ver a Bibi Ferreira fazer “O sétimo céu”, ou “A Moreninha”, com Paulo Porto. [...] Daí desembestei, comecei a escrever para teatro, vindo a rasgar tudo depois. [...] Tive outras experiências depois. Quando esta peça (Os amantes) foi encenada, eu devia ter umas dez peças na gaveta. Rasguei todas elas.¹⁴⁸

Rawet, até seus 22 anos, participava dos acontecimentos na comunidade judaica e dos eventos religiosos. Nesse período, integrou o Grêmio Stefan Zweig como diretor cultural e fez parte da Turma da Mão Unida (composta por cinco jovens amigos). Estes mantinham intensa vida social e comunitária, segundo Heliete Vaitsman.¹⁴⁹ Paralelo a sua participação na comunidade, freqüentou, entre fins dos anos 40 e início dos 50, o grupo Café da Manhã, organizado e coordenado por Dinah Silveira de Queiroz. Nesse meio conheceu Fausto Cunha,

¹⁴⁷ RAWET *apud* KIRSCHBAUM, Saul. *Samuel Rawet: profeta da alteridade*, 2000. p 1-106. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2000. Entrevista de Rawet concebida a Flávio Moreira da Costa.

¹⁴⁸ RAWET *apud* KIRSCHBAUM, Saul.

¹⁴⁹ VAITSMAN, Heliete, Judeus de Leopoldina. *Boletim ASA*, Rio de Janeiro, n. 104, p. 8, jan./fev. 2007.

Renard Perez e Nataniel Dantas.¹⁵⁰ Os dois primeiros tornaram-se amigos íntimos de Rawet até 1984, ano em que o escritor faleceu. Contudo, rompeu com a comunidade, melindrado, principalmente, pelo fato de lançar a coletânea *Contos do imigrante* e não ser, segundo seu ponto de vista, reconhecido pela comunidade como escritor, mas como um simples aspirante. Após o fim da 2ª Guerra Mundial, foram divulgadas as atrocidades cometidas pelos nazistas contra os judeus. Apesar do massacre de seis milhões de pessoas, os ferozes pronunciamentos de Rawet não diminuíram.

Além desses pronunciamentos, seu sentimento de deslocamento vai ser manifestado, também, na vida profissional. Engenheiro calculista de concreto armado, trabalhou na equipe dos famosos Oscar Niemeyer, Joaquim Cardozo e Lúcio Costa na construção de Brasília. Uma das referências à competência de Rawet é o cálculo que fez de toda a estrutura do Congresso Nacional. Em determinado momento da entrevista concedida a Moreira da Costa, ao se referir à presença de Oscar Niemeyer, Lúcio Costa e Joaquim Cardozo durante os trabalhos na construção de Brasília, Rawet afirma ter se sentido constrangido diante de figuras tão renomadas. Vislumbra que ali não é seu lugar, experimenta, então, sentimentos de deslocamento:

[...] naquela época eu trabalhava no escritório da Belacap, minha parte era cálculo de concreto armado – o Congresso de Brasília foi todo calculado por mim. Mas um dia eu ia chegando no Ministério da Educação, onde funcionavam nossos escritórios, quando olhei e vi, no fim da escada, Oscar Niemeyer, Joaquim Cardozo e Lúcio Costa juntos. Tive um “troço” por dentro, perguntei a mim mesmo “o que é que estou fazendo aqui?” Ainda fiquei um pouco por ali, entreguei um papel e fui embora.¹⁵¹

Enquanto escritor de elevado gabarito, Rawet compôs novelas e contos considerados singulares tanto na elaboração estrutural quanto em relação aos temas desenvolvidos. Em 1956, publicou sua primeira coletânea de narrativas intitulada *Contos do imigrante*.¹⁵² Na

¹⁵⁰ SEFFRIN, André. Samuel Rawet: fiel a si mesmo. In: RAWET, Samuel. *Contos e novelas reunidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. p. 10.

¹⁵¹ RAWET *apud* KIRSCHBAUM, Saul.

¹⁵² RAWET, Samuel. *Contos do imigrante*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

época, Rawet tinha apenas 26 anos. Nesse ano outras obras marcantes, também, ganharam relevo:

No grande contexto de 1956, ano crucial para ficção brasileira, quando ocorre a publicação de *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa, *O encontro marcado* de Fernando Sabino, *Vila dos Confins* de Mário Palmério e *Doramundo* de Geraldo Ferraz, surge também o polonês/brasileiro/judeu Samuel Rawet (1929 -1984), autor de vários textos importantes, tais como *Contos do imigrante* (1956), *Os sete sonhos* (1967), *Viagens de Ahasverus à Terra alheia* (1970) e *Que os mortos enterrem seus mortos* (1981).¹⁵³

Todos esses escritores surpreenderam tanto os críticos especializados quanto os leitores com suas inovações em termos formais e/ou temáticos. No caso particular de Guimarães Rosa e Samuel Rawet, ambos reconhecidos e tratados como precursores da nova produção literária brasileira, o primeiro no romance e o segundo no conto, o que os diferenciou, num primeiro momento, foi o modo como a crítica divulgou os dois escritores e suas respectivas obras. A obra de João Guimarães Rosa sempre foi analisada e difundida no meio intelectual e literário, sempre aplaudida e distinguida pelos críticos. Desse modo, o escritor, continuamente, foi alvo de elogios até a ocasião de seu falecimento, quando fizeram o necrológio que ocupou a primeira página de importante jornal brasileiro.

Já Rawet, farto e, ao mesmo tempo, ressentido do meio literário e, igualmente, dos editores, afastou-se e assim foi esquecido. Segundo pesquisadores de sua obra, alguns motivos propiciaram e influenciaram no esquecimento em relação a Rawet e seu trabalho.

Conforme entrevistas que concedeu, parece que sempre houve desentendimentos entre o escritor e os editores sobre a publicação de seus textos. Os motivos variavam, como, por exemplo, a extensão de alguns textos, segundo os empresários, em geral não geraria lucros, mas prejuízos se editados. Quase sempre havia um motivo para que os editores recusassem a publicação de seus escritos. Posteriormente, o próprio escritor tornou-se intransigente em relação à publicação, criando muitos desafetos que culminariam no desligamento, quase por

¹⁵³ CORRÊA, Almir A. Melancolia e finitude ou ódio e compaixão em Contos de Samuel Rawet. In: KIRSCHBAUM, Saul (Org.). *Dez ensaios sobre Samuel Rawet*. Brasília: LGE Editora, 2007. p. 136.

completo, de ambas as partes. Não é por acaso que ele é apresentado, por um lado, como um homem dinâmico, engenheiro de concreto armado que trabalhou no Brasil e no exterior com personalidades renomadas e, por outro lado, de inteligência refinada e forte sensibilidade, ao logo dos anos, desgostoso, socialmente, arredio e depressivo. A vida de Rawet foi atormentada, seu sentimento de imigrante inassimilável o fez ficar cada vez mais apartado do convívio social e, em determinada época, dominado, até a morte, por distúrbio mental que tomou, segundo Scliar, “a forma de um violento anti-semitismo, ou seja, auto-ódio judaico”.¹⁵⁴ Scliar narra que, quando iniciou sua carreira como escritor, participou de um encontro em que comentou sobre suas origens e seu trabalho, no final de sua apresentação, elogiou Samuel Rawet e sua obra literária. Após o evento:

Quando terminou a sessão, alguém se aproximou e perguntou se eu conhecia Samuel Rawet. Eu disse que não, e que nem sabia de sua presença ali. A pessoa me levou até um homem baixinho, magrinho, que vestia um grotesco macacão. Apresentei-me, disse que era um prazer conhecê-lo. Pois para mim não é prazer nenhum, respondeu, aos berros, eu odeio todos vocês. (Esse “vocês” referindo-se, obviamente, aos judeus.) [...] De imediato estabeleceu-se uma confusão. A professora Bella Jozef, que estava comigo, pôs-se a chorar, outros ficaram indignados. Mas eu (talvez mobilizando meu lado médico) consegui controlar-me, pedi-lhe que se acalmasse e fui embora.¹⁵⁵

Scliar, após esse incidente, concluiu seu testemunho mostrando que doença mental e literatura, arte e distúrbios mentais “não favorece a genialidade, ao contrário, destrói-a. O talento de Samuel Rawet foi liquidado por sua paranóia”.¹⁵⁶

A aversão aos judeus experimentada por Rawet construiu-se a partir de uma imagem negativa que o escritor internalizou, gradativamente, durante sua vivência na sociedade brasileira. O sentimento de repúdio ao judeu expressa sua rigidez e seu desprezo por sua própria origem marcada por traços singulares: culturais, lingüísticos e religiosos. De acordo com Sander L. Gilman,

¹⁵⁴ SCLiar, Moacyr. Samuel Rawet. Disponível em: <http://www.bestiario.com.br/11_arquivos/scliar>. Acesso em: 15 mar. 2008.

¹⁵⁵ SCLiar, 2008.

¹⁵⁶ SCLiar, 2008.

O auto-ódio surge quando as miragens de estereótipos são confundidas com realidades dentro do mundo, quando o desejo de aceitação força o reconhecimento da própria diferença. É, portanto, um dos produtos universais da maneira como somos forçados a ver o mundo. Em um outro nível somos todos Outros para algum grupo. Mas é a pernicioso existência de padrões culturalmente determinados de Alteridade, aplicados não a indivíduos, mas a grupos, que é muito interessante. A mutável implicação de papéis dentro da sociedade, a mudança de dependência para domínio no desenvolvimento de qualquer determinado indivíduo tende a enevoar-se sob a pressão da estereotipização de um grupo.¹⁵⁷

Rawet, cingido pela solidão e pela marginalização, talvez tenha sido mais uma vítima de um processo em que o diferente não é reconhecido nem considerado pelo outro. Inserido numa sociedade padronizada culturalmente, é possível que lhe tenha restado o isolamento e o esquecimento de si para o meio social.

No período em que faleceu, nenhuma nota foi feita em sua homenagem. Esse fato confirmou, realmente, que a maior parte do meio literário brasileiro não reconheceu sua obra e nem o escritor como motivos extraordinários no cenário literário brasileiro e universal:

Quando morreu o escritor João Guimarães Rosa, um jornal do Rio deu em manchete: “Morreu o grande escritor”, o que espantou Nelson Rodrigues, pois achou um exagero ou fora atingido na sua vaidade pessoal. Por outro lado, Nelson Rodrigues era um jornalista e estava habituado com o silêncio que cerca, de modo geral, escritores e literatura brasileira nos nossos ditos órgãos de comunicação de massa. [...] É que Guimarães Rosa havia extrapolado, por alguma razão oculta, o fechado círculo da vida literária, talvez pela polêmica que motivou sua obra, talvez por ter sido chamado de “equivoco” e de “gênio” ao mesmo tempo. O certo foi que ele teve aquela manchete de primeira página. Mas quando Samuel Rawet morreu – tão importante quanto Rosa – mereceu apenas algumas linhas na “vala-comum” de um necrológio num canto de jornal.¹⁵⁸

Autor de textos belíssimos, de alto nível de elaboração formal e temático, os contos lançados em 1956 geraram algumas críticas que o exaltaram, contudo, também, críticas que o desmereciam como escritor de primeira ordem. Rawet não desnorteou apenas os críticos especializados, mas, igualmente, muitos leitores, à espera de uma literatura nos moldes tradicionais, foram surpreendidos pela construção de seus contos elaborados, de forma

¹⁵⁷ GILMAN, L. Sander. O que é o auto-ódio. In: VIEIRA, Nelson (Org.). *Construindo a imagem do judeu*. Rio de Janeiro: Imago, 1994. p. 35-63.

¹⁵⁸ BRASIL, Assis. Samuel Rawet, um marco literário. In: RAWET, Samuel. *Contos do imigrante*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998. p. 9.

econômica, elíptica e sofisticada, e pelos temas abordados, em geral, de teor filosófico, sérios e angustiantes, meditados até o âmago. Na verdade, a crítica que condenou Rawet tinha dificuldades em classificar suas narrativas para poder, então, comentá-las, analisá-las e encaixá-las em algum lugar da produção literária brasileira. Afinal, suas histórias abordavam temáticas, naquela época, avessas ao esperado pelo leitor, que era acostumado a histórias bem-humoradas, com pitadas de alegria e descontração, relacionadas à história brasileira e suas características tropicais. Dessa maneira, os assuntos e a construção dos enredos fugiam a compreensão geral:

Nos textos de Rawet, [...], sentimos o pulso de um escritor jamais inteiramente à vontade com os artifícios de sua narrativa. Hábil contista, dotado de “um instrumental literário de grande precisão”, na avaliação de Jacó Guinsburg. Rawet criou textos densos, de contorno ensaístico, que lhe renderam alguns elogios e muito estranhamento. Estranhamento causado pela dificuldade em situar a prosa imbricada e soturna de Rawet dentro dos parâmetros de uma escrita brasileira, identificada, desde o nosso primeiro modernismo de 1922, pelos traços solares da espontaneidade e do coloquialidade. O projeto de afirmação nacional centrava-se na recusa da dicção empolada, demasiado séria e profunda, produzida na matriz européia.¹⁵⁹

Os textos do escritor são marcados por uma forte densidade filosófica, são recorrentes questões relacionadas à solidão, à angústia e ao sofrimento impingidos aos personagens, que se sentem isolados, excluídos, marginalizados do meio no qual estão mergulhados. Para reforçar esse cenário melancólico e austero, a construção dos contos propicia, a partir de cortes bruscos e de uma linguagem sincopada, um mergulho na condição humana: miséria e medo, solidão e vazio, tormento e dilaceramento. Esse tipo de literatura, bem diferente da produzida no Brasil naquele contexto, afirma Rosana Bines, intimidou os críticos e os leitores, que ficaram meio atordoados com a narração cerrada, feita a ferro e fogo.

A condição judaica de Rawet é um dado relevante para se tentar compreender a sua vida, a construção de sua trajetória na sociedade judaica e brasileira. Rawet nasceu numa das cidadezinhas típicas judaicas, de forte tradição religiosa e cultural. Quando o escritor chegou

¹⁵⁹ BINES, 2004, p. 199.

ao Brasil, já tinha sido alfabetizado em ídiche e havia adquirido parte do conhecimento da tradição e dos estudos religiosos e culturais judaicos. Acostumado ao ambiente natural de sua cidade de origem, ao meio social marcante e às características singulares do lugar, a brusca transformação de sua vida parece ter gerado traumas. É pertinente lembrar que o menino Rawet, como o personagem Gringuinho, deixou o ambiente social polonês quando era criança, sem nada saber, sem que ninguém lhe desse uma explicação, justificativa ou orientação. O jovem, num instante, viu-se imerso num universo estranho, onde passou por vivências amargas. Nesse novo ambiente social, ele, provavelmente, enfrentou problemas de adaptação, de inserção social, além disso, o desconhecimento, em particular, da língua e da cultura brasileira lhe provocou sensações de estranheza. Tudo, enfim, a natureza, as pessoas, o clima, talvez até a comida e a moradia, eram anormais e toda essa amarga experiência marcou sua vida e migrou para a sua obra literária.

Em seu depoimento, nota-se que a sua ambientação na sociedade brasileira foi marcada por ocasiões angustiantes que fizeram parte do seu processo de acomodação. O isolamento devido à diferença, a perplexidade ante um mundo alienígena, a incompreensão geral e o sentimento de falta estão, aparentemente, presentes na vida do escritor e se refletem nas representações ficcionais da trajetória de seus personagens. Esses fatos propiciaram, por exemplo, um olhar assinalado pela angústia, pela solidão, pelo isolamento e pela impossibilidade do encontro com o outro. Falante da língua ídiche e praticante do judaísmo, o escritor respirava, na infância, os ares da tradição judaica da cidadezinha onde morava com sua família. O seu percurso no Brasil foi, assim, tortuoso, igualmente, os personagens de suas histórias enfrentaram momentos aflitivos. Em sua primeira coletânea *Contos do imigrante*, o narrador focaliza, justamente, os caminhos penosos dos personagens que lutam para

sobreviver enfrentando o processo cruel de adaptação. Neste trabalho, entre as narrativas da coletânea, foram selecionadas duas para exame: “Gringuinho”¹⁶⁰ e “A prece”¹⁶¹.

4.2 Crianças e mulheres

4.2.1 “Gringuinho”: retrato de dor na infância

No conto “Gringuinho”, o personagem é marcado por sentimentos de isolamento, de angústia e de incompreensão diante do impacto da imigração. Nessa história, o narrador apresenta o terrível processo de adaptação sofrido por uma criança imigrante que aporta, junto a seus pais, no Brasil. A narrativa principia no instante em que Gringuinho, apelido depreciativo referente a sua estrangeiridade, chora, efusivamente, por não mais suportar o meio em que vive. A criança se sente marginalizada tanto pela sociedade em geral como por sua família, que ignora sua dor. Ela se vê impotente diante da diferença que observa no ambiente cultural, lingüístico e natural e no modo como é encarada pelos demais, como um alienígena.

A narrativa é construída a partir do olhar perplexo da criança, de suas lembranças imediatas e passadas, que justificará seu choro contínuo. Ao encarar os vários momentos de sua vida no Brasil, ela cria um percurso feito de dor e sofrimento. Num primeiro instante, sua visão direciona-se para a paisagem e o clima tropical, em seguida as reminiscências dão lugar aos momentos em que experimentou as novas brincadeiras e a convivência com os novos colegas. Depois, em meio a soluços, contempla a sala de aula, a professora e os companheiros. Em todas essas circunstâncias, quando se relaciona com o outro, o protagonista é, visivelmente, alvo de chacotas, deboches e constante desrespeito. Marcado pela alteridade lingüística e cultural, o garoto sente que é impossível inserir-se no meio, já que não tem

¹⁶⁰ RAWET, 2004. p. 42-45.

¹⁶¹ RAWET, 2004. p. 31-35.

habilidade para manusear o instrumento principal para interagir com os demais: a língua portuguesa.

Dessa maneira, ao longo de seu caminho, o personagem é, freqüentemente, lembrado de sua condição de estrangeiro, de estranho, de intruso. Percebe-se que, no decorrer da história, mais e mais, a criança torna-se indefesa e fragilizada, nesse ambiente que para ela é hostil e impiedoso. Depois de fugir da escola, caminha chorando para sua casa como se perambulasse perdida em pensamentos que mesclam sentimentos de revolta, de melancolia, de saudade e de medo. Ao chegar a casa, vê que sua mãe está atarefada na cozinha, preparando o almoço. Então, para chamar-lhe a atenção diante de seu estado lastimável, num impulso, lança seus livros sobre a mesa, ignora os pedidos dela para que vá comprar cebolas e é indiferente ao irmão mais jovem.

É interessante a referência à cebola, por dois motivos: empregada freqüentemente na alimentação dos brasileiros, a cebola faz parte da tradicional culinária brasileira; em segundo lugar, o bulbo é conhecido pelo poder de irritar os olhos quando cortado, produzindo lágrimas como se a pessoa estivesse chorando.

Apesar do esforço em se fazer visível diante da sua mãe, ela, contrariamente ao esperado por ele, não o olha, somente lhe dá ordens. Simultaneamente a esse momento, outras recordações amargas povoam a mente de Gringuinho como uma avalanche. Assim, ao relembrar, ele revive, de certa forma, as situações de agressão física e psicológica que suportou durante os meses de residência no Brasil. Depois desses fatos, lembra-se que “voltar à mesma escola, sabia impossível também. Por vontade, nenhuma.”¹⁶²; da professora “dentes incisivos salientes, os cabelos lembrando chapéus de velhas múmias, os lábios grossos.”¹⁶³; dos colegas que lhe causavam uma profunda antipatia, pois eles escarneciam, incessantemente, de sua figura e de seu modo de falar: “Novamente as vozes atrás da carteira.

¹⁶² RAWET, 2004, p. 43.

¹⁶³ RAWET, 2004, p. 43.

Da outra vez correria como acuado em meio a risos.”¹⁶⁴ Simplesmente, Gringuinho, não obstante a idade, detestava o meio escolar, cheio de punições e obrigações que, na maioria das vezes, deixava-o constrangido e em prantos, além do estranhamento que lhe causavam as figuras afixadas nas paredes e as referências à história brasileira.

Após tais lembranças, o passado emerge invadindo o presente e ele rememora instantes antes de atravessar a navio o mar e chegar ao Brasil. Reconhece aquele tempo como ideal, o espaço de felicidade e harmonia, em todos os sentidos: cultural, lingüístico e natural. Viaja em suas reminiscências e sente saudades da natureza e do clima da cidade européia, do avô e de suas histórias e músicas, dos alimentos quentes, de sua antiga residência e de seus amigos. Tudo era perfeito como num sonho, apenas a presença do rabino que lhe castigava manchava suas boas lembranças, porém, essa figura incômoda era compensada pela diversão proporcionada pela natureza. O sentimento de pertencimento, de inclusão e socialização ecoa fundo nesse instante em que volta ao passado:

Antigamente, antes do navio, tinha seu grupo. Verão, encontravam-se na praça e atravessando o campo alcançavam o riacho, onde nus podiam mergulhar sem medo. À chatura das lições do velho barbudo (de mão farta e pesada nos tapas e beliscões) havia o bosque como recompensa. Castanheiros de frutos espinhentos e larga sombra, colinas onde o corpo podia rolar até a beira do caminho. Framboesas que se colhiam à farta. Cenoura roubada da plantação vizinha. [...] No inverno havia o trenó que carregava para montante, o rio gelado onde a botina ferrada deslizava qual patim. Em casa a sopa quente de beterrabas, ou o fumegar de repolhos. Sentava-se no colo do avô recém-chegado das orações e repetia com entusiasmo o que aprendera. Onde o avô? Gostava do roçar da barba na nuca que lhe fazia cócegas, e dos contos que lhe contava ao dormir. Sempre milagres de homens santos. Sonhava satisfeito com a eternidade. A voz do avô era rouca, mas boa de se ouvir. Mais quando cantava. Os olhos no teto de tábuas, ou acompanhando a chaminé do fogão, a melodia atravessava-lhe o sono.¹⁶⁵

Transpassado por sensações nostálgicas, o personagem sofre ainda mais, por não compreender a causa de sua presença naquele que considerava um lugar excludente em todas as suas dimensões. Para a criança, na antiga moradia as coisas estavam em perfeito equilíbrio,

¹⁶⁴ RAWET, 2004, p. 44.

¹⁶⁵ RAWET, 2004, p. 43.

seu mundo era mágico, o universo infantil pleno de sonho, brincadeira e alegria. Recordações repletas de emoção e carinho, como a companhia de seus amigos e de seu avô, preenchiam sua alma, além do ambiente natural. A incapacidade de compreender a mudança brusca que sofrera e sua inserção numa nova realidade, sem que lhe fosse justificada toda a transformação: do “desaparecimento” de seu avô às coisas que lhe eram familiares, por exemplo, a natureza e sua casa, transtornava seu espírito e provocava o dilaceramento de sua alma. Ora sim ora não, a dureza do presente atravessa, novamente, o doce passado, então lhe volta a imagem da professora e a situação dramática, limiar de intolerância, que experimentara.

Ao se recusar a atender a solicitação de leitura exigida pela regente, esta o agarra pelo uniforme e castiga-o com uma série de bolos nas mãos; nervoso e confuso, num gesto de defesa e desespero, Gringuinho soca-lhe o peito rasgando-lhe o vestido. As lembranças vão se interpondo, de modo abrupto, umas às outras, num verdadeiro torvelinho de acontecimentos que se sucedem cada vez mais rápido na mente do menino. A sensação de deslocamento em relação à ordem geral, por falta de informação ou mesmo de referência, conduz a criança a agir de maneira excludente e a ser excluída, ao pensar que é impossível atravessar as barreiras da sociedade em que seus pais escolheram como novo lar e ao perceber que os companheiros a tratam com discriminação, intolerância e xenofobia. O olhar de Gringuinho para o Brasil é sombrio e amargurado. Ele não enxerga novos horizontes, não vê possibilidades de mudanças. Nota, cada vez mais, que a sociedade brasileira é inacessível para ele, que ela se fecha diante da sua alteridade, não o aceitando caso ele não se adapte ou siga as regras estabelecidas pelo grupo hegemônico.

Em quase todas as narrativas de *Contos do imigrante*, os personagens experimentam momentos de solidão, dor e angústia e, ainda, exclusão, deslocamento e marginalização. Desde o título da narrativa até o seu final, a criança imigrante tenta resistir de maneira

implacável ao processo de adaptação à sociedade dominante. O choro, a raiva, a indignação representam a resistência à invasão de sua experiência anterior pela nova cultura. A não-aceitação promove de modo feroz a maturidade da criança que olha o mundo não mais a partir de uma perspectiva ingênua, mas atroz e violenta.

A alcunha de “gringuinho” aponta para a ausência de nomeação da criança, a sua diferença e a sua pequenez. Essa palavra poderia indicar, de acordo com o contexto, um tratamento carinhoso e afetuoso ou uma referência a alguém ou algo considerado inferior e, portanto medíocre. No caso do imigrante, além de ele ser visto pelos colegas como alguém inferior, bossal, ele, também, é diferenciado pelo meio por não falar a língua portuguesa, por se comportar de acordo com sua cultura e sua tradição, por pertencer a outra religião, por ter a aparência física diferenciada dos demais. A falta de seu nome indica a sua impotência frente ao outro, a sua mudez indica a impossibilidade de inserção no meio, enfim, até a sua estatura influencia no tratamento que recebe dos outros e mostra a sua total carência de direitos por ser minoria.

Outro fato a se notar é a oposição que se estabelece no percurso da criança entre visibilidade *versus* invisibilidade. Por um lado, a visibilidade dela, de acordo com o narrador, constrói-se a partir do olhar comparativo de Gringuinho no presente, frente ao grupo majoritário, e no passado, na cidade natal. No presente, junto à sociedade, ou seja, na rua, na escola, na casa do colega, a visibilidade do menino faz-se de forma perversa, ele é alvo constante de chacotas, agressões, ridicularização e, ainda, é observado como se fosse animal raro, estranho, coisa que estimula a curiosidade dos outros. Aparece sempre colocado à parte do todo, em situação de destaque que gera isolamento, receio e desconfiança. Já no passado, sob o foco da criança, sua visibilidade é idílica e idealizada. A atenção, principalmente, do avô, produz sensações de conforto, de alegria e de completude. Sem imposições por parte da

sociedade, o menino sente-se livre para transitar em qualquer espaço, como se o seu lar, o lago de gelo, as árvores, enfim todos os lugares fizessem parte dele.

Por outro lado, o menino sente-se invisível e, conseqüentemente, inferior ao perceber que ninguém, na rua onde caminha, nota o seu sofrimento, o seu estado lastimável e sua revolta. Ainda pior foi constatar que a sua própria mãe o ignora, ela não percebe o momento difícil que o filho atravessa naquele lugar. Trata-o, de acordo com o narrador, e ele nota isso, não mais como uma criança, apesar de o menino exigir sua inocência de volta:

Não percebeu a entrada da mãe. Sem olhá-lo recolheu o irmão no embalo. Tirou da gaveta a fralda seca, e entre o ninar e o gesto de troca passou-lhe a descompostura. Insistiu no pedido do armazém. Ele tentou surpreender-lhe o olhar, conquistar a inocência a que tinha direito. Depois gostaria de cair-lhe ao colo, beijá-la e contar tudo, na certeza de que lhe seria dada a razão. Mas nada disso.¹⁶⁶

Gringuinho observa a diferença de tratamento que recebe de sua mãe, que, conforme o senso comum, deveria proteger, guardar e dar alento aos filhos nos momentos difíceis, entretanto, ela está sempre sobrecarregada de tarefas domésticas e, aparentemente, distante das vivências do menino. Ele tem a impressão de que caminha sozinho, sem nenhum amparo. A sua solidão, assim, amplia-se e leva-o a desejar que o tempo transcorra, rapidamente, e o futuro chegue para que, então, consiga enfrentar a nova realidade. Dessa forma, ao se tornar adulto, a criança poderia ser responsável por suas próprias ações e ter o direito de ir e vir, sem ser controlada por outro adulto. Conforme o narrador, o menino pensa que, ao se tornando adulto, terá controle sobre si e, talvez, sobre os outros, impondo-se como pessoa. É importante observar que, na nova sociedade, o cotidiano familiar dos personagens imigrantes se transforma, assim, há um desencontro entre as expectativas do filho em relação à mãe e vice-versa, conseqüentemente, brotam sentimentos de frustração, medo e tristeza.

Gringuinho observa, durante a volta para a sua casa, a vegetação no caminho. Olha para uma mangueira, onde está pendente a corda que serviu para amarrar a bagagem da

¹⁶⁶ RAWET, 2004, p. 44.

família durante a viagem de navio e que se tornou um balanço; as folhas do fícus que brilhavam devido à chuva que caíra e, por fim, a trepadeira que, apesar de jovem, já ocupava parte de uma parede. A referência a essas três árvores parece, também, apontar para a situação da criança que está entre o passado e o presente. A mangueira é uma planta comum e bem conhecida no Brasil por seus frutos; é encontrada em qualquer espaço, como ruas, quintais ou terrenos baldios. É numa árvore desse tipo que o imigrante conheceu típicas brincadeiras brasileiras, como caçar gafanhotos, jogar bola ou improvisar um balanço. Também o fícus, nesses momentos de descontração, alegria e liberdade, parece fazer com que a criança se sinta incluída no meio social, adaptando-se de modo natural.

Por fim, a trepadeira caracteriza-se por manter-se enraizada no solo, ao longo de sua vida, e por carecer de algum tipo de suporte para sustentar-se ereta. Também, o menino necessita de um apoio social para que aprenda a língua, a cultura e outros hábitos brasileiros. Mas carece, especialmente, do apoio familiar. O narrador mostra que Gringuinho não tem a ajuda social adequada nem a atenção de sua família, assim, a trajetória da criança está fadada ao fracasso, ao sofrimento e à impossibilidade de interação com o outro.

Ao se lembrar dos momentos felizes que vivenciara na sua antiga cidade, em seu lar, a criança relembra o ambiente social, a natureza e, particularmente, a companhia afetuosa do avô. À medida que descreve sua relação com esse parente, mostra quão íntima e carinhosa era a amizade entre ambos. O avô lhe ensinava sobre a tradição e, ainda, cantava músicas que agradavam aos ouvidos e ao espírito. De acordo com o narrador, Gringuinho tinha a sensação de proteção e acolhida nos encontros com seu avô. Entretanto, algo aconteceu no transcorrer do tempo, entre o passado e o presente, pois o personagem questiona a respeito da ausência do parente querido: “Onde o avô?”. É possível concluir, nesse instante da narrativa, pelo desaparecimento do avô durante a 2ª Guerra Mundial e, conseqüentemente, pela ação nazista de extermínio dos judeus.

Três ocasiões são fixadas na memória recente do personagem; elas são preponderantes na sua trajetória no Brasil e promovem certo trauma em sua vida. Todos esses momentos relacionam-se aos novos ambientes que ele está freqüentando. O primeiro ocorre na sala de aula, a observação da impossibilidade de interação com a professora, com os colegas, e até em relação ao espaço da classe que lhe é estranho, repleto de figuras desconhecidas, com textos escritos em língua que ele ignora e referente a uma cultura, igualmente, irreconhecível. O segundo momento acontece quando o personagem vai pela primeira vez à sinagoga com o pai e é surpreendido pelo coro formado por seus novos colegas que gritam, sem cessar, o apelido que tanto o irrita. Por fim, outro instante doloroso, sentido pelo menino, ocorre na casa de um colega que o havia convidado para brincar; no decorrer da visita, ao receber um pedaço de melão e sentir, nesse ínfimo acontecimento, um sentimento agradável, imediatamente, torna-se alvo de curiosidade por parte do pai e dos parentes do colega. Extremamente constrangido quase não conseguiu sustentar o pedaço de fruta que estava em sua boca.

4.2.2 “A prece”: retrato de mulher enquanto sofre

No conto “A prece”, narra-se o duro percurso de adaptação do personagem Ida, uma imigrante de origem judaica, recém-chegada ao Brasil. A narrativa se inicia com a descrição visual do lugar onde ela mora. Em seguida apresenta, de um lado, uma turma de crianças que zomba e piora, ainda mais, a sua amarga experiência e, de outro lado, a imigrante, vestida com roupas típicas da cidade onde residia na Europa e comportando-se de maneira distanciada e receosa. Ao longo dos acontecimentos, outras figuras aparecem na narrativa, como a velha Genevê e os moradores que irrompem no quarto do personagem para verificarem qual era o mistério por detrás da imigrante. A imagem do casarão apresentada pelo narrador faz-se a partir da descrição de um muro derrubado e esquecido na entrada do lugar, que mais parece

um cortiço. Esse espaço é marcado pela precariedade e pela degradação, apinhado de moradores que, aparentemente, vivem uma vida tumultuada.

Na narrativa destacam-se dois olhares, o judaico e o brasileiro, que dialogam e se opõem num jogo de interação e rejeição entre as diferenças lingüísticas, culturais e religiosas. O primeiro olhar é o da imigrante Ida, recém-chegada ao Brasil e ao casarão. Marcada pela diferença física, lingüística, religiosa e cultural, ela contempla e, ao mesmo tempo, padece no novo lar, pois necessita adaptar-se ao clima tropical, ao sol ardente e ao forte calor que lhe é insuportável e quase a mata de tanta fadiga. Além disso, precisa aprender a língua portuguesa, pois aportara no país sem nenhum conhecimento a respeito dela. Carece, igualmente, para a sua sobrevivência, de conhecer a cultura brasileira, os hábitos e costumes. Como muitos imigrantes oriundos da Europa, o personagem chegou ao Brasil para fugir dos sérios problemas que afligiam o seu país, no caso de Ida, ela escapava da miséria social e da Segunda Guerra Mundial. De toda a família, somente ela sobreviveu. Marido, filhos e parentes morreram durante a guerra. Solitária, num primeiro momento, fora auxiliada por uma instituição filantrópica judaica, que prestava ajuda a refugiados de guerra. Porém, após algum tempo, a assistência acabou e ela teve que enfrentar sozinha a nova sociedade e sobreviver trabalhando como vendedora de porta em porta. Dessa maneira, a visão que o narrador apresenta de sua figura é de desolação e demonstra, justamente, a sua condição problemática e sofrida, assim como o Gringuinho do conto analisado anteriormente. Seu olhar contemplativo mostra sinais de perplexidade e de sentimentos de deslocamento, exclusão e desesperança:

Dobrando a esquina, o xale preto envolvia o pescoço enquanto as mãos duras retesavam-se ao longo do corpo, estendidas por dois pacotes imensos. O passo apressado, pisadas firmes de sapatos sem saltos [...] Arriou-se junto com os pacotes na cama. Um alívio vinha das pontas dos dedos, percorria as espáduas, e desaparecia pela boca num suspiro. Esfregou o rosto e as faces ardentes. Não estava acostumada a um sol assim, nem a um trabalho daquele. O suor incomodava-a por dentro, e das axilas um triângulo empapado fazia vértice na cintura. Gosto de areia na boca. Os cotovelos nos joelhos, face na palma das mãos, arfava, ressecada, dura, triste.¹⁶⁷

¹⁶⁷ RAWET, 2004, p. 32.

O passado e o presente vivenciados pelo personagem são marcados pela angústia e pela dor. Primeiro, a morte de seus familiares, cuja memória restante condensa-se num retrato do marido, uma imagem perdida do passado. Acrescenta-se a essa dor o abandono de sua casa e de sua vida anterior. Em segundo lugar, a imposição do grupo hegemônico que obriga, de certa maneira, a adaptação da imigrante à língua e à cultura brasileira.

Ao atravessar um pátio que parece ser próximo ao casarão, é agredida por um grupo de meninos e socorrida pela velha Genoveva. Ida chega ao seu quarto, senta-se um pouco e medita sobre sua condição. Um fato a desperta de seu torpor, era sexta-feira, sua primeira sexta-feira no sobrado, então, emergem sentimentos relacionados ao judaísmo, transmitidos de geração a geração, profundamente internalizados no seu espírito e que a faz mobilizar-se e esquecer, por alguns instantes, sua situação deplorável. Assim, o personagem começa as preparações para o *Shabat*.¹⁶⁸ Organiza a casa e dispõe a mesa para receber os objetos adequados para a data comemorativa. Além disso, arranja, de sua parca alimentação, aquela que é apropriada para a ocasião tão especial ligada à tradição judaica. Depois disso, prepara-se para as rezas e, então, ao fitar o retrato do marido na parede flagrado em atitude de prece, vem-lhe à memória o seu antigo “mundo”. Na época, o marido, Isaías, surpreendera-se com a fotografia e seus olhos expressavam o impacto do momento.

Na atualidade, observada por Ida, após todo o sofrimento e dor experimentados na guerra, a imagem do esposo transforma-se, pois ela vê o retrato envelhecido, em processo de deterioração, porém o que lhe chama efetivamente a atenção são os olhos de Isaías, que parecem estar assustados. A imagem torna-se fantasmagórica, deixando-a chocada. As lembranças assaltam seu espírito e sua expressão modifica-se, invadem-lhe, a imagem do marido, de alguns momentos de convivência e em certa ocasião quando orava. É nesse instante que Ida compreende a gravidade de sua situação, nota que perdera seus familiares e

que está, verdadeiramente, sozinha. Até então, de certa maneira, devido às mudanças em sua vida, não tinha sentido todo o peso dos acontecimentos, na verdade, não tivera tempo real para chorar por seus mortos. Gradativamente, a dor invade o espírito de Ida, apesar do tumulto fora de seu quarto, de gritos, cantos e músicas oriundos de algum rádio, a personagem se sente isolada, abandonada e vazia. Falta-lhe tudo no novo lar, conhecimento lingüístico e cultural, convívio social. Muda, sente-se desesperada, começa a refletir sobre o sentido de sua vida naquele lugar onde não conhece ninguém, onde as coisas lhe são, completamente, estranhas.

Rawet faz com que o personagem olhe para si, para a sua vida no presente e estabeleça, sem plena consciência, uma comparação entre o presente e o passado, entre a convivência familiar junto à tradição judaica e a nova realidade excludente e cruel. Sua visão percorre a trajetória que fizera desde o momento em que deixara sua casa, fizera a viagem de navio, fora recebida quando chegara ao Brasil. Ali, passa a ser vista como “novidade, bicho raro de outras terras que tem histórias para mais de um mês”,¹⁶⁹ até o instante atual, em que está só num casarão em ruínas. Quando atinge o auge da consciência sobre sua situação, o personagem entra num estado de desespero incontrolável, então começa a orar através de gritos angustiosos, gestos alucinantes de raiva e de dor. Num momento de expiação, chora e grita, clama por piedade. Em seu descontrole, chora com mais exasperação, não percebendo que está sendo observada pelos vizinhos, que, entre chocados e compadecidos, tentam compreender aquele quadro. Assim que Ida abre os olhos em estado extenuante de dor, sem forças, vê seus vizinhos que, entre constrangidos e comovidos, saem de seu quarto.

A narrativa constrói-se, pois, a partir do enfrentamento de Ida diante de sua nova realidade. Para ela o novo lar é visto, num primeiro momento, como refúgio, lugar seguro e de amparo contra o mal que a perseguia. Depois, tornou-se um lugar estranho e excludente. À

¹⁶⁹ RAWET, 2004, p. 33.

medida que vive nesse novo contexto, verifica que precisa sobreviver e enfrentar os desafios, porém, seu passado torna o presente insustentável.

Ida é vista pelas pessoas, crianças e adultos do casarão, como algo singular, fora do normal. Os meninos a vêem como uma pessoa misteriosa, que provoca medo. Má e como alguém que esconde algum segredo, as crianças constroem uma imagem negativa da personagem. Esse sentimento é estimulado pelas características exteriores que a personagem apresenta aos olhos dos meninos, como a língua estrangeira e os hábitos incomuns. Além de ela usar roupas típicas da cidadezinha européia onde morava, Ida sempre caminha, rapidamente, com medo e de modo arredo. Os moradores do cortiço a observam de maneira desconfiada, devido ao seu estranhamento. Entretanto, aparentemente, os adultos toleram a diferença que marca a nova moradora, particularmente, em termos religiosos. Eles demonstram certa compaixão ao vê-la rezando em prantos no seu quarto.

Diferentemente, a personagem é alvo de chacotas e deboches, além de agressões físicas, por parte das crianças que agem com crueldade ao notarem as singularidades e dificuldades de Ida. Rawet revela, assim, a maldade infantil, quando os meninos espreitam, passo a passo, os movimentos da personagem e a perseguem, desde a sua entrada no casarão até o momento em que está em seu quarto preparando o *Shabat*. Ainda, os meninos fazem intrigas, inventando, para aos moradores do sobrado, histórias sobre a estrangeira. Ida é perseguida, espionada e “chamada” a dar explicações de sua conduta ao grupo que reside no cortiço.

O fato de a velha imigrante se diferenciar da maioria atira a curiosidade das crianças que anseiam, perversamente, por descobrir seus mistérios. É pertinente lembrar que, na Idade Média, criou-se uma mentalidade coletiva na Europa de que os judeus eram entes malignos ligados, diretamente, ao mal absoluto, ao demônio. Ao longo desse período, gradualmente, formou-se uma imagem depreciativa do grupo judaico. Essa representação do judeu

caracterizava-se por apresentá-los como sendo maus, cruéis e assassinos. Por eles serem diferentes do grupo dominante, eram vistos como estrangeiros incompreensíveis e inassimiláveis. De acordo com Jean Delumeau, os judeus têm seus costumes próprios, o estilo de vida peculiar e a religião singular, o que, de certa maneira, incomoda o grupo hegemônico.¹⁷⁰ Para Delumeau, os judeus eram vistos como depravados e tinham herdado o espírito do mal, por isso se justificaria o temor causado por eles aos cristãos. Essa mentalidade contaminada de falsas verdades resistiu ao tempo. Ela parece que paira, predominantemente, no nível popular, no senso comum através de histórias transmitidas de geração a geração, de ditos populares e de provérbios que circulam livremente e são marcados por traços preconceituosos e moralizantes. No conto de Rawet todos esses preconceitos e estereótipos imprimem em Ida a sua marca cruel.

A cristalização da imagem negativa do povo judeu está aludida, no conto, na reação de intolerância à alteridade por parte das crianças que têm medo de Ida. Ela é, dessa maneira, rejeitada e isolada. Todos a olham com desconfiança como se ela guardasse em si um mal. Além de estrangeira e estranha, Ida é mulher, outro dado importante na construção do medo no ocidente. Teme-se o desconhecido e teme-se o feminino que, a partir do ponto de vista do grupo ameaçador, é a mulher que é aliada ao mal.

Como se pôde observar, não há saída para os personagens nos dois contos analisados. Suas vidas são traçadas, desde a infância até a idade adulta, sob o signo da exclusão e do medo. Sozinhos e solitários, Gringuinho e Ida são lados de uma mesma moeda. A infância e o feminino, nestes dois contos, são metáforas, portanto, da inadaptação, do inassimilável humano.

¹⁷⁰ DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente* (1330-1800). São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 298.

CONCLUSÃO

A maioria dos descendentes dos judeus imigrantes desconhece a trajetória desses escritores. Não é possível descrever corretamente suas qualidades ou fazer justiça à grandeza deles. Eles não eram apenas escritores, mas, sim, um tipo especial de escritor. Do tipo que atravessou o oceano e trouxe consigo para o Brasil as vilas da Rússia, as cidadezinhas da Polônia e o modo como eles lutaram e se esforçaram pela família. Seu ar é o ar das estepes, porque eles carregam em suas escritas aquele velho mundo nas costas, cruzando o oceano num barco, eles o colocaram em São Paulo, Rio de Janeiro, em todo o Brasil. Seus descendentes nunca farão uma travessia como a deles, pois essas grandes viagens não mais existem.¹⁷¹ Eles, então, guardarão as memórias, as lembranças de um momento relevante para a história cultural judaica através da literatura de seus antepassados. Além dos arquivos memorialísticos, os descendentes conservarão as obras literárias deixadas por esses escritores que desejavam muito mais do que se tornarem vitoriosos na nova sociedade. Eles almejavam preservar o momento ímpar que experimentaram e transmiti-lo para as gerações posteriores judaicas através do livro.

Este trabalho nasceu da constatação de uma lacuna nos estudos sobre a literatura de expressão judaica no Brasil. A partir daí, buscou-se focalizar um período específico, ou seja, a primeira metade do século XX. A pesquisa começou, então, a partir de uma visão geral da trajetória dos imigrantes judeus oriundos, especialmente, do leste europeu, na sociedade brasileira nas primeiras décadas do século XX. A visão histórica foi necessária para demonstrar o percurso desses imigrantes que saíram da Europa, num momento de crise econômica, política e social. Muitos judeus que viviam no leste europeu, região onde as

¹⁷¹ ANGELS in America. Direção: Mike Nichols. Roteiro: Tony Kushner. [S.I.]: Avenue Pictures Productions, 2003. 1 DVD (352 min.), widescreen, color., legendado.

possibilidades de escolha, devido principalmente a diferenças religiosas, eram restritas, perceberam que a única solução era fugir da crise social e das perseguições promovidas por *pogroms*, autorizados pelo governo russo. Assim, eles atravessaram o oceano em navios em péssimas condições e, finalmente, após dias padecendo nessa situação deplorável, aportaram no Brasil. Esses recém-chegados, marcados pelas diferenças culturais, lingüísticas e religiosas, encararam os desafios de viver num mundo novo. Muitos deles se tornaram mascates, vendedores de porta em porta. Dessa forma, o contato com o povo brasileiro foi direto, imediato e causou intenso impacto aos imigrantes que, muitas vezes, nada sabiam sobre a língua, a cultura e a vida brasileira.

O exame dos textos de caráter crítico e historiográfico analisados no primeiro capítulo deste trabalho teve como objetivo contextualizar parte da vida desses escritores, obras e sua não-ocorrência nos estudos literários brasileiros. De certa maneira, os textos críticos deram uma idéia do que seria um perfil da trajetória feita pelos imigrantes e suas marcas em várias partes do Brasil. Neste estudo, a atenção foi dirigida para a representação ficcional dos imigrantes que criaram suas raízes, em especial, na cidade de São Paulo. Também foi nessa cidade que os escritores Meir Kucinski e Jacó Guinsburg atuaram e escreveram os contos que foram, aqui, examinados. Em contraponto, a narrativa de Samuel Rawet, produzida no Rio de Janeiro, em sua maioria, revela, em alguns pontos, traços dessa cidade.

A perspectiva histórica produzida por Jeffrey Lesser, em *O Brasil e a Questão Judaica*: imigração, diplomacia e preconceito, construiu-se a partir de um enfoque político. Nele, o pesquisador mostrou a ação do governo Vargas para minar a entrada de imigrantes judeus no Brasil. A política migratória implantada, pouco a pouco, por agentes do governo de Getúlio Vargas restringiu, cada vez mais, as possibilidades de os imigrantes aportarem no país, particularmente, os de origem judaica. A implantação de decretos e leis limitativas apontava para posteriores atos de discriminação e preconceito em relação aos judeus. As

situações delicadas que surgiram nesse contexto, devido à dubiedade da atuação governamental, entre aceitar ou não a presença desses imigrantes em território brasileiro, provocaram uma série de incidentes que, na maioria das vezes, foi fatal para os judeus que aspiravam vir para o Brasil. Durante esse período, surgiu uma das principais questões relacionadas à presença do grupo judaico no Brasil, segundo Lesser, “A Questão Judaica no Brasil” foi debatida e, inclusive, tornou-se um fato tão importante que estava na agenda dos representantes do governo para discussão. Apesar das ações, aparentemente, pesadas contra os grupos judaicos que queriam entrar no país, as leis implantadas pelo governo, na prática, eram flexíveis, pois muitos imigrantes judeus conseguiram entrar no país mesmo com as novas normas governamentais. Também, atos de discriminação e preconceito contra os judeus foram efetivados por grupos da elite brasileira composta por políticos e intelectuais e ainda alguns grupos organizados, como a AIB (Ação Integralista Brasileira). Eles se baseavam em idéias ligadas a “raça” não-européia e não-branca, num discurso, predominantemente, nacionalista e nativista, além de pensamentos pseudocientíficos provenientes da Europa, como, por exemplo, o Darwinismo social. Assim, esse aparato discursivo divulgado por esses grupos, lentamente, criou uma imagem negativa do judeu.

Regina Igel, em *Imigrantes judeus, escritores brasileiros*, apresenta um panorama da produção ficcional judaica no Brasil nos últimos 100 anos. Ela trata de escritores judeus conhecidos do público leitor e, também, de escritores desconhecidos. Esses autores tratam em suas narrativas da experiência dos judeus na nova pátria e dos percalços que enfrentaram devido às diferenças, como, por exemplo, a cultural e a lingüística. As obras examinadas por Igel abarcam textos ficcionais, semificcionais e pessoais que entrelaçam realidade e imaginação. Nessas narrativas, conforme a pesquisadora, determinadas questões são enfatizadas; como o processo de adaptação e assimilação dos personagens no novo meio social, além de momentos históricos importantes, como o Sionismo e a *Shoah*.

Já Berta Waldman, em *Entre passos e rastros*, examina escritores significativos que produziram no conjunto literário judaico brasileiro contemporâneo. Para tanto a pesquisadora apresenta a trajetória judaica no Brasil a partir do início do século XX, da Europa para o Brasil, e, também, as atividades exercidas por esses imigrantes. Segundo Waldman, depois da primeira geração de imigrantes, a segunda foi rica em escritores, como, por exemplo, Moacyr Scliar e Samuel Rawet. Consciente da complexidade e da riqueza da produção literária judaica brasileira, a pesquisadora mostra, ao recortar sua pesquisa, que não pretende abranger toda essa produção literária. Então, Waldman selecionou os escritores e suas obras que seriam analisados e aprofundou o seu olhar sobre esses textos. Durante seus estudos, a ensaísta apresenta uma questão problemática. Essa questão se refere à singularidade entre duas culturas, a brasileira e a judaica, apesar de elas estarem num único espaço, o Brasil. Daí, Waldman discorre sobre a possibilidade de preservação de cada uma das culturas devido às diferenças históricas e culturais. Assim, o encontro entre as culturas ocorreria, justamente, na literatura que torna possível o entre-lugar.

A primeira parte dessa pesquisa foi encerrada com o exame de alguns textos do livro *Experiência cultural judaica no Brasil: recepção, inclusão e ambivalência*, que tratam da presença judaica brasileira a partir de um enfoque histórico. Os textos de Leo Spitzer, “A jornada ascendente, a jornada para o mundo externo: a assimilação no século da emancipação”, de Bernard Sorj, “Diáspora, Judaísmo e Teoria Social” e de Nelson Vieira, “Estudos Culturais Judaico-brasileiros e latino-americanos: uma abordagem para mapear o híbrido-diaspórico”, apresentam debates sobre questões fundamentais vinculadas aos judeus no Brasil, como, a emancipação, a assimilação e a diáspora.

No primeiro ensaio, Spitzer estabeleceu uma relação entre os processos de emancipação e de assimilação no Novo Mundo nas primeiras décadas do século XX. Esse fato só aconteceu devido a reconfiguração da sociedade. O desenvolvimento tecnológico e a

industrialização capitalista, além da presença contundente dos burgueses na área industrial, redimensionaram a visão do homem diante da sociedade. Dessa maneira, determinados setores sociais foram repensados e sofreram modificações profundas; foi o que ocorreu, por exemplo, com o setor relacionado à liberdade humana. Esse aspecto até então era negado a grupos vistos como subalternos pela sociedade dominante. A partir desse momento, o ensaísta mostra como se operou o processo de liberdade ou emancipação através de atos como a Revolução Francesa e, daí, as conseqüências provenientes não apenas do ato revolucionário, mas, também, do Iluminismo, como a criação da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Após discorrer sobre esses acontecimentos, Spitzer apresenta duas formas possíveis de emancipação: a *laissez-faire* e a nos moldes da “conversão”. Então, ele demonstra a conexão entre esses processos de emancipação e o processo de assimilação em alguns países em que não havia liberdade social para grupos minoritários, como, os judeus e os escravos negros.

O texto analisado de Bernard Sorj “Diáspora, Judaísmo e Teoria Social”, mostra o contexto de fins do século XX. Nessa época, o conceito de diáspora esteve presente durante os debates sobre imigração, principalmente, nas Ciências Sociais. Além de discorrer sobre esse assunto, Sorj distingue dois tipos de diáspora, a moderna e a antiga. Para ele, tanto a diáspora moderna quanto a antiga são importantes para se compreender o movimento imigratório contemporâneo. Para o ensaísta, o conceito de diáspora não está definido completamente. Assim, a interpretação desse tema apresenta-se complexo, pois, ele depende da perspectiva escolhida pelo estudioso como, por exemplo, o viés sociohistórico.

O ensaio “Estudos Culturais Judaico-brasileiros e latino-americanos: uma abordagem para mapear o híbrido-diaspórico”, de Nelson Vieira, repensa algumas matérias vinculadas à tradição dos Estudos Judaicos no Brasil e na América Espanhola. Assim, ele propõe uma nova denominação para o judeu na América Latina e, ainda, reformula o conceito de subalterno em

vista da realidade híbrida e diaspórica. Para Vieira, o novo lugar de enunciação pode ser representado na literatura por escritores, como, por exemplo, Moacyr Scliar.

Do segundo capítulo em diante, tratou-se, particularmente, dos três escritores judeus escolhidos que imigraram para o Brasil: Meir Kucinski (1904-1976), Jacó Guinsburg (1921) e Samuel Rawet (1929-1984). Além da trajetória de vida de cada um deles, através de uma breve nota biográfica, também foram analisados alguns de seus contos produzidos na nova pátria.

A ordem de escolha para exame fez-se através de dois critérios. O primeiro, conforme seqüência cronológica, configurou-se a partir do percurso desses escritores no Brasil. Em segundo lugar, na escolha dos contos, foi priorizada a questão relativa à adaptação ou não das personagens à sociedade brasileira. Percebeu-se, na leitura e na análise dos contos, uma constatação que veio a se confirmar após a conclusão do trabalho, ou seja, a possibilidade ou não de assimilação dos personagens judeus no meio social brasileiro.

No caso de Kucinski, nos contos “Mona Lisa” e “Kádish: a oração pelos mortos”, houve uma oscilação entre os personagens que conseguiram modificar-se, consoante o novo lar, e aqueles que sentiram a impossibilidade de se adaptarem. No primeiro conto, Avrum, um mascate que, vez por outra, envolve-se platonicamente com suas clientes, apesar da difícil situação que vivencia no Brasil, consegue aprender com elas e, mais ainda, consegue ver-se nas mulheres, as suaves Marias que encontra pela periferia de São Paulo. Enfrenta, assim, seus medos, adaptando-se à sociedade brasileira. Já o personagem do segundo conto, Herr Freidenbach, também vendedor, sente-se inassimilável, não consegue se desvincular da vida religiosa que só parecia possível na Europa. Por isso, apesar de cumprir os ritos religiosos, carrega, sem solução, o sentimento de ter pecado contra seus próprios princípios e os do grupo. Esse personagem, preso ao passado, não consegue entrar em sintonia com a realidade brasileira, nem se localizar, identitariamente, na judaica. Sua condição de judeu casado, no

entanto, com uma cristã coloca-o, todo o tempo, em crise com sua identidade religiosa de forma irreparável.

Os personagens dos contos “O que foi que ela disse?” e “O retrato”, de Guinsburg, também passam por duras penas para se adaptarem ao novo lar. O primeiro, Srulik, encara os desafios de decodificar a língua portuguesa e os traços culturais do Brasil; ao fazer o personagem lidar com situações de estranhamento com humor, o narrador deixa ao leitor uma preciosa lição de adaptação e sobrevivência. O personagem do segundo conto, narrador-personagem, entretanto, reflete, embora tarde, sobre seu alheamento e sua falta de envolvimento com a família durante a 2^a Guerra e o nazismo. Na forma de um retrato, o passado assalta-lhe a memória, que não o deixa esquecer-se não somente do seu passado, mas do passado dos pais na Europa e da família que ali ficara, sob as garras dos nazistas. Esse conto parece dizer ao leitor que não se pode esquecer o passado completamente, sem se perder, no esquecimento, seu próprio futuro.

Os contos “Gringuinho” e “A prece”, de Samuel Rawet, foram os últimos a serem analisados nesta dissertação. Eles apresentaram personagens mergulhados em angústia, dor, exclusão e na impossibilidade de adaptação. Gringuinho e Ida percorreram suas trajetórias de vida no Brasil de forma penosa, em luta contra tudo e contra todos. A visão negativa de si mesmo num lugar estranho, os sofrimentos provenientes tanto da impossibilidade de retorno à sociedade de origem, da perda de suas histórias passadas, quanto o horror ao presente, no novo meio, cria, nesses personagens, sentimentos de marginalização e de medo, além do desencontro com o outro e a morte. Além disso, esses personagens se tornaram alvos fáceis de ações agressivas por parte da sociedade nativa que, ao perceber as diferenças entre as culturas judaica e brasileira, aterrorizou os personagens através de agressões físicas e/ou psicológicas.

Os contos analisados trataram, portanto, de um mesmo tema: a vivência dos recém-chegados imigrantes judeus ao Brasil a partir do século XX. Eles mostraram em suas

representações o processo de adaptação experimentado pelos imigrantes, desde o momento em que eles deixaram a Europa até a chegada ao Brasil. Também, a maneira como as estratégias de adaptação ou não dos personagens influenciaram na possibilidade ou não do encontro deles com a nova cultura. De modo gradual, as narrativas de Kucinski, Guinsburg e Rawet partiram de um mesmo foco, porém, a experiência de imigração que criaram ficcionalmente para cada personagem deixa vislumbrar a riqueza das histórias de vida desses imigrantes.

A visão histórica e literária apresentada no início deste trabalho dialogou, assim, com a representação ficcional dos contos analisados. A imigração judaica no Brasil foi significativa para o desenvolvimento e o progresso do país. Entre as muitas atividades, destacou-se a profissão de mascate, praticada pela maioria dos imigrantes de origem judaica. Ela foi um dos alicerces para o exame dos personagens dos contos aqui analisados. Ainda, as diferenças geográficas, naturais, lingüísticas e religiosas mencionadas no capítulo inicial figuram nas narrativas sob enfoques diferentes. Outros aspectos ligados às lembranças e as comparações entre passado e presente, entre a antiga sociedade e a nova, são memórias comuns entre os personagens dos três escritores. Os contos, lidos assim, sob a luz da história e da construção ficcional, dão uma visão mais ampla da experiência judaica no Brasil. Dessa forma, é possível pensar nesse caso, após este trabalho, que história e ficção se entrelaçam, constroem imagens singulares do encontro do imigrante judeu com o Brasil e com os brasileiros.

REFERÊNCIAS

ANGELS in America. Direção: Mike Nichols. Roteiro: Tony Kushner. [S.I.]: Avenue Pictures Productions, 2003. 1 DVD (352 min.), widescreen, color., legendado.

BINES, Rosana Kohl. A prosa desbocada do ilustre escritor estrangeiro. In: VIEIRA, Nelson; GRIN, Mônica (Org.). *Experiência cultural judaica no Brasil: recepção, inclusão e ambivalência*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.

BLANCHOT, Maurice. *El dialogo inconcluso*. Monte Ávila Editores, [s.d.].

BRASIL, Assis. Samuel Rawet, um marco literário. In: RAWET, Samuel. *Contos do imigrante*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

CARDOSO, Sérgio. O olhar viajante (do etnólogo). In: NOVAES, Adauto. (Org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 347-360.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Mouros, franceses e judeus: três presenças no Brasil*. São Paulo: Global, 2001.

CORNELSEN, Elcio; NASCIMENTO, Lyslei. (Org.). *Estudos judaicos: Ensaio sobre literatura e cinema*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, FALE/UFMG, 2005.

CORRÊA, Almir A. Melancolia e finitude ou ódio e compaixão em Contos de Samuel Rawet. In: KIRSCHBAUM, Saul (Org.). *Dez ensaios sobre Samuel Rawet*. Brasília: LGE Editora, 2007.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente (1330-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

FAUSTO, Boris. (Org.). *Fazer a América*. São Paulo: EDUSP, 2000.

GRIN, Mônica; VIEIRA, Nelson H. (Org.). *Experiência cultural judaica no Brasil: recepção, inclusão e ambivalência*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.

GUINSBURG, Jacó. *Aventuras de uma língua errante: ensaios de literatura e teatro ídiche*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

GUINSBURG, Jacó. *O que aconteceu, aconteceu*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

IGEL, Regina. *Imigrantes judeus, escritores brasileiros: o componente judaico na literatura brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

JOHNSON, Paul. *História dos judeus*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

JOZEF, Bella. O resgate da memória na literatura contemporânea. In: CONGRESSO ABRALIC, 1, 1990, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: SEGRAC, 1991. p. 454-460.

- KIRSCHBAUM, Saul (Org.). *Dez ensaios sobre Samuel Rawet*. Brasília: LGE Editora, 2007.
- KIRSCHBAUM, Saul. Samuel Rawet: Profeta da alteridade. 2000. p.1-106. Área: Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- KLIDZIO, Natalia. Um olhar sobre a cidade do escritor Samuel Rawet: Klimontóv. In: KIRSCHBAUM, Saul (Org.). *Dez ensaios sobre Samuel Rawet*. Brasília: LGE Editora, 2007.
- KUCINSKI, Meir. *Imigrantes, Mascates e Doutores*. Organização e seleção de Rifka Berezin e Hadassa Cytrynowicz. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- KUSHNIR, Beatriz. *Baile de máscaras: mulheres judias e prostituição*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. São Paulo: Ed. UNICAMP, 1994.
- LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- LEWIN, Helena; KUPERMAN, Diane. (Org.). *Judaísmo: memória e identidade*. Rio de Janeiro: UERJ, 1997.
- NASCIMENTO, Lyslei,. Arquivos migratórios: ambulantes e mascates judeus no Brasil em contos de Meir Kucinski. In: ENCONTRO NACIONAL DO ARQUIVO HISTÓRICO JUDAICO BRASILEIRO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE, 3., 2003, Ouro Preto. *Anais...* Ouro Preto: Inst. Hist. Is. Min./Arq. Hist. Ind. Bras. 2004. p. 273-280.
- NAZARIO, Luiz; NASCIMENTO, Lyslei. (Org.). *Estudos judaicos: Brasil*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, FALE/UFMG, 2007.
- NOVINSKY, Anita; KUPERMAN, Diane. (Org.). *Ibéria-Judaica: roteiros da memória*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO DE LÍNGUA PORTUGUESA. Edição eletrônica da Positivo Informática Ltda., 2004.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. *O Brasil dos imigrantes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. O olhar do estrangeiro. In: NOVAES, Adauto. (Org.) *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 361-365.
- RAWET, Samuel. *Contos do imigrante*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.
- RAWET, Samuel. *Contos e novelas reunidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- RAWET, Samuel. Consciência e valor. *Argumento: uma livraria em revista*. Rio de Janeiro: Argumento, nº 4, mai./jun.2004.

REHFELD, Walter. *Nas sendas do judaísmo*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

ROUART, Marie-France. O mito do judeu errante. In: BRUNEL, Pierre. *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000. p. 665-671.

SCLIAR, Moacyr. *Sonhos tropicais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SCLIAR, Moacyr. *Judaísmo: dispersão e unidade*. São Paulo: Ática, 2001.

SCLIAR, Moacyr. A prosa judaica entre dois pólos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 14 abr. 1996. Caderno Mais!, p. 13.

SIMANTOB, Eduardo. A epopéia de uma língua. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 18 ago. 1996. Caderno mais!, p. 7.

VAITSMAN, Heliete, Judeus de Leopoldina. *Boletim ASA*, Rio de Janeiro, n. 104, jan./fev. 2007.

VIDAL-NAQUEL, Pierre. *Los judíos, la memoria y el presente*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, S.A., 1996.

VIEIRA, Nelson (Org.). *Construindo a imagem do judeu*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

WALDMAN, Berta. *Entre passos e rastros: presença judaica na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

WALDMAN, Berta. Jacó Guinsburg: depoimento de uma vida em curso (Roteiro & Ficção). *Cadernos de língua e literatura hebraica*, São Paulo, n. 4, p. 10, 2001.

WALDMAN, Berta. O holocausto na literatura brasileira: uma pequena anatomia da memória. *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica: Publicação do Curso de Pós-Graduação de Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas – FFLCH – USP*. São Paulo: Editora Polo, 2004.

PIGLIA, Ricardo. *Memoria y tradición*. In: CONGRESSO ABRALIC, 1, 1990, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: SEGRAC, 1991. p.60-66.

PINTO, Manuel C. Em nome da cultura universal e judaica. *Revista 18 – Centro da Cultura Judaica*, nº 8, 2004, jul./ago., p. 6-9.

QUEIROZ, Maria José de. *Os males da ausência ou a literatura do exílio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

SITES:

BRANDÃO, Paulo Henrique. As víceras expostas de Samuel Rawet. Disponível em: <http://www.debater.org.br/Frames/Conteudos/Cultura/As_vísceras_expostas_de_samuel>. Acesso em: 15 mar. 2008.

SCLIAR, Moacyr. Samuel Rawet. Disponível em:
<http://www.bestiario.com.br/11_arquivos/scliar>. Acesso em: 15 mar. 2008.

BOM Retiro, a multiétnia na região central da cidade. Disponível em:
<<http://portal.prefeitura.sp.gov.br/subprefeituras/spse/dados/historico>>. Acesso em: 15 mar. 2008.